



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA  
DOUTOURADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**DANIELLE BATISTA COIMBRA**

**ABORDAGENS E LIMITAÇÕES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO  
SUPERIOR: PERCEPÇÕES A PARTIR DA DISCIPLINA DE GESTÃO AMBIENTAL  
NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO NA CIDADE DE  
FORTALEZA-CE**

**FORTALEZA  
2011**

**DANIELLE BATISTA COIMBRA**

**ABORDAGENS E LIMITAÇÕES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO  
SUPERIOR: PERCEPÇÕES A PARTIR DA DISCIPLINA DE GESTÃO AMBIENTAL  
NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO NA CIDADE DE  
FORTALEZA-CE**

Tese submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação.

Área de Concentração: Educação Ambiental.

Orientador: Prof. PhD. João Batista de Albuquerque Figueiredo.

**FORTALEZA  
2011**

**DANIELLE BATISTA COIMBRA**

**ABORDAGENS E LIMITAÇÕES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO SUPERIOR: PERCEPÇÕES A PARTIR DA DISCIPLINA DE GESTÃO AMBIENTAL NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO NA CIDADE DE FORTALEZA-CE**

Tese submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação. Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola. Eixo Temático: Educação Ambiental, Juventude, Arte e Espiritualidade.

A citação de qualquer trecho desta tese é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica.

Aprovada em: 25/08/2011.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. PhD. João Batista de Albuquerque Figueiredo (Orientador UFC)

---

Prof. Dr. Hermínio Borges Neto (Membro UFC)

---

Prof. Dr. Luiz Botelho Albuquerque (Membro UFC)

---

Prof. PhD. Francisco Correia de Oliveira (Membro UNIFOR)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mônica Mota Tassigny (Membro UNIFOR)

## AGRADECIMENTOS

Ao meu parceiro de vida, Hernani, por todas as coisas que me fez descobrir, pelos novos caminhos que me fez trilhar, por me fazer acreditar que sempre é possível.

À minha filha, Letícia, pela experiência de ser mãe, que aconteceu no período de gestação também deste trabalho.

Ao meu pai, pela formação e exemplo de profissionalismo.

Ao meu orientador, e, acima de tudo, amigo, Professor João Batista Figueiredo, pela credibilidade e apoio incondicional.

Ao Professor Francisco Correia pelas contribuições que tanto enriqueceram este trabalho.

À Professora Mônica Tassigny, que, já na reta final, trouxe elementos tão significativos.

A Karla, que, no momento mais difícil, não me deixou desistir.

Aos colegas das faculdades que participaram da pesquisa e aos coordenadores de curso, que permitiram a realização deste trabalho.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental Dialógica, Educação Intercultural, Descolonialidade, Educação e Cultura Popular (GEAD), por todas as coisas que aprendi a reaprender.

“Suponha que nós fôssemos capazes de compartilhar significados livremente sem o desejo compulsivo de impor nossa própria visão ou nos adequarmos às visões dos outros e sem distorção nem auto-ilusão. Isto não constituiria uma revolução na cultura e eventualmente na sociedade?”

David Bohm.

COIMBRA, Danielle Batista. Abordagens e limitações da Educação Ambiental no ensino superior: percepções a partir da disciplina de Gestão Ambiental nos cursos de graduação em Administração na cidade de Fortaleza-Ce. 2011. 116 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2011.

**Perfil da autora:** Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza - UNIFOR (1998). Especialista em Comércio Exterior - UNIFOR (2000). Pesquisadora da FUNCAP, de 2002 a 2004. Representante da UNIFOR no Conselho Estadual de Meio Ambiente – COEMA (2004). Mestre em Administração. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa do Centro de Ciências Administrativas da UNIFOR.

## RESUMO

A questão ambiental tem sido discutida de forma mais significativa ao longo dos últimos 30 anos, o que gerou uma série de ações no sentido de se buscar alternativas para o enfrentamento dos problemas que passaram a fazer parte do cotidiano da sociedade. Nesse sentido, a educação passa a ser qualificada também a partir do aspecto ambiental, tendo como objetivo a formação de cidadãos preparados para esse novo cenário, dotados de consciência e senso crítico para avaliar e propor soluções visando à qualidade de vida comum, justiça social e equilíbrio ambiental. Surge, então, a Educação Ambiental, que passa a ser vista como ferramenta propulsora de mudanças, com aplicação recomendada em lei para todos os níveis de ensino formal e no ensino informal. No entanto, acredita-se que apenas uma Educação Ambiental trabalhada a partir de uma abordagem crítica é capaz de gerar os resultados que a sociedade necessita. Assim, o objetivo geral deste trabalho consistiu em avaliar como a educação ambiental vem sendo trabalhada no ensino superior a partir da realidade dos cursos de graduação em Administração na cidade de Fortaleza-Ce, verificando em que medida as práticas docentes refletem uma perspectiva crítica, bem como, de que forma as experiências vivenciadas na disciplina têm contribuído para a conscientização dos estudantes e para a adoção de posturas diferenciadas em relação ao meio ambiente. Para sua concretização, realizou-se uma pesquisa de campo, com abordagem essencialmente qualitativa, cujos dados foram levantados em quatro instituições de ensino superior da cidade de Fortaleza, a partir de entrevistas realizadas com docentes e estudantes. Os resultados apontaram que, nesses cursos, a educação ambiental trabalhada por meio da disciplina de gestão ambiental apresenta, ainda, um viés conservador, orientado para as necessidades de mercado, e que, apesar de o discurso dos estudantes estar constantemente associado ao termo “consciência ambiental”, a mesma representa uma percepção de meio ambiente limitada, a partir de uma visão acrítica.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Ensino Superior; Meio Ambiente.

## ABSTRACT

The environmental issue has been discussed more significantly over the past 30 years, generating a series of actions to find alternatives to dealing with environmental problems that have become part of everyday society. In this sense, education is now also qualified from the environmental aspect, aiming at the formation of citizens prepared for this new scenario, endowed with consciousness and critical thinking to evaluate and propose solutions for the quality of community life and social justice. Then Environmental Education emerge as a tool for driving change, with legal recommendations for all levels of formal and informal education. However, it is believed here that only an Environmental Education crafted from a critical approach is able to generate the results that society needs. The objective of this work consisted in evaluate how environmental education have been worked in higher education from the reality of graduate programs in business administration in the city of Fortaleza-Ce, checking the extent to which teaching practices reflect a critical perspective, as well like, how the experiences in the discipline have contributed to the awareness of students and to adopt different postures in relation to the environment. For its implementation, there was a field research, with essentially qualitative approach, whose data were collected in four higher education institutions of the city of Fortaleza, from interviews conducted with teachers and students. The results indicate that in these courses, environmental education, worked through the discipline of environmental management, also has a conservative bias oriented to market needs and that, despite the discourse of students to be constantly associated with the term "environmental consciousness", it represents a limited perception of the environment, from an uncritical view.

**Keywords:** Environmental Education; Higher Education; Environmental.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### QUADROS

1	Fases da relação de exploração do meio natural pelo homem.....	19
2	Evolução da concepção de homem em combinação com a evolução da concepção de natureza.....	20
3	Lista dos cursos de graduação em Administração aprovados pelo Ministério da Educação (MEC) no município de Fortaleza-Ce.....	60
4	Universo da pesquisa – cursos de Administração aprovados pelo Ministério da Educação (MEC) no município de Fortaleza-Ce.....	62
5	Resumo dos critérios da definição da amostra.....	63
6	Matriz Curricular do curso de Administração da UNIFOR.....	65
7	Matriz Curricular do curso de Administração da FAC.....	66
8	Matriz Curricular do curso de Administração da FGF.....	67
9	Matriz Curricular do curso de Administração da FAMETRO.....	68
10	Número total de alunos e número de respondentes da pesquisa.....	69
11	A tipologia das concepções sobre o ambiente na Educação Ambiental associada aos polos de análise da pesquisa.....	71
12	Resumo da formação dos Docentes participantes da pesquisa de campo.....	74
13	Respostas Docentes relativas à motivação para o trabalho com Gestão Ambiental.....	75
14	Respostas Docentes acerca da percepção sobre Educação Ambiental e objetivos da disciplina.....	79

### FIGURAS

1	Associação Respostas Tipologia Sauv� (1992,1994).....	76
2	Associação Respostas Tipologia Sauv� (1992,1994).....	81
3	Associação Respostas Tipologia Sauv� (1992,1994).....	89
4	Proposta de trabalho de EA em Administra�o.....	107

### GRÁFICOS

1	Participa�o das IES no levantamento de dados.....	74
---	---	----



## LISTA DE TABELAS

1	Sexo dos respondentes das IES.....	87
2	Inserção no mercado de trabalho.....	87
3	Inserção no mercado de trabalho.....	88
4	Mudança na compreensão sobre meio ambiente.....	88
5	Grau de responsabilidade antes e depois de cursar a disciplina.....	97
6	Mudanças após cursar a Disciplina.....	98
7	Tipos de mudanças práticas após cursar a disciplina.....	98
8	Grau de importância da disciplina para a formação profissional.....	99

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APPs	Áreas de Preservação Permanente
CRAs	Conselhos Regionais de Administração
DASP	Departamento de Administração do Serviço Público
EA	Educação Ambiental
EAESP	Escola de Administração de Empresas de São Paulo
EBAP	Escola Brasileira de Administração Pública
FIC	Faculdade Integrada do Ceará
FAC	Faculdade Cearense
FAMETRO	Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza
FEA	Faculdade de Economia e Administração
FGF	Faculdade Integrada da Grande Fortaleza
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GEAD	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental Dialógica, Educação Intercultural, Descolonialidade, Educação e Cultura Popular
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IUCN	<i>International Union for the Conservation of Nature</i>
MEC	Ministério da Educação
NUTEC	Fundação Núcleo de Tecnologia Industrial do Ceará
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
SINDVERDE	Sindicato das Empresas de Reciclagem de Resíduos Sólidos Domésticos e Industriais do Estado do Ceará
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>
UNIFOR	Universidade de Fortaleza
USP	Universidade de São Paulo
WCED	<i>World Commission on Environment and Development</i>
WWF	<i>World Wildlife Fund</i>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO: UMA ASSOCIAÇÃO NECESSÁRIA.</b>	<b>18</b>
2.1	A história da Educação para o Meio Ambiente ou “Educação Ambiental”.	26
<b>3</b>	<b>EDUCAÇÕES AMBIENTAIS E O ENSINO SUPERIOR.....</b>	<b>32</b>
3.1	Um breve panorama da Educação Ambiental no ensino superior.....	41
<b>4</b>	<b>A ADMINISTRAÇÃO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....</b>	<b>46</b>
4.1	A Educação Ambiental nos cursos de Administração.....	53
<b>5</b>	<b>O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....</b>	<b>60</b>
5.1	O universo da pesquisa.....	60
5.2	Coleta de dados.....	69
5.3	Análise dos dados.....	70
<b>6</b>	<b>RESULTADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>73</b>
6.1	Análise do discurso docente.....	74
6.2	Análises do discurso discente.....	87
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>106</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>110</b>
	<b>APÊNDICE A – Pesquisa: educação e gestão ambiental no ensino superior</b>	<b>113</b>
	<b>APÊNDICE B - Pesquisa: educação e gestão ambiental no ensino superior.</b>	<b>115</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“[...] O mundo real é resultado do programa existente em nosso cérebro. Para mudar o mundo, é preciso mudar o programa [...]”

The Matrix..., 2003.

As questões ambientais, ou as discussões acerca dos problemas que atingem a humanidade, deixaram de ser exclusividade de alguns grupos e passam a ser domínio da sociedade. Atualmente, é lugar comum falar sobre a crise ambiental e suas consequências atuais e futuras para a humanidade, no entanto, ao que parece, quanto maiores as discussões, a visibilidade, os grandes movimentos, maior também o descaso, a falácia em torno da matéria. Transformações reais e significativas que indiquem um caminhar em uma nova direção não podem ser, “ainda”, percebidas de forma significativa.

Temáticas como o consumismo, a produção, tratamento e eliminação do lixo, a contaminação do solo e da água por poluentes de diversos tipos, a contaminação do ar, que afeta o clima mundial pela emissão de gases de efeito estufa, as doenças que surgem e outras que se agravam em função da utilização e descarte inadequado de produtos químicos como agrotóxicos, a perda de biodiversidade, as queimadas, dentre outras, têm dominado os meios de comunicação em massa. Tratados e acordos são realizados em busca de solucioná-las ou, pelo menos, mitigá-las, mas a sensação é de inalteração do contexto.

Crê-se que essa inércia esteja associada ao fato de que o meio ambiente não se restringe apenas aos problemas citados anteriormente, cuja origem compreende aspectos bem mais abrangentes relacionados ao modelo de sociedade vigente, seus princípios, valores, atitudes e comportamentos. A demanda incessante por bens materiais tem corroborado o comprometimento dos recursos e condições que garantem a manutenção da vida no planeta.

Assim, desastres ambientais de grande proporção continuam comprometendo a continuidade de diversas espécies, inclusive a humana, apesar de toda a tecnologia disponível. O discurso do Desenvolvimento Sustentável contribui para que se dissemine entre as pessoas e instituições a visão de que todos os tipos de

problemas existentes podem ser solucionados, de que todos os impactos ambientais podem ser mensurados e gerenciados, mas, o que se vê na prática, não é isso.

Nesse sentido, torna-se urgente e necessário que a sociedade se perceba parte responsável por essas questões e passe a atuar como agente de mudanças. As mudanças que promoverão uma transformação, em termos culturais e de valores, da sociedade, fomentando a adoção de novas posturas perante o meio ambiente, requerem aprendizado, pelas novas gerações, e reaprendizado, pelas gerações anteriores. Utilizando-se o trecho que epigrafa esta introdução como ilustração do que se está a afirmar, “para mudar o mundo, é preciso mudar o programa”. (THE MATRIX..., 2003).

Em todas as instâncias, quer na esfera pública ou privada, esse tema assume relevância significativa e a formação em todas as áreas do conhecimento incorpora o aspecto ambiental como um elemento chave, já que soluções criativas e inovadoras precisam surgir, além de uma nova consciência, que precisa ser gerada e multiplicada.

Todos precisam estar cientes das contribuições que podem oferecer, positiva ou negativamente, para a construção de uma nova história, de uma nova relação com o meio ambiente, tendo a educação ambiental como ferramenta adequada para estimular a capacidade crítica dos cidadãos, tornando-os protagonistas das transformações individuais e coletivas no meio natural e social em que vivem. No entanto, ressalta-se que, para que seja eficaz, essa ferramenta precisa ser trabalhada de forma ampla, contextualizando e problematizando as questões que afetam a cada indivíduo no seu dia a dia.

Assim, faz-se necessário que as instituições de ensino, como um dos núcleos importantes da sociedade, oportunizem a formação de cidadãos e cidadãs críticos e conscientes ambientalmente. No entanto, o que se percebe são inúmeras fragilidades em relação à educação ambiental no ensino superior, tanto em termos quantitativos, quanto qualitativos.

Com base nessa realidade, optou-se pela realização de uma pesquisa cujo objetivo geral consiste em analisar as abordagens e limitações da Educação Ambiental no ensino superior, a partir da realidade dos cursos de Administração na cidade de Fortaleza-Ce, buscando-se verificar até que ponto o tema vem sendo trabalhado localmente numa perspectiva crítica, capaz de promover mudanças de

ordem ideológica e prática na vida dos discentes que vivenciam a disciplina de Gestão Ambiental ou Gestão Ambiental e Responsabilidade Social.

Quanto aos objetivos específicos, focou-se em aspectos relativos às características e ao perfil dos docentes que ministram essas disciplinas nos cursos de administração; às estratégias adotadas em sala de aula e aos objetivos pretendidos com a disciplina, bem como nas mudanças relativas aos discentes, considerando-se questões teóricas e práticas apontadas após a conclusão da disciplina de Gestão Ambiental.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de campo, com abordagem essencialmente qualitativa, iniciada a partir de levantamentos bibliográfico e documental que contemplaram aspectos de ordem conceitual e técnica. As instituições de ensino foram levantadas a partir de pesquisa realizada no sítio eletrônico do Ministério da Educação (MEC), a partir da página do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), atualmente apresentada como e-MEC. Quanto às matrizes curriculares, foram levantadas nos sítios eletrônicos das instituições selecionadas como amostra.

O universo de pesquisa compreendeu todas as Instituições de Ensino Superior de Fortaleza que oferecem cursos de graduação em Administração e apresentavam, nas matrizes curriculares do curso, a disciplina Gestão Ambiental ou correlata de forma obrigatória.

Atenderam a esses critérios quatro Instituições de Ensino Superior da cidade de Fortaleza-Ce: a Universidade de Fortaleza (UNIFOR), a Faculdade Integrada da Grande Fortaleza (FGF), a Faculdade Integrada do Ceará (FAC) e a Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza (FAMETRO). A Faculdade Christus também atendia aos critérios estabelecidos para a definição do universo de pesquisa, no entanto, não autorizou a realização da pesquisa. O período de levantamento foi de 20 a 30 de novembro de 2009.

Foram entrevistados quatro docentes que ministram a disciplina de Gestão Ambiental no curso de Administração e aplicados 131 questionários com os discentes que estavam concluindo a disciplina no período de aplicação dos questionários.

O perfil e as características docentes, bem como os objetivos e as estratégias de trabalho em sala de aula, foram levantados a partir dos elementos marcantes nos

discursos dos docentes, que foram transcritos e organizados levando-se em consideração os objetivos do trabalho.

No que se refere aos discentes, os questionários focaram principalmente as mudanças que a disciplina fomentou nos campos teórico e prático nas suas relações com o meio ambiente. A partir disso, considerando-se o conceito de Educação Ambiental Crítica e seus elementos fundantes, avaliou-se o nível de criticidade presente nas respostas, retratando-se, assim, a realidade do trabalho com educação ambiental nessas disciplinas.

Os dados foram analisados com o auxílio do *software* SPHINX, que possibilitou que fossem trabalhados os textos e realizados cruzamentos de dados quantitativos e qualitativos. Os resultados da pesquisa indicam, no que tange aos docentes, uma limitação, não apenas em relação ao trabalho realizado na disciplina, mas também ao conceito pessoal formulado sobre o tema.

Com relação aos discentes, apesar das mudanças apontadas em seus discursos, é possível perceber a presença de elementos predominantemente associados a uma visão ingênua e naturalista sobre o meio ambiente ou às questões de mercado. O conteúdo dos discursos não reflete as mudanças práticas indicadas pelos mesmos.

Entende-se que as mudanças são urgentes e necessárias, mas, ao mesmo tempo, difíceis. Urgentes e necessárias porque não se tem, agora, outra opção, se se quiser ao menos pensar em um futuro de qualidade para todos; difíceis, porquanto dependem de outras mudanças, e isso significa sair do comodismo, da zona de conforto, abrir mão de si mesmo em prol de um ideal maior, sem se descartar o que se vive, mas considerando-se as experiências como fonte de aprendizado. Mudanças efetivas precisam estar pautadas numa ação humilde, determinada e persistente, que parte do reconhecimento das fragilidades, mas também, das potencialidades, num compromisso de crescimento contínuo.

Tomando-se como base a realidade dos cursos de graduação em Administração na cidade de Fortaleza-Ce, das 20 instituições pesquisadas, apenas sete possuíam a disciplina de Gestão Ambiental ou correlata presente em suas matrizes curriculares e, dessas, apenas quatro estavam, de fato, ofertando a disciplina.

Além disso, apesar dos avanços percebidos no que se refere à disseminação de informações sobre o tema, ainda estão presentes, nos discursos docentes e

discentes, muitas limitações, em relação não apenas ao conteúdo da educação ambiental, mas ao próprio conceito de ambiente.

A Gestão Ambiental, ou Gestão Ambiental e Responsabilidade Social, disciplina presente nas matrizes curriculares em decorrência dos padrões definidos pelas Diretrizes Curriculares para a área, é trabalhada ainda com uma forte orientação para o mercado. Os futuros Administradores devem mostrar-se aptos a apresentar soluções para que os empresários de qualquer natureza possam manter-se competitivos nesse novo momento. O ambiental é uma externalidade que precisa ser eliminada; é um custo adicional para a empresa que deve ser gerenciado e minimizado, não importando, em muitos casos, as consequências decorrentes dessas práticas.

Isso se reflete na formação dos profissionais, que, apesar do discurso da consciência e da responsabilidade socioambiental, acham utópica a ideia de se preservar ou não agredir a natureza em detrimento do alcance de resultados, como se essa agressão não revertisse contra o bem comum. Sociedade e natureza são vistas de forma dissociada e as interações podem ser dominadas pelo homem.

O padrão de ensino ainda está fortemente atrelado a uma cultura conservadora, disciplinar, reprodutora de conceitos, que não forma indivíduos para a vida, mas para as exigências do mercado, com foco em aspectos técnicos e instrumentais. O que é trabalhado é o saber da classe dominante, que nega o reconhecimento da capacidade das pessoas de serem reflexivas, de poderem construir seus próprios conhecimentos. A formação profissional ainda se destaca em relação à formação cidadã.

Neste sentido, é mais do que necessário, nesse momento, superar esse padrão e se considerar a educação como a base do processo de transformação da sociedade. Apenas por meio dela as mudanças poderão ser percebidas na prática. No entanto, vale ressaltar que existem dois caminhos que podem ser percorridos quando se trata de Educação.

Um deles parte de uma visão conservadora, alinhada a práticas de instrumentalização, que apresenta como característica básica o depósito de conhecimentos, informações, dados e fatos no aluno, acumulados com uma visão de produto que pode e deve ser mensurada em relação aos resultados obtidos. Esse modelo propicia a formação de hábitos e reações estereotipadas, aplicáveis apenas



a situações já conhecidas ou vivenciadas. O passado se configura como um modelo ideal para conservar a sociedade e manter seu *status quo*.

O outro parte de uma perspectiva crítica que privilegia o princípio da interação e procura situar o ser humano no tempo e no espaço a partir de uma percepção individual de inserção no contexto socioeconômico, político e cultural que o influencia diretamente. Cada um é visto como sujeito, e, enquanto sujeito, reflete criticamente sobre seu ambiente e sua realidade, tornando-se gradualmente consciente e comprometido, capaz, por conseguinte, de intervir ativamente e transformar o mundo ao seu redor.

A educação se faz, então, por uma aproximação contínua com a realidade, pela qual perpassa o conceito de conscientização. Acredita-se que é com base nesse modelo educacional que se pode efetivamente contribuir, como educadores, para uma reorientação ou redirecionamento, e até, porque não dizer, RECONSTRUÇÃO da sociedade.

Entende-se que o modelo de Educação Ambiental disseminado por meio das disciplinas relacionadas ao tema meio ambiente nos cursos de graduação em Administração na cidade de Fortaleza-Ce está, ainda, fortemente atrelado à visão conservadora de educação, o que restringe a percepção dos estudantes e não os prepara adequadamente para assumir os desafios que se lhes apresentam, tanto no contexto pessoal, quanto no profissional.

Assim, este trabalho traz importantes contribuições, pela sua abrangência, já que realizou um levantamento abrangente que compreendeu todos os cursos de Administração ofertados por Instituições de Ensino Superior credenciadas pelo MEC; e pelo foco de análise do tema, pois aborda o trabalho com Educação Ambiental a partir de uma perspectiva crítica, procurando verificar em que medida ela está presente no contexto de trabalho no ensino superior, focando em uma área específica, porém generalista, que é a Administração.

Os profissionais da área precisam ser formados com um novo perfil. Dessa forma, um estudo que revele as abordagens e limitações da Educação Ambiental nesses cursos possibilitará um repensar de conteúdos e metodologias de trabalho por parte dos docentes, contribuindo para que novas alternativas sejam identificadas e que uma perspectiva predominantemente crítica faça parte da realidade de trabalho desses sujeitos. Tudo isso tende a direcionar o processo de formação no

sentido de contribuir com a formação de cidadãos e cidadãs conscientes e ativos nos processos de mudanças que envolvem a sociedade.

Os resultados obtidos, devidamente trabalhados, vieram a compor esta tese, formatada a partir da seguinte estrutura, que tem como primeiro capítulo esta introdução:

O segundo capítulo apresenta um recorte que associa meio ambiente e educação, reforçando-a como ferramenta de solução para os problemas ambientais que se apresentam atualmente, e também um pouco da história da educação para o meio ambiente ou Educação Ambiental.

O terceiro trata dos conceitos e linhas da Educação Ambiental, trazendo também informações que retratam o panorama da Educação Ambiental no Ensino Superior.

O quarto capítulo, na continuidade, resgata um pouco da origem dos cursos de Administração, bem como o cenário da Educação Ambiental na área.

O quinto e o sexto capítulos apresentam, respectivamente, os procedimentos metodológicos e as análises e resultados da pesquisa.

Esse trabalho, coroado por algumas considerações extraídas da pesquisa à guisa de conclusão, compondo o sétimo capítulo, é um meio de contribuir com reflexões nesse campo e apontar novos caminhos para a formação de profissionais da área que atuem na sociedade como “**Cidadãos Administradores**” e não como “**Administradores Cidadãos.**”

## 2 MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO: UMA ASSOCIAÇÃO NECESSÁRIA

A natureza fez tudo a nosso favor, nós, porém pouco ou nada temos feito a favor da natureza. Nossas terras estão ermas, e as poucas que temos roteado são mal cultivadas, porque o são por braços indolentes e forçados. Nossas numerosas minas, por falta de trabalhadores ativos e instruídos, estão desconhecidas ou mal aproveitadas. Nossas preciosas matas vão desaparecendo, vítimas do fogo e do machado destruidor da ignorância e do egoísmo. Nossos montes e encostas vão-se escalvando diariamente, e com o andar do tempo faltarão as chuvas fecundantes que favoreçam a vegetação e alimentem nossas fontes e rios, sem o que o nosso belo Brasil, em menos de dois séculos, ficará reduzido aos páramos e desertos da Líbia. Virá então este dia (dia terrível e fatal), em que a ultrajada natureza se ache vingada de tantos erros e crimes cometidos.

Silva, 1823.

O encontro entre meio ambiente e educação se fortalece num cenário de crise, que se acredita tenha como origem principal a ausência de uma percepção adequada que se estabelece na relação entre o humano e o ambiente em que se insere.

Admite-se, assim, que os problemas que vêm afetando gravemente a sociedade decorrem, em sua maioria, de escolhas erradas feitas no passado e que deixam explícita a desconexão que se instaurou gradativamente e que fez com que o homem passasse a não se perceber mais como parte integrante do meio ambiente.

O processo de intensificação da exploração da natureza vem aumentando em função do surgimento de “outras necessidades”, que extrapolam as questões de sobrevivência para atender a demandas “produzidas” pela sociedade capitalista, em seu afã de formar um número cada vez maior de consumidores para engrossar o seu já significativo exército.

O Quadro 1 descreve as mudanças que ocorreram na relação que se estabeleceu entre o homem e o meio natural ao longo de sua existência e os períodos que demarcam a história:

Quadro 1 – Fases da relação de exploração do meio natural pelo homem.

PERÍODO	TIPO DE EXPLORAÇÃO
<b>PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relação de subsistência sem motivação econômica.</li> <li>- Exploração do meio para alimentação e produção de ferramentas necessárias para a manutenção da vida.</li> </ul>
<b>I REVOLUÇÃO AGRÍCOLA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crescimento populacional e aumento da demanda por alimentos.</li> <li>- Intensificação da produção a partir da adoção de sistemas de rotação de culturas com plantas forrageiras.</li> <li>- Início do uso de fertilizantes, tratos culturais e métodos de irrigação.</li> </ul>
<b>II REVOLUÇÃO AGRÍCOLA</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Descobertas científicas e tecnológicas: fertilizantes químicos, melhoramento genético, máquinas e motores à combustão.</li> <li>- Nova fase nos sistemas agropecuários, na qual a forma de conceber e gerenciar a atividade rural passa a ser chamada de Agricultura Industrial (AI), Agricultura Convencional ou Agricultura Química.</li> <li>- Descobertos e lançados os fertilizantes químicos e iniciado o emprego de sementes manipuladas geneticamente para o aumento da produtividade, associado ao uso de agroquímicos (agrotóxicos e fertilizantes) e da maquinaria agrícola.</li> <li>- Presença marcante de motivação econômica.</li> </ul>
<b>REVOLUÇÃO INDUSTRIAL</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O motor a vapor, os combustíveis fósseis e outras descobertas mudaram as formas e ritmos primários de vida, os quais eram geralmente regenerativos.</li> <li>- Todas as transformações representaram mudanças significativas no estilo de vida, na cultura e nos valores de toda a sociedade.</li> <li>- Os padrões de produção e consumo também mudaram criando nas pessoas sentimentos de prazer e reconhecimento associados a capacidade de consumo.</li> <li>- Predominância da motivação econômica.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora (2011).

É possível se associar as mudanças apontadas ao modelo de sociedade que dominou e ainda domina o mundo com seus princípios e valores. O meio natural foi, de forma gradativa, deixando de ser visto como fonte de sobrevivência para a sociedade, passando a se afirmar como oportunidade de negócios, fonte de lucros e riquezas materiais.

Confirmando essa ideia, Guimarães (2005) afirma que, nos últimos cinco séculos da civilização humana, momento em que se desenvolveu o atual modelo de sociedade urbano-industrial, os valores predominantes estiveram associados a várias correntes da cultura ocidental, dentre elas a Revolução Científica, o Iluminismo e a Revolução Industrial, o que gerou uma postura de distanciamento em relação ao meio ambiente, fomentando, com isso, a intensificação de sua exploração.

Esse distanciamento tem também uma relação com um modelo educacional pautado na reprodução de conceitos definidos como padrão para a sociedade, de maneira geral. Isso vem, então, se refletir nas atitudes e posturas dos indivíduos em todas as suas ações, inclusive na relação com o meio ambiente.

Nesse sentido, são claras as alterações que ocorreram nessa relação ao longo do tempo, considerando-se os aspectos relacionados à visão que o homem detinha sobre a natureza associados ao modelo de educação que marcou cada período.

Quadro 2 – Evolução da concepção de homem em combinação com a evolução da concepção de natureza.

PERÍODO	MODELO DE EDUCAÇÃO	CARACTERÍSTICAS DO HOMEM	VISÃO DA NATUREZA
<b>GRECO ROMANO</b>	Conhecimento da verdade (filósofos) e reprodução de conceitos tidos como “verdadeiros” (sofistas).	Fala, discursiva.	A natureza é Divina.
<b>RENASCIMENTO</b>	Razão como forma de alcance do conhecimento.	Desnaturizado, ruptura com o natural.	Mecânica, matemática.
<b>CAPITALISMO FASE 1ª</b>	<b>Educação Bancária</b>	Mão-de-obra.	Engrenagem física.
<b>CAPITALISMO FASE 2ª</b>		Elemento de Produção.	Capital.
<b>CAPITALISMO AVANÇADO</b>		Consumidor. População. Estatístico.	Recurso Natural. Mercadoria. Utilitária.

Fonte: Patamella e Amorim (2010). Elaborado pela autora.

No período Greco-Romano, apesar das grandes influências de seus filósofos, percebe-se, a partir da história, que existia uma educação pautada na reprodução de conceitos tidos como verdadeiros. O homem, devido à influência sofista, desenvolve suas habilidades discursivas com a intenção de apresentar ideias a partir da visão de outros. A natureza é divina, entrando, aqui, o aspecto da contemplação.

No Renascimento, a razão é o elemento marcante para o alcance do conhecimento, motivo em razão do qual, provavelmente, se inicia a ruptura com o natural, já que surgem ciências como a mecânica, a matemática, a astronomia. Esse período mantém muitas características da cultura clássica (greco-romana), mas já representa um momento de transição para as estruturas de feudo capitalistas, o que demarca ainda mais o distanciamento do natural. O capitalismo, com sua vertente

associada ao consumo, transforma o homem em ferramenta e consolida a ruptura com o meio natural.

Assim, o humano e o natural passaram a ocupar polos opostos, e, de forma gradativa, o homem assume posição de superioridade, o que legitima sua utilização dos recursos naturais de forma irracional e desordenada. A ideia de suprimento das necessidades a partir da exploração dos recursos naturais justifica a atuação irresponsável em relação à utilização dos mesmos.

O conceito de meio ambiente foi reduzido, durante um longo período, a um enfoque naturalista, evocando apenas a vida biológica, a natureza e a vida selvagem, com a natureza sendo tratada de forma independente da interação com o mundo cultural humano. Os aspectos de ordem social, política, cultural, econômica e as interações entre os mesmos não estavam contemplados pelo conceito.

Isso acarretou - e ainda acarreta fortemente - a desnaturalização do ser humano, que passa a acreditar que os recursos estão disponíveis para serem utilizados, numa visão predominantemente antropocêntrica.

Quanto mais afastadas as pessoas estão do meio natural, menor o valor que atribuem ao mesmo. A visão sobre a natureza passa a ser romântica, de contemplação, mas não se percebe a parcela de contribuição que todos devem oferecer para garantir a perenidade dos recursos e a qualidade de vida da humanidade.

O modelo capitalista que rege a sociedade atual apregoa que o crescimento econômico é capaz de proporcionar melhores condições de vida à sociedade e, nesse contexto, a educação acaba reforçando esses valores a partir do que é multiplicado no âmbito das instituições de ensino.

A qualidade de vida passou a ser avaliada fundamentalmente pela capacidade de consumo, razão pela qual a maioria das pessoas não mede esforços para suprir seus “desejos”. Desejos, porque extrapolam as necessidades básicas dos indivíduos. São, na verdade, o que se denomina, na área do Marketing, de “necessidades latentes”, ou seja, não se sabe que existem até que alguma empresa lance um novo produto ou serviço no mercado.

Esse modelo de sociedade, pautado na procura incessante do “material”, vem exaurindo os recursos naturais do planeta sem, no entanto, melhorar as condições de vida de grande parte da população da Terra.

As ações antrópicas têm sido imperativas em relação ao meio natural, gerando desafios sem precedentes no que se refere à capacidade limitada dos ecossistemas naturais para atender às demandas humanas consideradas básicas. Em muitos países, as pessoas já sofrem as consequências da falta de recursos como a água potável, o que gera problemas do ponto de vista da saúde, da infraestrutura, da educação. É um círculo vicioso difícil de ser quebrado e as pessoas tornam-se reféns dessa situação, até mesmo porque não “sabem” como superá-la.

O preço a pagar tem sido cada vez mais alto e a degradação produzida é uma via de duas mãos. O homem prejudica o equilíbrio do meio natural a partir de suas ações e o meio natural tem respondido com catástrofes de grande proporção às agressões humanas.

Destacam-se, na continuidade, eventos e situações que retratam essa realidade de degradação e de questões associadas aos modelos de produção e consumo implementados no mundo inteiro e que têm como pilar o crescimento econômico.

São acidentes que marcaram a história mundial das questões ambientais ou eventos e situações locais que retratam o privilégio conferido a certas camadas sociais em detrimento do prejuízo de outras, sem se considerar o bem comum:

- **1960:** Minamata – Japão: empresa despeja grandes quantidades de mercúrio na baía de Minamata contaminando, inicialmente, gatos e, posteriormente, os pescadores e suas famílias, que tiravam seu alimento e sustento daquela área. Mais de 1.500 pessoas morreram e, por mais de 10 anos, vítimas ainda apresentavam sintomas associados à contaminação por mercúrio;
- **1976:** Seveso – Itália: nuvem de dioxina escapou de uma indústria química, a ICMESA. Três mil animais foram mortos e sete mil, sacrificados. Mais de 193 pessoas nas áreas afetadas sofreram de cloracne e outros sintomas;
- **1979:** *Three Mile Island* – Pensilvânia - Estados Unidos: reator atômico avariado da usina de *Three Mile Island* descarregou no ar gás radiativo e provocou a retirada de 300 mil pessoas de suas casas. Um dia depois foi medida a radioatividade em volta da usina, que alcançava até 16 quilômetros, com intensidade de até oito vezes maior que a letal. Foram evacuadas, de uma área de até cinco milhas, todas as mulheres grávidas e crianças em idade pré-escolar;

- **1984:** Vila Socó – Cubatão – Brasil: duto da Petrobrás deixou vazar gasolina provocando um incêndio que matou 93 pessoas oficialmente e mais de 500 em números extraoficiais;
- **1984:** Bhopal – Índia: a *Union Carbide*, uma das maiores indústrias químicas do mundo, descarregou no ar 25 mil toneladas de isocianato de metila – gás letal – provocando a morte de 3.400 pessoas. Mais de 500 mil pessoas, em sua maioria trabalhadores, foram expostas aos gases, e, pelo menos 27 mil morreram por conta disso. Cerca de 150 mil pessoas ainda sofrem com os efeitos do acidente e aproximadamente 50 mil estão incapacitadas para o trabalho;
- **1986:** Chernobyl – Rússia: explosão de um dos quatro reatores da usina nuclear soviética de Chernobyl, lançando na atmosfera uma nuvem radioativa. Um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2005 atribuiu 56 mortes a esse evento até aquela data – 47 trabalhadores acidentados e nove crianças com câncer da tireoide. Um estudo feito em 2005 (quase 20 anos depois) aponta que morreram de câncer entre 30 mil e 60 mil pessoas, vítimas do vazamento de Chernobyl;
- **1989:** Exxon Valdez – Alasca: navio superpetroleiro, o Valdez, a serviço da Exxon, bateu na costa do Alasca, deixando escapar 260 mil barris de petróleo, imergindo em óleo praticamente toda a fauna da região;
- **2000:** Rio de Janeiro, Brasil: a maior estatal brasileira, a Petrobras, foi responsável, no dia 18 de janeiro, pelo derramamento de mais de um milhão de litros de óleo na baía de Guanabara. Em julho do mesmo ano, mais um acidente: dessa vez, cerca de quatro milhões de litros de óleo cru vazam de refinaria em Araucária (PR);
- **2002:** Espanha: navio Prestige, das Bahamas, afundou a 250 quilômetros da região da Galícia. Cerca de 15 mil pássaros foram afetados;
- **2010:** Golfo do México: plataforma de petróleo da empresa *British Petroleum* explodiu, deixando 11 funcionários desaparecidos e uma mancha de óleo que se espalhou rapidamente pela costa dos Estados Unidos. Ainda não se sabe a real extensão do acidente;
- **2011:** Fukushima: o terremoto de 8,9 graus na escala Richter e o tsunami que abalaram o Japão em março provocaram danos na usina nuclear de Fukushima, localizada na região nordeste da ilha. Vazamentos radioativos foram registrados e



um iminente desastre nuclear mobilizou a comunidade internacional. Houve vazamento radioativo e os níveis de radiação no entorno da usina superaram em oito vezes o limite de segurança, forçando a evacuação da população em um raio de 20 km ao redor da usina;

- Incentivos fiscais oferecidos pelo Governo do Estado do Ceará a partir da segunda metade da década de 80 impulsionaram a industrialização, gerando e agravando problemas ambientais em decorrência das fragilidades dos processos de licenciamento ambiental e da falta de infraestrutura para dar conta da fiscalização das instalações e operações das indústrias que foram instaladas em áreas residenciais e trouxeram uma série de prejuízos para as comunidades que habitavam o entorno dos empreendimentos;
- A indústria da Carcinicultura, que levou em conta unicamente os custos de mercado, em detrimento dos danos ambientais, ecológicos, culturais, sociais e à biodiversidade. Comunidades foram expulsas de suas atividades tradicionais. Índios estão em grave perigo de perder suas bases alimentar e cultural. Pescadores foram torturados, ameaçados de morte e impedidos de pescar. Agora, urge a imediata paralisação das atividades de produção de camarão em Áreas de Preservação Permanente (APPs) e a recuperação dos setores degradados;
- As alterações ambientais decorrentes da construção e implantação do Porto do Pecém;
- A indústria de cerâmicas vermelhas, que utiliza lenha como combustível, acelerando o desmatamento, em níveis alarmantes, e cuja extração de argila é feita de maneira degradante. No Ceará, são mais de 300 indústrias desse tipo instaladas;
- Os grandes empreendimentos hoteleiros que são instalados no litoral cearense sob a justificativa de geração de emprego e renda, mas que têm comprometido os ecossistemas locais e a qualidade de vida dessas comunidades;
- A pesca predatória, que tem comprometido a reprodução de diversas espécies de peixes e mariscos e a qualidade de vida das comunidades pesqueiras; e
- O uso de agrotóxicos nos projetos de irrigação da Chapada do Leste Apodi, que compromete a saúde das pessoas que consomem os produtos causadores de doenças como câncer.

A gravidade e abrangência com a qual esse tipo de situação acontece é variável, no entanto, todas decorrem, fundamentalmente, de um modelo de sociedade que traz em sua essência concepções e propostas que reproduzem ideias para conservar uma racionalidade de dominação da natureza e de exclusão social.

Estas ideias são multiplicadas em todas as instâncias, inclusive nas instituições de ensino, que “formam apenas para o mercado de trabalho”, como se a educação estivesse restrita a esse propósito.

Os profissionais passam a ter mais valor que os indivíduos. Essa abordagem parcializa a realidade, privilegiando alguns segmentos em detrimento de outros a partir de uma visão economicista de mundo que não é adequada para o enfrentamento e a superação dos problemas ambientais e da crise que se instaurou.

Para Giddens (1991), essa forma de ver o mundo é um reflexo da modernidade, que se manifesta por meio dos costumes ou formas de organização social que surgiram na Europa ainda no século XVII, mas se tornaram padrão de influência para o mundo inteiro.

A modernidade está intimamente associada à industrialização e ao capitalismo, que se tornaram a base da força organizacional e da vida social moderna. Isso se reflete, inclusive, nas propostas de ações apresentadas à sociedade pelo poder público e organizações que tratam especificamente dessas questões. Por mais que o contexto de discussões e propostas para solucionar os problemas ambientais da atualidade sugira um novo cenário, o que se pode observar é que a preservação do *status quo* é ainda a regra básica que se aplica.

A Educação Ambiental apresenta-se, hoje, como um modelo de Educação que pode contribuir com as mudanças estruturais necessárias e prementes ao mundo, envolvendo estilos sustentáveis de vida, ética, padrão cultural e equidade compatíveis com a Sustentabilidade.

Figueiredo (2007) afirma que, segundo o Discurso Oficial sobre Sustentabilidade, o Desenvolvimento Sustentável se propõe a ser uma forma de desenvolvimento que busca compatibilizar objetivos distintos, de modo que nenhum deles seja prejudicado ou prejudique o objetivo do outro, permanecendo nos limites da capacidade de suporte do Planeta, de modo a não comprometer a integridade dos sistemas que mantêm a vida na Terra, nem no presente, nem para as gerações futuras.

Entretanto, esse desenvolvimento é proposto a partir de um modelo civilizatório Capitalista que prioriza o consumo e o lucro, centrando suas atenções no processo acumulador, gerador de pobreza e miséria, em escala mundial. Logo, precisa-se de uma Educação Ambiental que rompa com essa estrutura de exploração, de dominação, como explica Figueiredo:

A Educação Ambiental hegemônica, que se insere de modo globalizado, apresenta esta tendência embutida no tecnicismo, na participação das populações em ações pontuais, nos planejamentos e decisões governamentais centralizadas que não afrontam o modelo capitalista de modo conseqüente. (FIGUEIREDO, 2007, p. 79)

Dessa forma, não será possível influenciar a sociedade no que tange a uma mudança de valores e de uma cultura predominante, que a todo o momento recebe milhões de estímulos para o seu fortalecimento.

O tratamento das questões ambientais ainda acontece numa esfera muito mais teórica do que prática, além de ter que lidar com o reducionismo presente nos diversos níveis de ensino. As diretrizes para o trabalho com a Educação ambiental não foram ainda completamente incorporadas aos ambientes de aprendizagem.

Não é possível se construir o diferente a partir do igual. Assim, a educação, e, mais especificamente, a educação ambiental, assume fundamental importância para a superação dos problemas atuais, no intuito de conter ou mesmo fazer retroceder o quadro instalado, tendo em vista a construção de uma sociedade ambiental e socialmente equilibrada. O foco não é apenas “salvar” a natureza, mas contribuir para uma melhora na qualidade de vida em nível social, político, econômico.

## 2.1 A história da Educação para o Meio Ambiente ou “Educação Ambiental”

Até a década de 60 não se pode afirmar que havia uma educação voltada para o meio ambiente. Segundo Figueiredo (2003, p. 55), “ficou constatado que nos anos 50-60, o ambiente era visto apenas como um componente a mais no processo pedagógico.”

A educação começou a ser associada ao meio ambiente impulsionada pelos movimentos sociais e eventos que marcaram as discussões ambientais em nível mundial. Essas discussões foram tomando corpo e se ampliando em paralelo às discussões mais gerais sobre a importância do meio ambiente e as necessidades de

se trilhar novos caminhos na busca por um modelo de desenvolvimento que o considere elemento crucial associado à qualidade de vida das pessoas.

Foi a *International Union for the Conservation of Nature* (IUCN), em 1948, que definiu pela primeira vez a Educação Ambiental. (FERNANDES NETO, 2005). Os primeiros trabalhos que citam ou se referem à Educação Ambiental datam da década de 60. A terminologia “Educação Ambiental” foi mencionada, pela primeira vez, em um artigo publicado em 1965, no encontro *The Keele Conference on Education and the Countryside*. (CARVALHO, 1989).

A década de 60 viu nascer também, de forma efetiva, o movimento ambientalista (CARVALHO, 1989; FIGUEIREDO, 2003; KIOURANIS, 2001), marcado pela obra de Raquel Carson, *Silent Spring*. Também surge a primeira Organização Não Governamental (ONG) ambientalista de alcance mundial, a *World Wildlife Fund* (WWF), criada no ano de 1961. Segundo Kiouranis (2001, p. 14), os projetos dessas instituições estavam direcionados a “[...] espécies individuais, áreas virgens, apoios organizacionais existentes, educação para conservação, etc [...]”, ações comuns às ONGs ambientalistas do período, o que não surtiu muito efeito no Brasil.

Um pequeno movimento que pode ser destacado em nível nacional foi o *Manifesto Ecológico*, escrito pelo professor José Luxemburgo, em 1975. Nesse período, já é grande a inquietação em relação à problemática ambiental e a Educação, agora denominada de “Ambiental”, assumiria a responsabilidade de dar conta da questão. Nessa perspectiva, a Educação Ambiental já nasce como tema de grande relevância. A educação é, sem dúvida, o caminho mais acertado para que se construam novas possibilidades de ação e para que as pessoas tenham um entendimento real das situações que as cercam.

Em 1968, a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*<sup>1</sup> (UNESCO), junto aos seus 79 países membros, desenvolve um estudo sobre o meio ambiente e a escola e destaca, em suas conclusões, que o meio ambiente se constitui como um conceito que envolve aspectos de ordem social, política, econômica, cultural e ética, além dos aspectos físicos, biológicos e químicos já conhecidos. Esse estudo representa um grande avanço no sentido de uma maior

---

<sup>1</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

aproximação na relação homem *versus* natureza, quebrando a dicotomia presente até então.

Em 1972, acontece a I Conferência Mundial sobre Meio Ambiente Humano e Desenvolvimento, mais conhecida como Conferência de Estocolmo. Foi um momento importante, apesar das visões controversas e contradições de interesses. Para a Educação Ambiental, foi o primeiro passo no sentido de seu fortalecimento como elemento fundamental a ser trabalhado.

A Conferência de Estocolmo gerou a Declaração sobre o Ambiente Humano, que oferecia orientação aos governos. De acordo com Dias (2003, p. 36), “A recomendação nº 96 da Conferência reconhece o desenvolvimento da Educação Ambiental como o elemento crítico para o combate à crise ambiental do mundo” e como “importante meio para educar os cidadãos na busca de soluções para os problemas ambientais”.

A partir desse momento se inicia uma discussão mais específica de caráter mundial sobre educação ambiental, colocando o tema no *status* de assunto oficial para a Organização das Nações Unidas (ONU) com projeção global. A ONU para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) seriam as instituições responsáveis pela elaboração de um programa internacional de educação ambiental. As ideias seguiam os discursos gerais de mudanças considerando os problemas urgentes a serem enfrentados. A base dessas ideias estava nas propostas dos novos modelos de desenvolvimento ou modelos alternativos de desenvolvimento, tais como o ecodesenvolvimento e, posteriormente, o Desenvolvimento Sustentável.

O processo foi então desencadeado e, em 1975, promovido pela UNESCO, foi realizado o Encontro de Belgrado, que teve como tema principal a premente necessidade de uma nova ética global que proporcionasse a erradicação da pobreza, da fome, do analfabetismo, da poluição e da dominação e exploração humana.

Nesse contexto, deveriam ser lançadas as fundações para um programa mundial de Educação Ambiental que pudesse tornar possível o desenvolvimento de novos conhecimentos e habilidades, valores e atitudes, visando à melhoria da qualidade ambiental e, efetivamente, à elevação da qualidade de vida para as gerações presentes e futuras. (DIAS, 2002).

Além disso, o evento legitimou a Educação Ambiental como um campo específico reconhecido internacionalmente e originou um documento que ficou conhecido como a Carta de Belgrado. Esse documento apresenta os novos caminhos que precisam ser trilhados e que serão a essência e a motivação da atuação da Educação Ambiental.

Abaixo, alguns trechos importantes apresentando os fundamentos da carta:

É absolutamente vital que os cidadãos do mundo insistam em medidas que apoiem um tipo de crescimento econômico que não tenha repercussões prejudiciais para as pessoas, para o seu ambiente e suas condições de vida. É necessário encontrar maneiras de assegurar que nenhuma nação cresça ou se desenvolva às custas de outra e que o consumo feito por um indivíduo não ocorra em detrimento dos demais. Os recursos do mundo devem ser desenvolvidos de modo a beneficiar toda a humanidade e proporcionar melhoria da qualidade de vida de todos. [...] Nada mais necessitamos do que uma nova ética global. Uma ética que defenda atitudes e comportamentos de indivíduos e sociedades consoantes com o espaço da humanidade na biosfera; que reconheça e responda com sensibilidade aos relacionamentos complexos e sempre mutantes entre a humanidade e a natureza, e entre as pessoas. Devem ocorrer mudanças significativas entre as nações do mundo para assegurar o tipo de desenvolvimento racional, dirigido por esse novo ideal global. [...] Mudanças que serão direcionadas para uma distribuição eqüitativa dos recursos do mundo e para satisfazer, de modo mais justo, as necessidades de todos os povos. Esse novo tipo de desenvolvimento também exigirá a redução máxima dos efeitos nocivos sobre o ambiente, a utilização de rejeitos para fins produtivos e o projeto de tecnologias que permitirão que esses objetivos sejam atingidos. Acima de tudo, o mesmo será exigido para que asseguremos a paz duradoura, através da coexistência e da cooperação entre as nações com sistemas sociais diferentes. Recursos substanciais visando a satisfação das necessidades humanas poderão ser obtidos restringindo-se os orçamentos militares e reduzindo-se a concorrência na fabricação de armas. A meta final deve ser o desarmamento. [...] Essas novas abordagens para o desenvolvimento e para a melhoria do meio ambiente exigem uma reclassificação das prioridades nacionais e regionais. Devem ser questionadas as políticas que buscam maximizar a produção econômica sem considerar suas conseqüências para a sociedade e para os recursos dos quais depende a melhoria da qualidade de vida. Para que se possa atingir essa mudança de prioridades, milhões de pessoas terão que adequar as suas próprias e assumir uma ética global individualizada e pessoal - e manifestar uma postura de compromisso com a melhoria da qualidade do meio ambiente e de vida para os povos do mundo. (BRASIL, 1975)

As considerações feitas na Carta de Belgrado retratam o entendimento de que a sociedade teria realmente que passar por um processo de mudanças, reorganizando e redefinindo conceitos e valores no intuito de romper com o modelo de sociedade predatória e excludente.

Em 1976, ocorre, em Chosica, no Peru, um encontro que pode ser considerado como aquele que apresentou resultados mais significativos no que se refere a uma

evolução nas abordagens em educação ambiental, evidenciando a necessidade de transformação das sociedades e a aproximação entre o natural e o social.

Foi um evento de caráter regional, porém, de grande repercussão. Nele, primeiro, se apresentou uma necessidade metodológica para que a Educação Ambiental viesse a ser participativa e interdisciplinar, devendo ser construída a partir da realidade cotidiana, mais tarde reiterada pelo trabalho de Paulo Freire.

No ano de 1977, em Tbilisi, capital da Geórgia, a ONU, por intermédio de seu PNUMA, juntamente com a UNESCO, realizou a Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, conhecida como Conferência de Tbilisi, considerada referência internacional para a formulação de atividades de Educação Ambiental.

Dez anos depois da Conferência de Tbilisi, portanto, em 1987, 300 especialistas de 100 países, mais alguns observadores, se reuniram, em Moscou, para o Congresso Internacional de Educação e Formação Ambientais, novamente promovido pela UNESCO. Esse congresso teve como objetivo central discutir as dificuldades encontradas e os progressos alcançados em relação à Educação Ambiental, em virtude das propostas feitas na Conferência de Tbilisi. Na América Latina, dando sequência às Conferências Intergovernamentais, ocorreram vários encontros sub-regionais nos seguintes países: Costa Rica, Peru, Venezuela e Argentina.

A Rio 92, Cúpula da Terra ou Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento foi realizada no Brasil e teve como produto a Agenda 21, documento concebido e aprovado durante o evento. Trata-se de um plano de ação para ser adotado global, nacional e localmente por organizações do sistema das Nações Unidas, governos e pela sociedade civil, em todas as áreas em que a ação humana impacta o meio ambiente.

Esse evento ressaltou também a elaboração do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global; documento elaborado pela sociedade civil no Fórum Global, durante a Conferência, estabelece princípios fundamentais da educação para sociedades sustentáveis, destacando a necessidade de formação de um pensamento crítico, coletivo e solidário, de interdisciplinaridade, de multiplicidade e diversidade.

Estabelece, ainda, uma relação entre as políticas públicas de Educação Ambiental e a sustentabilidade, apontando princípios e um plano de ação para

educadores ambientais. A ênfase encontra-se em processos participativos voltados para a recuperação, conservação e melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida.

Em 1997, em Tessaloniki, os conceitos apresentados na Rio-92 são reforçados e volta-se a atenção para a necessidade de se orientar as ações de Educação Ambiental fundamentadas nos conceitos de ética e sustentabilidade, identidade cultural e diversidade, mobilização e participação, além de práticas interdisciplinares.

Foi visto que, passados cinco anos da Rio 92, o desenvolvimento da EA foi insuficiente. Como consequência, configurou-se a necessidade de mudança de currículo, de forma a contemplar as premissas básicas que norteiam a educação voltada para a “sustentabilidade”.

No Brasil, em 1999, visando-se legitimar as propostas de Educação ambiental até então discutidas, foi incorporada ao ordenamento jurídico a Lei nº 9.795, de 27 de abril (BRASIL, 1999), popularizada como Lei da Educação Ambiental. É notório que, ao longo do tempo, a Educação Ambiental tem se fortalecido como estratégia para resolução dos problemas ambientais e foi legitimada como o caminho para se alcançar os patamares de mudanças necessários para conter a crise ambiental e traçar novos horizontes que contemplem um mundo justo e equilibrado em todos os sentidos.

No entanto, são diversos os conceitos e compreensões em torno da Educação Ambiental, o que faz toda a diferença em relação aos resultados gerados. Figueiredo (2007) reforça que existem educações ambientais as mais diversas, associadas a projetos distintos.

Diante do exposto, fica clara a relação entre a Educação e o Meio Ambiente, principalmente se se considerar o papel da Educação ambiental como proposta fundante para a transformação de princípios e valores da sociedade.

Nesse sentido, por mais que se admita a presença da Educação Ambiental como elemento de fomento às mudanças é fundamental reforçar a implementação de práticas a serem aplicadas, não apenas no nível superior, mas em todos os níveis de ensino que tenham compromisso com sua essência.

Ressalta-se, aqui, que escolher uma concepção de educação é uma decisão eminentemente política, pois ela referenciará uma práxis educativa. Sem isso, não se conseguirá alcançar um patamar civilizatório com características diferenciadas que permitam a construção de um novo caminho para a história deste País.



### 3 EDUCAÇÃO AMBIENTAIS E O ENSINO SUPERIOR

O termo ambiental qualifica um processo amplo que é o educacional, incorporando as questões relacionadas à qualidade de vida dos seres humanos como prioridades a serem consideradas nas relações e processos sociais. Os conceitos sobre Educação Ambiental evoluíram na medida em que evoluiu o próprio conceito sobre meio ambiente.

De início, a visão reduzida de meio ambiente limitada aos aspectos naturais não permitia a identificação das relações de interdependência nem a contribuição das Ciências Sociais, dentre outras áreas do conhecimento humano, para a compreensão e melhoria do ambiente humano, o que fazia com que a Educação Ambiental fosse considerada apenas como um processo cujo foco encontrava-se na formação de cidadãos com o intuito de apresentar a realidade acerca do ambiente biofísico e os problemas urgentes. Tratava-se de uma Educação Ambiental meramente ecológica.

No ano de 1970, no entanto, essa visão restrita começou a se ampliar quando a IUCN apresentou uma primeira definição para a Educação Ambiental, apresentando-a como um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos voltado para o desenvolvimento de habilidades e atitudes necessárias à compreensão e apreciação das inter-relações entre o homem, seu entorno e o meio físico, embora ainda predominasse a visão ecológica.

Mellows (1972) também contribuiu com a construção desse conceito quando a definiu como um processo que deveria fomentar progressivamente o senso de preocupação com o meio ambiente a partir do entendimento das relações e interações entre o humano e o meio natural.

Em 1977, na Conferência de Tbilisi, a Educação Ambiental já foi definida como uma dimensão dada ao conteúdo e à prática da educação, orientada para a resolução de problemas concretos do meio ambiente, por meio de uma abordagem interdisciplinar e uma participação ativa e responsável de cada indivíduo da coletividade.

Essa definição de Tbilisi é fruto das discussões e de uma ampliação do conceito de meio ambiente, que, gradativamente, mas ainda sutilmente, passa a

incorporar aspectos de ordem social, econômica e cultural, tornando maior a complexidade do mesmo.

Nesse contexto, as discussões sobre o tema evoluíram e, em 1992, nos subsídios técnicos elaborados para a preparação da Rio-92, a Educação Ambiental se caracterizou pela incorporação das dimensões socioeconômica, política, cultural e histórica, não devendo, portanto, ter como base pautas rígidas e propostas de aplicação universais, antes considerando as especificidades e características de cada país, região e localidade em que é trabalhada.

O intuito do documento era o de que a Educação Ambiental viesse a fomentar a compreensão dos indivíduos acerca da complexidade presente na definição de meio ambiente, criando condições para a interpretação da interdependência entre os diversos elementos que o compõem e que interagem entre si, com vistas a promover a utilização racional dos recursos naturais no presente e no futuro.

No Brasil, em 1999, a Lei nº 9.795, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, considerando esse instituto como um componente fundamental e permanente da educação nacional, dentre outras providências que adota, apresenta, em seu art. 1º, a seguinte definição para a Educação Ambiental, pela qual se entendem os:

[...] processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, 1999)

Já a definição oficial de Educação Ambiental, segundo o Ministério do Meio Ambiente, apresenta-a como:

Processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornam aptos a agir – individual e coletivamente – e resolver problemas ambientais presentes e futuros. (BRASIL, 2000, p. 26)

É clara a similaridade entre as definições, que tentam expressar as aspirações pretendidas e eleitas como fundamentais para a Educação Ambiental em todos os eventos direcionados ao tema. Vale ressaltar que, apesar de apresentarem a visão sobre ecologia numa perspectiva mais ampla, ela ainda se mantém aparentemente apolítica.

Conceitua-se, a partir do exposto, a Educação Ambiental como sendo uma proposta de formação crítica para a sociedade, que tem como objetivo fundamental a construção ou re-construção de uma relação equilibrada com o meio natural, considerando, também, os aspectos de ordem política, cultural, social e econômica que interferem ou podem interferir nesse processo.

Assim, a Educação Ambiental tem, em sua essência, o compromisso com a promoção de mudanças. Trata-se, ao mesmo tempo, da disseminação de um novo olhar para o meio ambiente e da oportunidade conferida a cada indivíduo para reconhecer-se como parte desse meio, entendendo as interações que existem e retomando seu espaço como agente de transformação, capaz de estabelecer uma relação de respeito mútuo e equilíbrio ambiental e social.

Um considerável avanço político pode ser visto a partir da publicação da Lei nº 9795/99. Nela, os princípios e objetivos da Educação Ambiental exprimem um pouco das pretensões políticas que buscam desvelar as razões de ser desse quadro socioeconômicoambiental crítico que se percebe na atualidade.

São princípios básicos da Educação Ambiental, conforme a Lei nº 9.795/99, previstos em seu art. 4º:

- I – o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;
- II – a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o sócio-econômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;
- III – o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;
- IV – a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;
- V – a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;
- VI – a permanente avaliação crítica do processo educativo;
- VII – a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;
- VIII – o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

Na continuidade, consistem objetivos fundamentais dessa disciplina os inscritos no art. 5º do mesmo Diploma legal:

- I – o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos;

II – a garantia de democratização das informações ambientais;

III – o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social;

IV – o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania;

V – o estímulo à cooperação entre as diversas regiões do País, em níveis micro e macrorregionais, com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade;

VI – o fomento e o fortalecimento da integração com a ciência e a tecnologia;

VII – o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade.

Considerando-se esses princípios, para alcançar seus objetivos a Educação Ambiental deve capacitar o indivíduo ao pleno exercício da cidadania a partir de uma formação com base conceitual abrangente, técnica e culturalmente capaz de produzir a superação das barreiras que se contrapõem à utilização sustentada do meio ambiente democraticamente instituída, pautada no bem comum.

Essa formação se viabiliza a partir do acesso a informação e a tecnologias estimulando o surgimento de uma nova consciência em nível planetário, a partir de uma compreensão integrada e ecossistêmica da realidade.

É possível aferir, então, considerando-se os fundamentos que regem a Educação Ambiental crítica, que a mesma questiona o que é qualidade de vida, reflete sobre a ética socioecológica e amplia o conceito de ambiente para além dos aspectos físico-biológicos.

Nesse sentido, a Educação Ambiental crítica é um processo que objetiva estimular o exercício da cidadania, abrindo espaço para uma ação transformadora dos indivíduos. É, também, uma educação política, pois deve estar pautada em questionamentos permanentes que permitam uma avaliação não apenas técnica das situações, mas incorporem os aspectos sociais, levantando sempre o “por que fazer” antes do “como fazer”.

Trata-se de uma concepção educacional orientada para a vida, que tem a função de incentivar os indivíduos a participar de forma ativa na resolução dos problemas que atingem sua realidade específica, sem desconectá-los do todo que é comum.

Dessa forma, é considerada uma proposta diferenciada, com alicerces em uma visão inovadora de ensino-aprendizagem que passa a ser internalizada como objeto de políticas públicas de educação e de meio ambiente em âmbito nacional, bem como agregada como elemento de mediação educativa por um amplo conjunto de práticas de aprimoramento social.

No entanto, vale ressaltar que nem todas as educações ambientais, apesar de similares, são aplicadas de forma a atender a estes alicerces. Concorde-se com Guimarães (2005) quando afirma que houve uma homogeneização do discurso e da compreensão sobre a Educação Ambiental na sociedade, o que acabou criando distorções nos trabalhos que vêm sendo realizados, oportunizando a obtenção de resultados que se contrapõem a própria essência da Educação Ambiental crítica.

Acredita-se, aqui, que, para uma educação ambiental ser considerada “Educação Ambiental Crítica”, deve ter, em seu bojo, o compromisso com a transformação e com a promoção de mudanças, quer sejam individuais ou coletivas, quer sejam ambientais ou políticas, que atendam ao conjunto da sociedade sem desconsiderar a natureza em sentido amplo.

A referência para este trabalho parte da compreensão de uma Educação Ambiental crítica, política, emancipatória e popular, compartilhando seus princípios, conceitos e fundamentos. (FIGUEIREDO, 2007).

Não existe uma demarcação clara quanto às diferentes compreensões que estão sendo aplicadas. O que se pode afirmar é que existem diversas “linhas” de trabalho no Brasil que dificilmente encontram plenos consensos entre si; ou seja, são várias as educações ambientais.

Cada uma delas se constitui a partir de bases socioeducativas que definem suas características e que podem gerar percepções e práticas completamente distintas, muito embora tenham como base os mesmos princípios e diretrizes ditas ambientalmente adequadas.

Nesse contexto, a Educação Ambiental pode apresentar um viés sempre diferenciado, influenciado por qualquer uma das linhas que serão expostas a seguir, ou até por uma combinação dos elementos que as compõem.

Atualmente, no Brasil, as principais ideias que norteiam o trabalho nos mais diversos níveis de ensino formal e nas ações informais de ensino serão expostas a seguir.

Carvalho (2004) define os eixos de trabalho com Educação Ambiental como Comportamental e Popular. A Educação Ambiental Comportamental trata da urgência de conscientização dos diferentes estratos da população, valorizando o papel da educação como agente difusor dos conhecimentos sobre meio ambiente e indutor da mudança de hábitos e comportamentos considerados predatórios.

Já a Educação Ambiental Popular está associada à tradição da educação popular que trata o processo educativo como um ato político no sentido amplo, ou seja, como prática social de formação da cidadania. Essa orientação parte da ideia de que a vocação da educação é a formação de sujeitos políticos, capazes de agir criticamente na sociedade. Mais do que resolver os conflitos ou preservar a natureza por meio de intervenções pontuais, essa orientação da Educação Ambiental defende que a transformação das relações dos grupos humanos com o meio ambiente está inserida num contexto de transformação da sociedade.

Guimarães (2005), por sua vez, adota a denominação de Educação Ambiental Conservadora e Educação Ambiental Crítica. A Educação Ambiental Conservadora é entendida como aquela que está comprometida com os interesses de manutenção do modelo atual de sociedade e a Educação Ambiental Crítica, ao contrário, aponta a opressão do homem e da natureza, desnudando as relações de poder na sociedade, em processo de politização das ações humanas.

Loureiro (2003a) trabalha com as definições de Educação Ambiental Conservadora e Educação Ambiental Transformadora. Para o autor, o eixo Conservador trabalha na promoção de mudanças superficiais para garantir o *status quo*, e:

[...] O foco está na alteração de certas atitudes e comportamentos, sem que isso signifique incompatibilidade com o modelo de sociedade contemporânea. São alterações promovidas nos campos psicológico, ideopolítico e cultural, que melhoram certos aspectos, minimizando ou compatibilizando outros pelo acúmulo de conhecimento e pela defesa de valores dominantes (entendidos como universais), adequando sujeitos individuais e coletivos a padrões, tradições, dogmas e relações de poder vistas como "naturais" no sentido de a-históricas [...] (LOUREIRO, 2003a, p. 38)

Já a Educação Ambiental Transformadora se configura enquanto práxis social capaz de contribuir com o processo de construção de uma sociedade pautada por novos patamares civilizacionais e societários distintos dos atuais, em que a sustentabilidade da vida e a ética ecológica sejam seu cerne. (LOUREIRO, 2002).

Na vertente de uma Educação Ambiental Popular, Crítica e Transformadora, Figueiredo (2003) propõe a Educação Ambiental Dialógica:

[...] Essa EA crítica dialógica é essencialmente, uma educação que capacita os seres humanos para a compreensão e resolução de questões ambientais, a partir de um embasamento estruturado pela perspectiva ecológica, centrada em uma ecopraxis, pretendendo a sustentabilidade em bases que consideram o movimento popular como sujeito central das ações [...] (FIGUEIREDO, 2003, p. 69)

Layrargues (2002) identifica ainda outras adjetivações, ou linhas, tais como a educação para o desenvolvimento sustentável, a ecopedagogia, a educação para a cidadania, e, finalmente, a educação para a gestão ambiental.

Fica claro que são múltiplos os olhares e as compreensões sobre os caminhos para se trabalhar a Educação Ambiental. De fato, considerando-se seus princípios e objetivos, não é possível se atribuir a mesma uma lógica única, a partir de uma percepção pragmática e conteudista. Trata-se de um assunto que envolve valores, o que abrange uma complexidade de elementos e significados.

Porém, cabe aqui salientar a importância da avaliação de resultados dessa educação. Como dito, uma educação ambiental que não é capaz de promover transformações no ambiente em que é trabalhada não pode ser considerada como Educação Ambiental Crítica.

Corroborando a visão de Figueiredo (2003) e simplificando todas as ideias apresentadas, acredita-se que existem duas linhas básicas de trabalho com a Educação Ambiental: as Educações Ambientais Críticas e as Educações Ambientais não Críticas.

Nesse contexto, entende-se que, para que sejam implementadas mudanças reais que se revertam em benefícios e qualidade de vida para a sociedade no presente e no futuro é necessário o fortalecimento de uma Educação Ambiental que apresente como essência a sua própria natureza: ética, democrática, crítica e problematizadora.

Sem que essa seja uma realidade predominante em todos os níveis de ensino, o cenário permanece o mesmo. Talvez aqui se encontre a razão pela qual, apesar de os discursos presentes em todas as grandes conferências considerarem as dimensões cidadã e ética, orientando a sociedade no sentido de se formarem novos códigos morais e comportamentos condizentes com a nova perspectiva sobre o

meio ambiente e de seu valor, não terem, ainda, sido identificadas, em geral, práticas condizentes com os discursos apresentados.

É importante salientar, ainda, que além das linhas de trabalho com Educação Ambiental, as diferentes formas de representação sobre o meio ambiente também influenciam diretamente as abordagens e práticas desenvolvidas pelos docentes em sala de aula e, conseqüentemente, os resultados decorrentes do processo de ensino e aprendizagem.

Assim, é de suma importância caracterizar as concepções sublinhadas na “Educação Ambiental”. Esse esclarecimento relaciona-se com as próprias representações expressas nas práticas e nos discursos.

Nos cursos de Administração, por exemplo, os discursos docentes ressaltam muito a questão da consciência ambiental, tocando nos principais problemas relacionados à área, sem, no entanto, problematizar as questões que são pano de fundo desses problemas. Assim, os estudantes, muitas vezes, vão em busca de soluções prontas que são apenas paliativas, sem compreender a complexidade das questões envolvidas.

Nesse sentido, as tipologias desenvolvidas em relação à Educação Ambiental qualificam as representações docentes, ressaltando elementos importantes que orientam as práticas educacionais e apontam seus reflexos no processo educativo.

O estudo fenomenológico do discurso e da prática em Educação Ambiental (SAUVÉ, 1992) identifica seis visões paradigmáticas sobre o ambiente, cuja influência pode ser observada na abordagem pedagógica e nas estratégias adotadas pelos diferentes educadores. (SAUVÉ, 1994):

- a) **Ambiente como a natureza... para ser apreciado, respeitado, preservado:** esse é o ambiente original e "puro" do qual os seres humanos estão dissociados e com o qual devem aprender a se relacionar para enriquecer a qualidade de "ser" (*qualité d'être*). Para muitos, a natureza é como uma catedral, que se deve admirar e respeitar. Para outros, é a natureza como o útero, no qual há que se “redimir” para renascer;
- b) **Ambiente como um recurso... para ser gerenciado:** essa é a coletiva herança biofísica, que sustenta a qualidade de vida dos indivíduos. Esse limitado recurso é deteriorado e degradado. Ele pode ser gerenciado de acordo com os princípios de Desenvolvimento Sustentável e de divisão equitativa. O objetivo do Desenvolvimento Sustentável, segundo a *World*



*Commission on Environment and Development* (WCED, 1987), refere-se à concepção do ambiente como um recurso: os indivíduos devem tomar as decisões corretas para assegurar a manutenção dos recursos para a geração atual e para as futuras gerações;

- c) Ambiente como um problema... para ser resolvido:** esse é o ambiente biofísico, o sistema de suporte da vida que está sendo ameaçado pela poluição e pela degradação. Há que se aprender a preservar e a manter a sua qualidade a partir de práticas como identificar, analisar e diagnosticar um problema; pesquisar e avaliar diferentes soluções, conceituar e executar um plano de ação, avaliar os processos e assegurar a constante retroalimentação etc. Esse é um enfoque essencialmente pragmático;
- d) Ambiente como um lugar para se viver... para conhecer e aprender sobre, para planejar para, para cuidar de:** esse é o ambiente cotidiano caracterizado pelos seres humanos nos seus aspectos socioculturais, tecnológicos e componentes históricos. É o ambiente que se deve aprender a apreciar e ao qual o senso de pertencimento se deve desenvolver. Os indivíduos devem cuidar de “seu espaço de vivência”;
- e) Ambiente como a biosfera... onde se deve viver juntos, no futuro:** esse é o objeto da consciência planetária. Esse é o mundo de interdependência entre os seres vivos e inanimados, que clama pela solidariedade humana; e
- f) Ambiente como projeto comunitário... com o qual se está envolvido:** esse é o ambiente da coletividade humana, o lugar dividido, o lugar político, o centro da análise crítica. Ele clama pela solidariedade, pela democracia e pelo envolvimento individual e coletivo para a participação e a evolução da comunidade. Aqui é possível encontrar muitas preocupações da EA socialmente crítica, identificadas por Robottom e Hart (1993), além de outros autores que são referências nessa linha, tais como Figueiredo (2003), Loureiro (2003x), Guimarães (2005) e Carvalho (2004).

Embora cada uma dessas seis concepções seja o centro particular de uma representação social do ambiente, é possível observar que, para cada uma delas, o foco pode ser complementado por uma outra concepção, ou pela combinação dos elementos característicos de dois ou mais modelos.

O levantamento realizado nos cursos de Administração apresenta uma identidade muito forte com a visão de ambiente como “recurso” e de ambiente como

“problema”. A partir disso é possível afirmar que o trabalho com Educação Ambiental nesses cursos ainda apresenta uma série de limitações.

O ideal seria que os processos educativos abordassem visões complementares do ambiente por meio de um enfoque integrado. No entanto, é possível afirmar que, infelizmente, as propostas da EA estão restritas a uma visão ou linha de trabalho, limitando o principal objetivo da educação. Dessa forma, o ambiente não é percebido de uma forma global e, conseqüentemente, as relações que compreendem pessoas – sociedade – natureza são percebidas apenas parcialmente.

Para que se possa trabalhar com uma Educação Ambiental capaz de promover transformações, deve-se optar pelos paradigmas integradores que apresentam caminho oposto, assumindo-se uma visão ampla e contextualizada sobre as questões ambientais.

Práticas educacionais baseadas no tecnicismo, no pragmatismo, no racionalismo, na visão mercantilista, na fragmentação, no naturalismo, na resolução de problemas com base em um ambientalismo superficial que se restringe ao controle e gerenciamento dos problemas ambientais em benefício do homem a partir de um viés eminentemente antropocêntrico, não são capazes de alcançar esse objetivo de mudança.

Com esse modelo de Educação Ambiental predominando nas instituições de ensino em geral, a sociedade continua apenas fazendo mais do mesmo, sem que sejam percebidas alterações sociais, ambientais e econômicas que melhorem a qualidade de vida de todos.

### 3.1 Um breve panorama da Educação Ambiental no ensino superior

A Educação Ambiental no Ensino Superior tem como ponto de partida as discussões sobre a temática ambiental que posteriormente motivaram a realização de eventos específicos para tratar da Educação Ambiental.

Em 27 de abril de 1999, o Brasil passa a ter uma Política de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/99) que, em seu art. 2º, estabelece que a Educação Ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, **em todos os níveis e modalidades do processo educativo** (grifo nosso), em caráter formal e não-formal.

No art. 9º, inciso II, a indicação de compromisso que as instituições de ensino superior devem assumir em relação à Educação Ambiental encontra reforço. (BRASIL, 1999).

Além disso, o art. 8º da Lei orienta que:

Art. 8º As atividades vinculadas à Política Nacional de Educação Ambiental devem ser desenvolvidas na educação em geral e na educação escolar, por meio das seguintes linhas de atuação inter-relacionadas:

I – capacitação de recursos humanos;

II – desenvolvimento de estudos, pesquisas e experimentações;

III – produção e divulgação de material educativo;

IV – acompanhamento e avaliação.

§ 1º – Nas atividades vinculadas à Política Nacional de Educação Ambiental serão respeitados os princípios e objetivos fixados por esta Lei.

§ 2º – A capacitação de recursos humanos voltar-se-á para:

I – a incorporação da dimensão ambiental na formação, especialização e atualização dos educadores de todos os níveis e modalidades de ensino;

II – a incorporação da dimensão ambiental na formação, especialização e atualização dos profissionais de todas as áreas;

III – a preparação de profissionais orientados para as atividades de gestão ambiental;

IV – a formação, especialização e atualização de profissionais na área de meio ambiente;

V – o atendimento da demanda dos diversos segmentos da sociedade no que diz respeito à problemática ambiental.

§ 3º – As ações de estudos, pesquisas e experimentações voltar-se-ão para:

I – o desenvolvimento de instrumentos e metodologias, visando à incorporação da dimensão ambiental, de forma interdisciplinar, nos diferentes níveis e modalidades de ensino;

II – a difusão de conhecimentos, tecnologias e informações sobre a questão ambiental;

III – o desenvolvimento de instrumentos e metodologias, visando à participação dos interessados na formulação e execução de pesquisas relacionadas à problemática ambiental;

IV – a busca de alternativas curriculares e metodológicas de capacitação na área ambiental;

V – o apoio a iniciativas e experiências locais e regionais, incluindo a produção de material educativo;

VI – a montagem de uma rede de banco de dados e imagens, para apoio às ações enumeradas nos incisos I a V.

A partir do exposto, conclui-se que as instituições de ensino superior estão fortemente vinculadas aos processos apresentados, sendo, inclusive, peças-chave

para a realização dos mesmos, já que as universidades têm como compromisso o “ensino”, a “pesquisa” e a “extensão”.

No entanto, a realidade aponta que, apesar de toda uma evidente conscientização e legislação que norteia o assunto, nem todas as instituições de ensino superior se voltaram para o tema. A inserção da Educação Ambiental, quer numa perspectiva de interdisciplinaridade, quer como disciplina específica no currículo dos cursos de graduação, dá-se, ainda, de forma lenta e diversificada.

Concorda-se com Thomaz (2006) quando afirma que existe ainda pouco interesse das universidades no sentido de incorporar as questões ambientais em suas estruturas curriculares, talvez até em decorrência da histórica forma de organização em departamentos que as caracterizam, o que valoriza a especificidade da área de conhecimento desconsiderando, na maioria das vezes, possibilidades interdisciplinares entre as áreas.

O autor apresenta dados de pesquisa realizada em uma instituição superior localizada no sudeste do estado de São Paulo, que apontam que as Instituições de Ensino Superior não têm efetivado mudanças nas estruturas curriculares e/ou institucionais para acompanhar o desenvolvimento da Educação Ambiental.

Além disso, os resultados indicam que o desenvolvimento da Educação Ambiental no ensino superior, quando ocorre, é isolado, em geral, em áreas biológicas, e que a disseminação de possíveis conteúdos sobre Educação Ambiental está na dependência de profissionais capacitados para essa finalidade.

Outra pesquisa realizada, intitulada *Mapeamento da Educação Ambiental em Instituições Brasileiras de Educação Superior: elementos para políticas públicas* (BRASIL, 2006), trabalha dados e informações relativos a ensino, pesquisa, extensão e gestão e aponta que ainda existem muitas limitações, contradições e desafios a serem superados no que se refere às instituições acadêmicas que atuam no ensino superior.

Os resultados dessa pesquisa revelam, ainda, que a maioria dos respondentes (70%) admite não haver, em suas instituições de origem, órgãos que centralizem ou coordenem ações de Educação Ambiental. Para os 30% restantes, foi observada uma enorme diversidade no que se refere a atribuições e abrangência. Assim, percebe-se que a maior parte dos órgãos não foi criada com o propósito explícito de acompanhar a inserção da Educação Ambiental como projeto da instituição,

articulando-o com os compromissos sociais da universidade e com ações concretas que realiza.

Além disso, foi percebido que não existe um vínculo direto com a estrutura administrativa das instituições. Isso fragiliza o processo e cria uma série de lacunas que impedem um maior comprometimento com a implementação dos programas. Segundo dados da pesquisa, não existem políticas institucionais que fortaleçam essa implementação.

No pré-teste realizado nas quatro principais instituições de ensino da cidade de Fortaleza, poucos eram os cursos que apresentavam disciplinas associadas à Educação Ambiental em suas matrizes curriculares. Até mesmo nos cursos de Pedagogia, formadores de pessoas que, em “teoria”, estariam capacitadas para esse trabalho, foi identificada essa limitação.

Considerando-se a área de Administração, observou-se que, das 21 instituições que ofereciam cursos de Administração na cidade de Fortaleza, apenas em quatro a disciplina de Gestão Ambiental era obrigatória no currículo. Em outras quatro instituições, aparecia como disciplina optativa, e, nas demais, não fazia parte da matriz curricular.

Isso reforça a fragilidade do trabalho com Educação Ambiental no ensino superior, já que gera lacunas que abrem espaço para o desenvolvimento de práticas fragmentadas, não associadas, inclusive, ao que orienta a Política Nacional de Educação Ambiental.

O fato de não existir ainda uma diretriz que oriente claramente a implantação da Educação Ambiental no ensino superior faz com que o processo permaneça solto, sem que haja um maior comprometimento e preparação das instituições nesse sentido.

Além disso, se se considerar as práticas ambientais das instituições, também são embrionárias e, na maioria dos casos, estão restritas a programas de coleta seletiva de lixo. Dessa forma, como uma instituição pode estar comprometida com a multiplicação de uma prática que não adota?

Acredita-se que a implementação da Educação Ambiental no ensino superior se constitui a partir da formulação de políticas públicas e institucionais como meio para o reconhecimento da Educação Ambiental e incentivo para sua inserção nos currículos de todos os cursos e das atividades acadêmicas.

Além disso, defende-se a criação de estruturas ou órgãos específicos responsáveis não apenas pela Educação Ambiental, mas pela gestão ambiental da instituição como um todo. Apenas trabalhando-se a gestão ambiental de forma ampla será possível se alcançar êxito com a inserção da Educação Ambiental no ensino superior.

É uma mudança de cultura que precisa ser fomentada e, para isso, é importante a capacitação adequada para os envolvidos no processo, além da realização de parcerias que fortaleçam e enriqueçam as ações.

Sem esse tipo de investimentos, continuar-se-á sentindo as mesmas dificuldades e não será possível identificar mudanças significativas para toda a sociedade, já que são essas instituições que colocam no mercado os profissionais, em todas as áreas, que poderão fazer diferença em suas atividades, ajudando a construir uma nova história na relação com o meio ambiente.

## 4 A ADMINISTRAÇÃO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

No Brasil, o ensino superior caracterizou-se, desde seus primórdios (1808), por oferecer cursos tradicionais como Direito, Medicina e Engenharia e, se comparada ao tempo em que esses cursos existem, a história do ensino de Administração no Brasil pode ser considerada bem recente.

Tendo como base a realidade norte-americana, que teve grande influência na história da Administração no Brasil, os primeiros cursos na área se iniciaram no final do século XIX, com a criação da *Wharton School*, em 1881. Em 1952, ano em que se iniciava o ensino nessa área no Brasil, os EUA já formavam em torno de 50 mil bacharéis, quatro mil mestres e 100 doutores por ano.

O contexto para a formação do Administrador no Brasil começou a ganhar contornos mais claros apenas na década de quarenta. A primeira turma de administradores formados pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP), em 1958, tinha apenas 17 bacharéis. (COVRE, 1981, p. 92).

Foi a partir dessa década que se acentuou a necessidade de mão de obra qualificada e, conseqüentemente, da profissionalização do ensino de Administração. Era estratégica a formação de pessoal especializado para conduzir a planificação de mudanças e integrar as equipes que fariam parte de centros de investigação que dariam suporte a questões econômicas e administrativas, em uma sociedade que passava de um estágio agrário para a industrialização.

A grande preocupação com os assuntos econômicos teve seu marco em 1943, quando foi realizado, no Rio de Janeiro, o primeiro Congresso Brasileiro de Economia, no qual se manifestou grande interesse pela industrialização do País, postulando-se iniciativas concretas por parte do Estado para motivar a pesquisa em assuntos econômicos.

Em 1945 surgiram os primeiros resultados relacionados à implantação desse ensino, quando o então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, encaminhou à Presidência da República um documento que propunha a criação de dois cursos universitários: o de Ciências Contábeis e o de Ciências Econômicas. O documento afirmava que as atividades de direção e orientação, tanto nos negócios públicos como nos empresariais, haviam atingido um nível de maior complexidade, exigindo de seus administradores e técnicos conhecimentos especializados nessas áreas.

Isso possibilitou que os cursos de economia passassem a ter um caráter de especialização, não mais de natureza genérica, como anteriormente. A criação desses cursos é extremamente relevante, já que vem enriquecer a diversidade de profissionais do País, que até então se constituía apenas de engenheiros, médicos e advogados.

O ensino de Administração está relacionado ao processo de desenvolvimento do País e está marcado por dois momentos históricos distintos: o primeiro, consistindo nos governos de Getúlio Vargas, representativos do projeto "autônomo", de caráter nacionalista.

O segundo, no governo de Juscelino Kubitschek, evidenciado pelo projeto de desenvolvimento associado e caracterizado pelo tipo de abertura econômica de caráter internacionalista que se apresentou como um ensaio do modelo de desenvolvimento adotado após 1964. Nesse período, o processo de industrialização se acentuou, sobretudo devido à importação de tecnologia norte-americana, e o surto de ensino superior, em especial o de Administração, é fruto da relação que existe entre essa expansão e o tipo de desenvolvimento econômico adotado nesse período, pautado na tendência para a grande empresa.

Nesse contexto, tais empresas, equipadas com tecnologia complexa e com um crescente grau de burocratização, passam a requerer mão de obra de nível superior para lidar com essa realidade.

O surgimento da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a criação da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (USP) praticamente originaram o ensino e a pesquisa de temas econômicos e administrativos no Brasil, contribuindo para o processo de desenvolvimento econômico do País. Assim, essas instituições ocuparam uma posição dominante no campo do ensino de Administração, bem como foram referências para o posterior desenvolvimento dos cursos na área.

A FGV representa a primeira e mais importante instituição que desenvolveu o ensino de Administração. Sua criação ocorreu em um momento em que o ensino superior brasileiro deslocava-se de uma tendência europeia para uma tendência norte-americana. Isso é evidente, uma vez que a FGV tem mantido um vínculo entre seus organizadores e o ensino universitário norte-americano, de onde proveio a inspiração para estruturá-la em termos de fundação.



Foi nessa instituição que surgiram os primeiros institutos de investigação sobre assuntos econômicos do País, com o propósito de fornecer resultados para as atividades dos setores estatal e privado.

Em 1948, representantes da Fundação Getúlio Vargas visitaram 25 Universidades americanas que mantinham cursos de Administração Pública, o que favoreceu a realização de encontros entre representantes da FGV e professores norte-americanos visando à criação de uma escola voltada ao treinamento de especialistas em Administração Pública.

Dessa forma, em 1952 surge a Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), criada pela Fundação Getúlio Vargas, com o apoio da ONU e da UNESCO para a sua manutenção inicial. Primeiro curso superior de Administração no Brasil, surgiu nesse ano graças aos esforços de Luiz Simões Lopes.

Presidente do Departamento de Administração do Serviço Público (DASP), valeu-se Simões Lopes da experiência e competência de daspianos ilustres para dar início ao ensino regular da Administração, contando com a participação de Astério Dardeau Vieira, Beatriz Wahrlich, Belmiro Siqueira, Benedicto Silva (primeiro Diretor da EBAP), Cleantho de Paiva Leite e Guerreiro Ramos, que, a propósito, proferiu a primeira aula da Escola.

O convênio com os organismos internacionais previa a manutenção de professores estrangeiros na escola e bolsas de estudo para o aperfeiçoamento dos futuros docentes no exterior.

Com o surgimento da EBAP no Rio de Janeiro, a FGV preocupou-se em criar uma instituição com foco voltado especificamente à preparação de Administradores de Empresas, o que possibilitou a criação da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP), em 1954.

Para dar início às atividades nessa nova Instituição, a FGV firmou um acordo com a *United States Agency for International Development (USAID)*<sup>2</sup> Nesse convênio, o governo norte-americano se comprometia a manter, junto a essa escola, uma missão universitária de especialistas em Administração de Empresas, recrutados na Universidade Estadual de Michigan. Por seu lado, a FGV enviaria docentes para estudos de pós-graduação nos Estados Unidos, com o intuito de preencher os quadros do corpo docente da EAESP. Esse convênio revelava a

---

<sup>2</sup> Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional.

influência do ensino de Administração norte-americano na realidade brasileira, evidenciada, sobretudo, por meio dos currículos e bibliografias.

Com a criação da EAESP, surgiu o primeiro currículo especializado em Administração, que influenciou, de alguma forma, o movimento posterior nas Instituições de Ensino Superior (IES) do País.

A partir da década de sessenta, a FGV passou a criar cursos de pós-graduação nas áreas de Economia, Administração Pública e de Empresas, iniciando a oferta regular dos cursos de mestrado. A partir dessa ocasião, a FGV passou a ser o centro formador de professores para outras instituições de ensino, no momento em que ocorreu uma enorme expansão dos cursos de Administração. Como consequência dessa expansão, na metade da década de 70 a entidade passou a ministrar um programa de doutorado nessas áreas.

Outra instituição de muita relevância para o desenvolvimento do ensino de Administração foi a Universidade de São Paulo (USP), que surgiu em 1934 por meio da articulação de políticos, intelectuais e jornalistas. Foi estruturada a partir da junção de faculdades já existentes e da abertura de novos centros de ensino.

Em 1946, foi criada a Faculdade de Economia e Administração (FEA), que tinha por objetivo formar funcionários para os grandes estabelecimentos de Administração pública e privada. A criação da FEA se deve, principalmente, ao grande surto de industrialização, quando surgiram empresas movimentando vultosos capitais que exigiram, para sua gestão, técnicas altamente especializadas.

Seguindo os mesmos padrões da FGV, por meio da EBAP e da EAESP, também a Faculdade de Economia e Administração foi criada com um objetivo prático e bem definido: atender, por meio da preparação de recursos humanos, às demandas oriundas do acelerado crescimento econômico.

Nesse contexto, a criação dessas instituições faz com que a formação do Administrador no Brasil comece a ganhar contornos mais claros, momento em que também se acentua a necessidade de mão de obra qualificada e, conseqüentemente, da profissionalização do ensino de Administração, que está diretamente relacionado ao processo de desenvolvimento do País.

É fato que o ensino de Administração veio privilegiar a participação das grandes unidades produtivas, que passaram a constituir um elemento fundamental na economia do País. Tais empresas, então equipadas com tecnologia complexa e

crescente grau de burocratização, passam a requerer mão de obra de nível superior para lidar com os novos desafios que se apresentavam.

Assim, percebe-se que a criação e a evolução dos cursos de Administração na sociedade brasileira, no seu primeiro momento, se deram no interior de Instituições Universitárias, fazendo parte de um complexo de ensino e pesquisa. Já no final dos anos 60, a evolução dos Cursos de Administração ocorreria não mais vinculada a Instituições Universitárias, mas às Faculdades Isoladas que proliferaram a partir do processo de expansão privatizada na sociedade brasileira.

A expansão da área também está relacionada às transformações ocorridas no plano econômico. A partir da década de 60, o estilo de desenvolvimento privilegiou as grandes unidades produtivas na economia do País. Ocorreu o crescimento acentuado das grandes empresas, principalmente estrangeiras e estatais, permitindo a utilização crescente da técnica. Isso implicou diretamente a necessidade de profissionais com treinamento específico para executar diferentes funções internas das organizações.

Diante do exposto, as grandes empresas passaram a realizar a profissionalização de seus quadros, tendo em vista o tamanho e complexidade das estruturas, medida que oportunizou a abertura de um espaço potencial para a utilização dos Administradores que passaram pelo sistema escolar.

E aqui se abre um parêntese importante. Considerando-se os fatos apresentados, tem-se que o viés da formação do Administrador, sempre, desde o início, esteve associado aos interesses do capitalismo, ou seja, formavam-se pessoas para as necessidades do mercado. Apesar dos avanços de ordem cultural e social, essa é uma prática que se sobressai nas instituições de ensino até os dias de hoje.

A atividade passou a ser regulamentada na metade da década de 60 pela Lei nº 4.769, de 9 de setembro de 1965. (BRASIL, 1965). Em seu art. 3º, a Lei afirma que o exercício da profissão de Técnico em Administração é privativo dos Bacharéis em Administração Pública ou de Empresas, diplomados no Brasil, em cursos regulares de ensino superior, oficial, oficializado ou reconhecido, cujo currículo seja fixado pelo Conselho Federal de Educação, nos termos da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que fixa as Diretrizes e Bases da Educação no Brasil, o que veio a ampliar o campo de trabalho para a profissão de Administrador. Um ano após a regulamentação da profissão, por meio do Parecer nº 307/66, aprovado em 8 de

julho de 1966, o Conselho Federal de Educação fixou o primeiro currículo mínimo do curso de Administração. Dessa forma, foram institucionalizadas, no Brasil, a profissão e a Formação de Técnico em Administração.

As diretrizes do parecer se inspiraram na análise das condições reais da Administração no País e nos postulados que emanavam da lei e da doutrina fixada na experiência nacional e internacional. Tal currículo procurou agrupar matérias de cultura geral, objetivando o conhecimento sistemático dos fatos e condições institucionais em que se inseria o fenômeno administrativo, matérias instrumentais, oferecendo os modelos e técnicas de natureza conceitual ou operacional, e matérias de formação profissional.

Com a liberdade dada pelo currículo, as escolas poderiam ministrar as matérias do currículo mínimo com diferentes dosagens de tempo e de acento quanto aos objetivos, assim como organizar cursos ou seminários de aplicação mais restrita ou especializada.

De acordo com o Parecer nº 307/66, o currículo mínimo do curso de Administração, que habilita ao exercício da profissão de Técnico de Administração, seria constituído das seguintes matérias:

- a) Matemática;
- b) Estatística;
- c) Contabilidade;
- d) Teoria Econômica;
- e) Economia Brasileira;
- f) Psicologia Aplicada à Administração;
- g) Sociologia Aplicada à Administração;
- h) Instituições de Direito Público e Privado (incluindo Noções de Ética Administrativa);
- i) Legislação Social;
- j) Legislação Tributária;
- k) Teoria Geral da Administração;
- l) Administração Financeira e Orçamento;
- m) Administração de Pessoal;
- n) Administração de Material.

Além desse elenco de matérias, tornava-se obrigatório o Direito Administrativo, ou a Administração de Produção e a Administração de Vendas, segundo a opção do aluno. Os alunos também tinham de realizar um estágio supervisionado de seis meses para obter o diploma.

A partir dessa regulamentação, procurou-se instituir também organismos que controlassem o exercício da profissão. Foram criados, então, os Conselhos Regionais de Administração (CRAs), com a função de fiscalizar o desempenho da profissão e expedir as carteiras profissionais, pré-requisitos obrigatórios para o exercício da profissão.

Os dados aqui apresentados revelam uma área que se desenvolveu essencialmente a partir de experiências importadas, desvinculadas da realidade nacional. Os modelos que até hoje são a base para os estudos em Administração refletem essa realidade e isso é bastante limitante.

Concorda-se com Kruglianskas (1993) quando afirma que as Instituições de Ensino Superior, como formadoras de futuros dirigentes e executivos, têm sua responsabilidade ampliada perante a sociedade, tanto no que se refere à formação desses profissionais, quanto no processo de sensibilização para as questões ambientais.

O contexto atual demanda um profissional com características diferenciadas, que seja capaz de conhecer e reconhecer os problemas em nível nacional, regional e local, estando habilitado para superar, de forma criativa e sustentável, os desafios que se apresentam.

Dessa forma, os estudos críticos em Administração são uma nova orientação capaz de preparar profissionais e, acima de tudo, cidadãos conscientes e politizados que consigam mudar ou redirecionar os conceitos que regem a área que orienta a adoção e manutenção de práticas organizacionais desvinculadas do meio ambiente e da sociedade como um todo.

A Educação Ambiental também é uma ferramenta que, se trabalhada adequadamente, pode contribuir com essas transformações necessárias e urgentes que não podem ser associadas apenas a uma nova demanda do mercado, o que continuaria formando profissionais “oprimidos”, mas criando uma nova ordem, com identidade própria e autônoma (FREIRE, 1987).

#### 4.1 A Educação Ambiental nos cursos de Administração

A educação é diretamente afetada pelas turbulências que marcaram a virada do milênio. O desenvolvimento da ciência e da tecnologia permitiu a realização de mudanças nos processos produtivos, nas relações sociais e nas políticas de educação.

Nesse sentido, a educação, em todos os níveis, tem a importante e complicada missão de acompanhar os indivíduos na construção de sua história. Dowbor (1996) afirma que se está frente a uma mutação do próprio papel da educação no processo de reprodução social, na medida em que, anteriormente, destinava-se a disciplinar e mutilar o profissional para adequá-lo ao mundo do trabalho.

Ainda na visão desse autor, é preciso que a educação esteja, hoje, associada à formação dos valores humanos e à formação do cidadão e de sua visão crítica e criativa, uma vez que o conhecimento, matéria-prima da educação, tornou-se o recurso estratégico do desenvolvimento moderno.

Tudo indica que não estamos enfrentando apenas uma revolução tecnológica. Na realidade, o conjunto de transformações parece estar levando a uma sinergia da comunicação, informação e formação, criando uma realidade nova, que designaríamos algo pomposamente como 'espaço do conhecimento', mas que representa exatamente isto. De certo modo, o processo reflete os primeiros passos do homo culturalis em contraposição ao homo economicus dos séculos XIX e XX, processo no qual entramos, como sempre, de forma desigual. (DOWBOR, 1996, p. 20)

Para participar e enfrentar tais mudanças cabe aos educadores a responsabilidade de estimular os educandos a assumirem a posição de sujeitos de sua própria formação, resgatando a sua cidadania, o que levaria a uma educação menos lecionadora ou instrutora e mais mobilizadora e ativa, características presentes no bojo da Educação Ambiental.

Dessa forma, acredita-se que o trabalho com Educação Ambiental nos cursos de Administração pode fomentar uma percepção diferenciada e mais abrangente das questões ambientais, principalmente considerando-se que a realidade dos cursos de Administração advém, como exposto, de uma história de formação associada às necessidades do mercado de trabalho.

A origem dessa percepção reside numa abordagem econômica da educação, ainda muito presente nessa área de formação, e, assim como as pessoas são

tratadas como recurso ou capital, os elementos que compõem o meio ambiente se enquadram na mesma perspectiva.

Nessa abordagem, as pessoas podem ser produtivas ou não para as organizações e uma série de estudos foi desenvolvida nesse sentido. Mesmo as abordagens humanísticas que sucederam a Escola Clássica da Administração (Taylorismo – Fordismo) têm, em seu escopo, a preocupação com a produtividade, representando a mentalidade e filosofia hegemônicas da Administração da primeira metade do século XX.

As pessoas eram vistas como coadjuvantes, que tinham que se ajustar para garantir o sucesso dos processos operacionais e dos resultados das organizações – leia-se “lucro” – e, apesar de o discurso atual apresentar conotações diferentes, não se crê que houve uma mudança real do sentido que as pessoas assumem para as organizações, principalmente considerando-se a realidade brasileira.

No entendimento desta autora, a mudança foi apenas na denominação, ou seja, o que antes era mão de obra agora é capital intelectual. É fato que uma série de elementos foi incorporada às organizações no intuito de beneficiar os colaboradores. Incentivos e ferramentas que fomentam a autorrealização dos mesmos foram incorporados aos processos de Gestão de Pessoas, porém, o foco continua a ser a produtividade: o resultado gerado pelo ex-funcionário e agora colaborador.

Foi a economia neoclássica que fundamentou, durante muito tempo, esse modelo, e as instituições de educação acompanharam as exigências do mercado, já que o sentido da educação estava na “formação para o emprego”. Isso fomentou uma concepção conservadora de ensino na área, em que os alunos literalmente aprendem técnicas e processos com base em padrões já existentes, para que, assim, estejam aptos a assumir funções específicas dentro de uma organização.

Mas esse não é o único caminho. Na área da Administração sempre existiam visões pautadas numa percepção crítica que buscaram orientar a implementação de abordagens diferenciadas. A Teoria Crítica aborda, basicamente, a resistência à dominação que determinados grupos exercem sobre outros, dentro ou fora das organizações.

Nesse sentido, tem como finalidade libertar os “oprimidos” da dominação por meio do esclarecimento e da autorreflexão. Tem como influência os escritos de

Marx, Freud e Nietzsche e deve à Escola de Frankfurt boa parte de seu arcabouço conceitual.

Guerreiro Ramos é outro nome de destaque nessa linha de trabalho com enfoque diferenciado para a Administração. Foi professor da EBAP, tendo proferido a primeira aula da Escola em 1952. Professor de Sociologia no curso de Administração, um de seus primeiros desafios foi preocupar-se com a produção de literatura administrativa fundamentada na experiência brasileira, vencida a etapa da tradução de clássicos em língua inglesa.

Dessa forma, foi publicado o livro *Administração e Estratégia do Desenvolvimento* (sua primeira edição saiu em 1966), reeditado em 1983 pela FGV com outro título - *Administração e Contexto Brasileiro*. Esse livro apresentava críticas à literatura administrativa convencional, produzida basicamente no âmbito da teoria e da prática norte-americana, que, como visto, influenciou de forma bastante significativa o ensino dessa área no Brasil.

Guerreiro Ramos nunca dissociou a Administração do âmbito das Ciências Sociais, ou melhor, do fenômeno social. A preocupação manifestada por ele com as organizações e com-o-homem-que-trabalha-nas-organizações sempre esteve ligada ao fato social, com o tratamento de temas tais como por que as organizações (produtivas) são como são e que consequências trazem para as pessoas, individualmente ou em grupo, produtivos ou não.

Não se vai encontrar na sua obra qualquer preocupação com atividades adjetivas, ligadas a técnicas administrativas ou a métodos de quaisquer tipos, salvo se reinterpretados em função de realidades e necessidades objetivas, as quais, muitas vezes, ignoram ou desprezam os manuais de procedimentos.

O desafio atual para a formação do Administrador é preparar um profissional que tenha a capacidade de atuar como “agente transformador, se ajustando com rapidez aos avanços da ciência e da tecnologia no estabelecimento de uma nova ordem” (GUERRA, 2001, p. 6).

Assim, acredita-se que o arcabouço conceitual desenvolvido e defendido por Guerreiro Ramos a partir das referências da Teoria Crítica para a Administração vai de encontro à essência da Educação Ambiental e se constitui como uma nova possibilidade de ensino para a área, principalmente considerando-se a premente necessidade de implementação de uma abordagem de trabalho ampla, que invista na formação de cidadãos e cidadãs conscientes e críticos, capazes de refletir sobre



o contexto em que estão inseridos e problematizar situações de forma diferenciada, questionando tendências hegemônicas e totalitárias e trazendo soluções criativas e inclusivas que contribuam para o bem-estar da sociedade

Nesse sentido, o trabalho com a Educação Ambiental nos cursos superiores de Administração também precisa ser ampliado, superando as limitações relacionadas às demandas do mercado nesse novo momento em que as questões ambientais assumem papel fundamental em todos os âmbitos e segmentos.

A sistematização do ensino da temática ambiental nos cursos de Administração tem crescido no âmbito acadêmico, mas, apesar disso, os resultados do trabalho ainda são incipientes. (BARBIERI, 2004; KRUGLIANSKAS, 1993; SALGADO, 2002).

A Resolução de nº 1, de 02/02/2004, que institui as diretrizes curriculares nacionais nos cursos de graduação em Administração, não discute explicitamente a Educação Ambiental, deixando-a subentendida, porém, apoiada pela Política Nacional de Educação Ambiental.

No entanto, a ausência de orientações específicas contribui para que o processo de institucionalização da temática nas instituições que trabalham com cursos de graduação em Administração não fuja à regra do que acontece no ensino superior de maneira geral, variando conforme o contexto e as características culturais das instituições de ensino.

De acordo com Thomaz (2006), a implantação da Educação Ambiental está associada muito mais a iniciativas individuais de professores. Para Barbieri (2004), a maioria dos programas de cursos superiores trata a Educação Ambiental de forma isolada, restringindo seu escopo a atividades pontuais como o Dia do Meio Ambiente ou programas de Coleta Seletiva de Lixo, o que retrata uma concepção conservadora e limitada da Educação Ambiental ainda predominando nessas instituições.

Ainda pode ser considerada pequena a oferta de disciplinas associadas ao Meio Ambiente ou à Educação Ambiental nos cursos de graduação. Essa realidade é diferente apenas quando se trata de cursos de pós-graduação.

É fato ser uma vantagem que algumas instituições já tenham trabalhado os currículos inserindo essas temáticas na graduação; no entanto, é importante avaliar até que ponto existe uma adequação do trabalho a partir, inclusive, dos princípios e objetivos norteadores para a Educação Ambiental a fim de que se tenham

resultados condizentes com as diretrizes da Política Nacional de Educação Ambiental.

O que se observa nos cursos de Administração é a predominância de uma Educação Ambiental orientada para a gestão. Em outras palavras, como as diretrizes curriculares não estabelecem a implantação da Educação Ambiental como disciplina, para valorizar o tema as disciplinas são concebidas com foco na gestão ou na responsabilidade social empresarial.

A “Educação” ambiental pressupõe uma abrangência maior nas questões que discute e nos objetivos a que se propõe. Em Tbilisi (1977) ficou estabelecido que o processo educativo deveria ser orientado para a resolução dos problemas concretos do meio ambiente, por intermédio de enfoques interdisciplinares e da participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade, o que se aplica a qualquer área do conhecimento.

Apesar de o termo “gestão” compreender elementos que envolvem planejamento, organização, implementação e controle de ações sob a perspectiva ambiental, ele não é suficiente para alcançar os objetivos a que se propõe a Educação Ambiental, comprometida com a transformação, promoção da consciência e envolvimento da sociedade a partir de um enfoque global sustentado em base interdisciplinar, sendo também ferramenta para a renovação permanente dos processos educativos.

Assim, apesar de, “em tese”, preparar parcialmente os futuros administradores para atuar na “Gestão Ambiental” nas empresas, as limitações no entendimento sobre as questões ambientais acabam sendo maquiadas, criando discursos diferenciados, mas práticas que seguem os mesmos padrões que marcaram a origem do ensino na área e não produzem resultados significativos para a sociedade.

Seguindo esse padrão, as ações dos profissionais em formação continuarão tendo uma orientação meramente pragmática, com foco no controle dos problemas ambientais e de gerenciamento de custos para as organizações. Salienta-se, mais uma vez, que o trabalho com a Educação Ambiental nos cursos de Administração precisa partir de uma perspectiva crítica, com foco não apenas no ambiente empresarial, mas no ambiente social.

A orientação das disciplinas deve ter como base o escopo norteador da Educação Ambiental e, a partir disso, poderiam ser definidas questões mais

específicas que considerem situações restritas ao ambiente organizacional. Dessa forma, conclui-se que a qualificação para essa área encontra-se em estágio inicial, com muitas barreiras a superar.

O despertar de uma mentalidade provocadora de mudanças na educação voltada para as questões ambientais dentro dos ambientes organizacionais demanda uma expertise diferenciada, e, mais do que isso, uma consciência plena do papel que cada um assume, inicialmente como cidadão e, depois, como gestor, na atualidade.

O modelo de Administrador que apenas “apaga incêndios” e que foca sua atuação nas questões de ordem meramente administrativa ou econômica provavelmente terá seu espaço comprometido nesse novo cenário. Os “novos” profissionais terão que assumir uma postura de agentes transformadores, com capacidade de ajustar os avanços das ciências e da tecnologia para que se alcance uma nova educação que compreenda elementos de ordem política, econômica, social e ambiental.

As dificuldades de trazer para a Administração as questões ambientais podem ser associadas às necessidades de mudança de cultura e comportamentos, principalmente no ambiente empresarial, onde a visão pragmática e mercantilista constitui a base de todas as relações. Nesse contexto, para os estudantes da área, a Educação Ambiental é um paradoxo, já que não conseguem perceber de que forma sua implementação trará benefícios aos “negócios” do qual farão parte, solidificando a percepção de que investir em meio ambiente representa apenas custo para a empresa.

Um dos grandes desafios para a área atualmente é trabalhar os projetos pedagógicos dos cursos a partir de uma perspectiva interdisciplinar. O formato tradicional, que literalmente vem preparando “mão de obra” para as empresas, precisa ser superado, para que se possa oferecer aos alunos, de forma integrada, conhecimentos que envolvam Ecologia, Administração, Economia, Sociologia, Política e Tecnologia, dentre outros.

Apenas um trabalho pautado na agregação, numa visão sistêmica, propiciará experiências de aprendizado diferenciadas e contextualizadas que contribuam com a formação desse profissional com perfil diferenciado. As questões associadas à área de meio ambiente precisam ser apresentadas e discutidas com os alunos,

trazendo à tona o papel que cada um deve assumir como profissional e como cidadão.

Considerando-se o encontro entre educação e meio ambiente, toda a história da Educação Ambiental e suas linhas de trabalho e a implementação do tema na área de Administração, reitera-se que o tema é de fundamental importância para que se possa caminhar em outro sentido, tendo-se a preocupação de formar não apenas mão de obra, mas iniciando-se um trabalho que, área a área, curso a curso, instituição a instituição, possa alcançar a finalidade básica da Educação Ambiental: promover as transformações necessárias e garantir a sustentabilidade dos recursos que asseguram não apenas a qualidade de vida da sociedade, mas a continuidade da VIDA neste planeta.

## 5 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

### 5.1 O universo da pesquisa

Desde o início estava clara a necessidade de se pesquisar no ensino superior em função das limitações quantitativas e qualitativas encontradas em trabalhos voltados para a Educação Ambiental nesse segmento de instituições.

A área de Administração foi definida como foco em função das experiências vivenciadas como docente e da necessidade de se recriar o espaço para a Educação Ambiental nesses cursos.

O universo da pesquisa compreendeu todas as instituições em funcionamento na cidade de Fortaleza com cursos de Administração reconhecidos pelo MEC.

Conforme dados levantados a partir do site do INEP, hoje denominado de E-MEC, em Fortaleza existiam, no momento da realização da pesquisa de campo (semestre de 2008.2), 34 cursos superiores de Administração, conforme Quadro 3:

Quadro 3 – Lista dos cursos de graduação em Administração aprovados pelo Ministério da Educação (MEC) no município de Fortaleza-Ce.

Continua

<b>CURSO/HABILITAÇÃO</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>CIDADE / UF</b>
Administração	Faculdade Sete de Setembro - FA7	FORTALEZA-CE
Administração	Universidade Federal do Ceará - UFC	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Integrada do Ceará - FIC	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Christus	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Sete de Setembro - FA7	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza - FAMETRO	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Nordeste - Fanor	FORTALEZA-CE
Administração	Instituto Ceará de Ensino e Cultura - ICEC	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Integrada da Grande Fortaleza - FGF	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Latino Americana de Educação - FLATED	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Cearense - FaC	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Católica Stella Maris - FCSM	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Ateneu - FATE	FORTALEZA-CE

Administração	Universidade Federal do Ceará - UFC	FORTALEZA-CE
---------------	-------------------------------------	--------------

Quadro 3 – Lista dos cursos de graduação em Administração aprovados pelo Ministério da Educação (MEC) no município de Fortaleza-Ce.

Conclusão

<b>CURSO/HABILITAÇÃO</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>CIDADE / UF</b>
Administração	Faculdade de Ciências Humanas de Fortaleza - FCHFOR	FORTALEZA-CE
Administração	Universidade de Fortaleza - UNIFOR	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Farias Brito - FFB	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Evolutivo - FACE	FORTALEZA-CE
Administração	Instituto de Ensino Superior do Ceará - IESC	FORTALEZA-CE
Administração	Instituto de Ensino Superior do Ceará - IESC	FORTALEZA-CE
Administração	Universidade Estadual do Ceará - UECE	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Integrada do Ceará - FIC	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Christus	FORTALEZA-CE
Administração	Instituto de Ensino Superior de Fortaleza - IESF	FORTALEZA-CE
Administração de Empresas	Instituto Ceará de Ensino e Cultura - ICEC	FORTALEZA-CE
Administração de Empresas	Faculdade Latino Americana de Educação - FLATED	FORTALEZA-CE
Administração de Empresas	Faculdade Cearense - FaC	FORTALEZA-CE
Administração de Empresas	Universidade Estadual do Ceará - UECE	FORTALEZA-CE
Administração de Empresas	Instituto de Ensino Superior do Ceará - IESC	FORTALEZA-CE
Administração Escolar	Faculdade Sete de Setembro - FA7	FORTALEZA-CE
Administração Escolar de 1º e 2º Graus	Universidade Estadual do Ceará - UECE	FORTALEZA-CE
Administração Hoteleira	Faculdade Integrada do Ceará - FIC	FORTALEZA-CE
Administração Noturno	Universidade Federal do Ceará - UFC	FORTALEZA-CE
Administração Pública	Universidade Estadual do Ceará - UECE	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Sete de Setembro - FA7	FORTALEZA-CE
Administração	Universidade Federal do Ceará - UFC	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Integrada do Ceará - FIC	FORTALEZA-CE

Fonte: INEP (2011). Adaptado pela autora.

Percebe-se, no entanto, que há duplicidade em relação a algumas instituições. Assim, após uma avaliação do Quadro 3, tem-se como instituições que irão compor o universo de pesquisa as expostas a seguir, no Quadro 4:

Quadro 4 – Universo da pesquisa – cursos de Administração aprovados pelo Ministério da Educação (MEC) no município de Fortaleza-Ce.

Continua

CURSO/HABILITAÇÃO	INSTITUIÇÃO	CIDADE / UF
Administração	Faculdade Sete de Setembro - FA7	FORTALEZA-CE
Administração	Universidade Federal do Ceará - UFC	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Integrada do Ceará - FIC	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade CHRISTUS	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza - FAMETRO	FORTALEZA-CE

Quadro 4 – Universo da pesquisa – cursos de Administração aprovados pelo Ministério da Educação (MEC) no município de Fortaleza-Ce.

Conclusão

CURSO / HABILITAÇÃO	INSTITUIÇÃO	CIDADE/UF
Administração	Faculdade Nordeste - FANOR	FORTALEZA-CE
Administração	Instituto Ceará de Ensino e Cultura - ICEC	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Integrada da Grande Fortaleza - FGF	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Latino Americana de Educação - FLATED	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Cearense - FAC	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Católica Stella Maris - FCSM	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Ateneu - FATE	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade de Ciências Humanas de Fortaleza - UNICE	FORTALEZA-CE
Administração	Universidade de Fortaleza - UNIFOR	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Farias Brito - FFB	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Evolutivo - FACE	FORTALEZA-CE
Administração	Instituto de Ensino Superior do Ceará - IESC	FORTALEZA-CE
Administração	Universidade Estadual do Ceará - UECE	FORTALEZA-CE
Administração	Faculdade Integrada do Ceará - FIC	FORTALEZA-CE

Administração	Instituto de Ensino Superior de Fortaleza - UNICE	FORTALEZA-CE
---------------	---	--------------

Fonte: INEP (2011). Adaptado pela autora.

Assim, o universo passou a ser composto por 20 Instituições de Ensino Superior, considerando-se o critério estabelecido para a realização da pesquisa, que foi a oferta da disciplina de Gestão Ambiental na matriz curricular do curso de Administração, de forma obrigatória ou optativa.

Foram levantadas, então, por meio eletrônico, as matrizes curriculares das instituições. O Quadro 5, na sequência, aponta um resumo do levantamento realizado junto às mesmas para verificar as que atendiam ao critério definido para composição da amostra:

Quadro 5 – Resumo dos critérios da definição da amostra.

<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>DISCIPLINA</b>	<b>SITUAÇÃO</b>	<b>SEMESTRE OFERTA</b>
<b>FACULDADE CHRISTUS</b>	Gestão Ambiental e Responsabilidade Social	<b>OBRIGATÓRIA</b>	8º
<b>FACULDADE CEARENSE</b>	Gestão Ambiental e Responsabilidade Social	<b>OBRIGATÓRIA</b>	7º
<b>FACULDADE STELA MARIS</b>	Gestão Ambiental	<b>OBRIGATÓRIA</b>	7º
<b>FACULDADE INTEGRADA DA GRANDE FORTALEZA</b>	Gestão Social e Ambiental	<b>OBRIGATÓRIA</b>	7º
<b>UNIFOR</b>	Gestão Ambiental	<b>OBRIGATÓRIA</b>	7º
<b>FACULDADE FARIAS BRITO</b>	Gestão Ambiental e Responsabilidade Social	<b>OPTATIVA</b>	-
<b>FACULDADE 7 DE SETEMBRO</b>	Gestão Ambiental	<b>OPTATIVA</b>	-
<b>FAMETRO</b>	Gestão Ambiental	<b>OPTATIVA</b>	-
<b>FACULDADE EVOLUTIVO</b>	<b>NÃO EXISTE NA MATRIZ CURRICULAR</b>	-	-
<b>IESC / FAECE</b>	<b>NÃO EXISTE NA MATRIZ CURRICULAR</b>	-	-
<b>FIC</b>	<b>NÃO EXISTE NA MATRIZ CURRICULAR</b>	-	-



<b>UFC</b>	<b>NÃO EXISTE NA MATRIZ CURRICULAR</b>	-	-
<b>FATE (ATENEU)</b>	<b>NÃO EXISTE NA MATRIZ CURRICULAR</b>	-	-
<b>UECE</b>	<b>NÃO EXISTE NA MATRIZ CURRICULAR</b>	-	-
<b>FCHC / UNICE</b>	<b>NÃO EXISTE NA MATRIZ CURRICULAR</b>	-	-
<b>FANOR</b>	<b>NÃO EXISTE NA MATRIZ CURRICULAR</b>	-	-
<b>IESF – UNICE</b>	<b>NÃO EXISTE NA MATRIZ CURRICULAR</b>	-	-
<b>FLATED</b>	<b>NÃO EXISTE NA MATRIZ CURRICULAR</b>	-	-
<b>ICEC/FAEC/FAFOR</b>	<b>NÃO EXISTE NA MATRIZ CURRICULAR</b>	-	-

Fonte: INEP (2011). Adaptado pela autora.

Atendendo ao critério, foram identificadas oito instituições: Faculdade Stella Maris, Faculdade Farias Brito, Faculdade 7 de Setembro, Faculdade Christus, UNIFOR, FAC, FAMETRO e FGF.

As faculdades Stella Maris (Faculdade Oboé) e Sete de Setembro não estavam ofertando ainda a disciplina, apesar de constar nas matrizes curriculares dos cursos. A justificativa dada pelos coordenadores de curso foi de que os cursos estavam iniciando e, em função do tempo, ainda não havia chegado o semestre correspondente ao da oferta da disciplina.

A Faculdade Farias Brito não estava ofertando a disciplina de Gestão Ambiental em função do número de alunos que se matriculavam nas turmas, insuficiente para mantê-las abertas. A Faculdade Christus não autorizou a realização da pesquisa.

Abaixo, as matrizes curriculares referentes às instituições que participaram do levantamento:

Quadro 6 – Matriz Curricular do curso de Administração da UNIFOR.

<b>UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR SEMESTRE 1</b>
A114 - Introdução A Contabilidade

A202 - Introdução A Economia N270 - Matemática H199 - Sociologia A123 - Teoria Geral da Administração
<b>SEMESTRE 2</b>
A109 - Comunicação Empresarial N272 - Estatística H200 - Filosofia e Ética H529 - Inst. de Dir. Publ. e Privado H300 - Metodologia do Trabalho Científico
<b>SEMESTRE 3</b>
A119 - Direito Empresarial N149 - Matemática Financeira A160 – Organizações Sistemas e Métodos A116 - Psicologia Aplicada Administração A553 - Tecnologia da Informação Gerencial
<b>SEMESTRE 4</b>
A111 - Administração Financeira I A115 - Custos e Formação de Preços A144 - Desenvolvimento Gerencial A117 - Gestão de Recursos Humanos A129 - Marketing
<b>SEMESTRE 5</b>
A554 - Administração Financeira II N274 - Análise Dados Estatísticos A180 - Gerência de Vendas A188 - Gestão de Recursos Humanos II
<b>SEMESTRE 6</b>
A138 - Administ. de Sist. Informações A118 - Gestão da Produção A128 - Logística e Cadeia Suprimentos A120 - Pesquisa de Mercado
<b>SEMESTRE 7</b>
A401 - Elaboração e Aval de Projetos A555 - Empreendedorismo e Negócios A178 - Gestão Ambiental
<b>SEMESTRE 8</b>
A195 - Diag Consult Organizacional A196 - Perfil de Negócios

Fonte: UNIFOR (2011).

Quadro 7 – Matriz Curricular do curso de Administração da FAC.

<b>FACULDADES CEARENSES – FAC</b>
<b>SEMESTRE 1</b>
Antropologia Cultural Comunicação e Expressão Empresarial Filosofia, Ética e Resp. Social Fundamentos de Administração E Gerência Informática Aplicada Metodologia Científica
<b>SEMESTRE 2</b>

Administração e Org. Contemporâneas Economia Introdução ao Estudo do Direito Métodos Quantitativos I Psicologia Aplicada a Administração Sociologia Aplicada a Administração
<b>SEMESTRE 3</b>
Ciência Política Economia Brasileira Contemporânea Fundamentos de Contabilidade Inglês para Negócios/Espanhol Para Negócios Métodos Quantitativos II Organização, Sistemas e Métodos
<b>SEMESTRE 4</b>
Administração de Operações e Logística I Administração de Sistema de Informação Administração de Talentos Humanos I Custos Empresariais Legislação Social e Trabalhista Pesquisa Operacional
<b>SEMESTRE 5</b>
Administração de Operações e Logística II Administração de Talentos Humanos II Administração Financeira E Orçamentária I Análise Micro e Macroeconômica Jogos Empresariais Legislação Tributária
<b>SEMESTRE 6</b>
Administração de Operações e Logística III Administração de Projetos Administração Financeira e Orçamentária II Administração Mercadológica Direito Empresarial Gestão Organizacional
<b>SEMESTRE 7</b>
Estágio Supervisionado I <b>Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável</b> Gestão do Conhecimento e da Informação Gestão para a Excelência Marketing Empresarial Projeto de Graduação I
<b>SEMESTRE 8</b>
Comércio Exterior Estágio Supervisionado II Gestão de Novos Empreendimentos Gestão Estratégica Empresarial Projeto de Graduação II Técnicas de Negociação

Fonte: FAC (2011).

Quadro 8 – Matriz Curricular do curso de Administração da FGF.

<b>FACULDADE INTEGRADA DA GRANDE FORTALEZA - FGF</b>
<b>SEMESTRE 1</b>
Fundamentos de Gestão Empresarial Fundamentos de Matemática e Estatística Introdução à Informática Português Instrumental
<b>SEMESTRE 2</b>

Filosofia, Sociologia e Ética Metodologia Científica Métodos Quantitativos Teoria Geral da Administração
<b>SEMESTRE 3</b>
Contabilidade I Fundamentos Antropológicos Gestão de Material e Patrimônio Introdução a Economia
<b>SEMESTRE 4</b>
Gestão de Marketing Gestão de Produção Matemática Financeira Psicologia Organizacional
<b>SEMESTRE 5</b>
Atividade Complementar I Direito do Trabalho I Gestão de Recursos Humanos Gestão Estratégica de Negócios Gestão Financeira
<b>SEMESTRE 6</b>
Atividade Complementar II Ciência Política Direito Comercial I Organização e Métodos Pesquisa Operacional
<b>SEMESTRE 7</b>
Comércio Internacional Contabilidade e Análise de Custos Estágio I Gestão de Sistemas de Informação Gerencial <b>Gestão Social e Ambiental</b> Logística Empresarial Mercado Financeiro
<b>SEMESTRE 8</b>
Elaboração e Análise de Projetos Empreendedorismo Estágio II Gestão do Varejo e Atacado Pesquisa de Marketing Trabalho de Curso Orientado

Fonte: FGF (2011).

Quadro 9 – Matriz Curricular do curso de Administração da FAMETRO.

<b>FAMETRO - SEMESTRE 1</b>
Teoria Geral da Administração I Metodologia do Trabalho Científico Leitura e Produção Textual Direito Empresarial I Informática Matemática
<b>SEMESTRE 2</b>
Teoria Geral da Administração II Filosofia Ética e Responsabilidade Social Matemática Financeira Matemática Psicologia Comportamental e Organizacional Contabilidade Geral
<b>SEMESTRE 3</b>
Gestão de Processos e Sistemas

Gestão de Custos Empresariais Direito Empresarial Teoria Econômica Estatística
<b>SEMESTRE 4</b>
Fundamentos da Sociologia e Antropologia Gestão de Pessoas Gestão Financeira Logística e Materiais Economia e Desenvolvimento Sustentável
<b>SEMESTRE 5</b>
Gestão de Sistemas de Informação Gestão Mercadológica Gestão da Produção Gestão Orçamentária
<b>SEMESTRE 6</b>
Comportamento do Consumidor Elaboração e Análise de Projetos Estágio Supervisionado Gestão Estratégica
<b>SEMESTRE 7</b>
Empreendedorismo e Plano de Negócios Estágio Supervisionado II Gestão do Comércio Exterior Pesquisa em Administração
<b>SEMESTRE 8</b>
Desenvolvimento de Competências Profissionais Gestão da Qualidade Jogos de Empresa Tópicos Avançados Trabalho de Curso
<b>OPTATIVAS</b>
Gestão de Pequenas e Médias Empresas Gestão de Empresas Familiares Aprendizagem Organizacional e Competências Gerenciais Cultura e Mudança Gestão do Terceiro Setor Consultoria Organizacional Estudos de Casos <b>Gestão Ambiental</b> Empresa e Mercado Financeiro Gerencia de Vendas

Fonte: FAMETRO (2011).

Percebe-se que existe uma pequena divergência em relação às denominações das disciplinas, porém, foram avaliados os conteúdos por meio de suas ementas para verificar se abordavam os mesmos tópicos ou temas.

## 5.2 Coleta de dados

No que se refere ao levantamento documental, que permitiu a identificação das instituições e suas matrizes, foi realizado por meio de pesquisa eletrônica no segundo semestre de 2008.

Para a realização da pesquisa de campo foi feito um recorte temporal intencional que considerou o semestre de 2009.2, mais especificamente o mês de novembro, quando as disciplinas estavam em fase de conclusão.

Os docentes foram entrevistados conforme disponibilidade de horários, antes ou após o início das aulas, com base em roteiros (APÊNDICE A) pré-definidos. As entrevistas foram transcritas e transformadas em texto.

Com os estudantes foi aplicado um questionário (APÊNDICE B), elaborado com foco nas principais questões abordadas pela pesquisa. A aplicação foi agendada previamente, com a anuência dos coordenadores de curso, e realizada no horário em que estavam em sala de aula, com professor responsável pela disciplina de Gestão Ambiental.

Conforme informações levantadas junto aos docentes, as turmas tinham, no total, um número de alunos matriculados na disciplina, que se expõe no Quadro 10, no entanto, apenas o número de respondentes estava em sala de aula no momento da aplicação do questionário.

Quadro 10 – Número total de alunos e número de respondentes da pesquisa.

<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>Nº ALUNOS TURMA</b>	<b>Nº RESPONDENTES</b>
UNIFOR	56	51
FAMETRO	42	37
FGF	19	14
FAC	37	29
<b>TOTAL ALUNOS</b>	<b>154</b>	<b>131</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2011).

Assim, observa-se que, do número total de alunos, 85% participaram da pesquisa.

O período escolhido para o levantamento foi o noturno, já que, nesse horário, todas as instituições estão em funcionamento.

A cada instituição foi realizada uma visita, que contemplou a pesquisa direcionada aos seus sujeitos.

### 5.3 Análise dos dados

As pesquisas qualitativas assumem diferentes significados no campo das Ciências Sociais. Seu arcabouço compreende um conjunto de técnicas interpretativas que procuram auxiliar na descrição e decodificação de um sistema complexo de significados. Seu objetivo é traduzir e expressar o sentido dos fenômenos no mundo social reduzindo a distância entre contexto e ação. (MAANEM, 1979, p. 520).

Esse tipo de pesquisa permite uma maior compreensão do seu objeto, bem como do contexto no qual está inserido, o que traz uma visão ampla e mais aprofundada do foco de investigação.

Dessa forma, optou-se por trabalhar com uma abordagem essencialmente qualitativa. Foi iniciada a partir de levantamento bibliográfico e documental que contemplaram aspectos de ordem conceitual e técnica.

Os dados coletados foram analisados com o auxílio de um *software* específico, o *Sphinx* Léxica, que disponibiliza uma série de ferramentas avançadas para análise de dados qualitativos, tais como análise de conteúdo, atelier lexical, tabelas de respostas e extrações de informações, além permitir cruzamentos entre os dados, possibilitando que se investigue em profundidade entrevistas e discursos.

Para as análises desta pesquisa foram utilizados basicamente os recursos de análise de textos, mais especificamente, as tabelas de respostas e extrações (verbatim).

O trabalho docente foi avaliado por meio do resultado de entrevistas que foram realizadas a partir de um roteiro pré-elaborado.

As entrevistas foram transcritas e, a partir disso, foram definidas 3 categorias principais para análise das respostas: Motivação para o trabalho com Educação (Gestão Ambiental); Percepção sobre Educação (Gestão Ambiental); e Objetivos a alcançar com a disciplina de Educação (Gestão Ambiental). Os dados obtidos foram complementados com as percepções do pesquisador sobre as entrevistas. As respostas foram agrupadas em um quadro resumo, que apresentou uma visão parcial das abordagens e características de cada docente.

A partir disso, com base na tipologia sobre o ambiente na Educação Ambiental elaborada por Sauv  (1992,1994) foi feita uma correla o com o modelo de educa o ambiental trabalhado pelos docentes, buscando identificar se havia a predominância de uma abordagem conservadora, com foco principalmente nas necessidades ou exigências de mercado, ou de uma abordagem crítica, que

fomentasse a disseminação de uma visão mais ampla e problematizadora sobre as questões ambientais.

No que se refere aos discentes, foi aplicado um questionário pré-elaborado, com foco nos aspectos fundamentais que o estudo se propôs a avaliar: visão do estudante sobre o tema, mudanças no que se refere às percepções sobre as questões ambientais e práticas adotadas após cursarem a disciplina.

Os 131 questionários foram tabulados no programa *Sphinx* e foi feito o estudo dos textos a partir da elaboração de tabelas, extrações e cruzamentos de informações referentes às respostas qualitativas.

As respostas foram agrupadas em função do critério de similaridade, no qual se utilizou, como eixo de significação, o tema meio ambiente. Seguindo a lógica de análise do trabalho docente, as respostas também foram associadas à Tipologia sobre o ambiente na Educação Ambiental elaborada por Sauv  (1992,1994), em que se fez uma correla o para avaliar em que medida aparece uma visão conservadora ou crítica sobre as questões ambientais na percep o dos discentes (Quadro 11).

Quadro 11 – A tipologia das concep es sobre o ambiente na Educa o Ambiental associada aos polos de análise da pesquisa.

AMBIENTE	RELA�O	CARACTERÍSTICAS	
COMO NATUREZA	para ser apreciado e preservado	natureza como catedral, ou como um útero, pura e original	VISÃO CONSERVADORA
COMO RECURSO	para ser gerenciado	herança biofísica coletiva, qualidade de vida	
COMO PROBLEMA	para ser resolvido	ênfase na polui�o, deterioriza�o e ameaças	
COMO LUGAR PARA VIVER	Educa�o Ambiental <i>para, sobre e no</i> para cuidar do ambiente	a natureza com os seus componentes sociais, históricos e tecnológicos	
COMO BIOSFERA	como local para ser dividido	espaçonave Terra, "Gaia", a interdependência dos seres vivos com os inanimados	
COMO PROJETO COMUNITÁRIO	para ser envolvido	a natureza com foco na análise crítica, na participa�o política da comunidade	VISÃO CRÍTICA

Fonte: Adaptado de Sauv  (1992, 1994).

Considera-se que as tipologias que definem o ambiente como natureza, como recurso, como problema, como lugar para viver e como biosfera estão associadas a uma linha mais conservadora de Educa o Ambiental, enquanto que a tipologia que define o ambiente como projeto comunitário está associada a uma linha crítica de Educa o Ambiental.



A partir dos resultados dessas análises foram identificadas as abordagens dos modelos de Educação Ambiental predominantes nos cursos de graduação em Administração na cidade de Fortaleza e verificadas as limitações relativas ao trabalho, considerando-se os resultados obtidos.

## 6 RESULTADOS DA PESQUISA

No que tange às instituições nas quais foi realizada a pesquisa de campo, coincidentemente, as quatro IES que formaram o universo pesquisado são de ensino privado, no entanto, apenas a UNIFOR se caracteriza como universidade, por atuar com ensino, pesquisa e extensão.

É também a mais antiga delas. Foi fundada em 1973 pelo industrial Edson Queiroz e está instalada em um campus com mais de 720 mil metros quadrados. Possui mais de 30 cursos de graduação sendo ofertados pelos seus centros de ciências, definidos conforme áreas de conhecimento, sendo eles o Centro de Ciências Humanas, o Centro de Ciências Tecnológicas, o Centro de Ciências da Saúde, o Centro de Ciências Jurídicas e, por fim, o Centro de Ciências Administrativas, ao qual pertence o curso de Administração.

As outras três instituições têm uma história mais recente e se aproximam uma das outras em função de seu porte.

A Faculdade Integrada da Grande Fortaleza (FGF) também tem, em sua origem, a presença de empresários que atuavam em outras áreas e que se voltaram para a educação. Foi fundada no ano 2000 e oferece cursos sequenciais e de graduação nas áreas de Administração, Ciências Contábeis, Jornalismo, Ciência da Computação, Educação Física, Direito, Enfermagem e Letras.

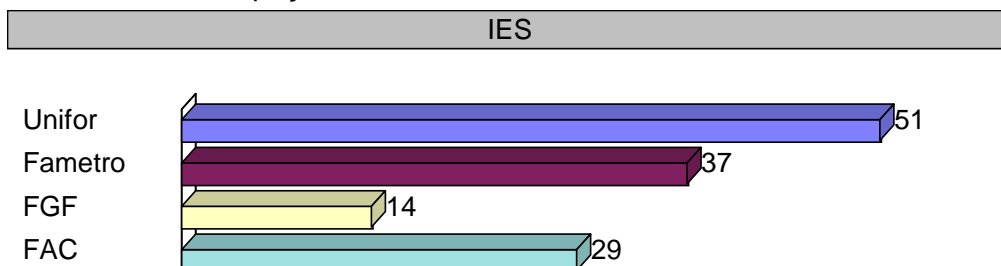
A FAMETRO foi concebida por educadores e tem seu foco no desenvolvimento de empreendedores. Fundada em 2002, também oferece cursos de graduação e tecnológicos, atuando também no segmento de pós-graduação. Os cursos de bacharelado são oferecidos nas áreas de Enfermagem, Direito, Administração, Ciências Contábeis, Serviço Social e Farmácia. Já os tecnólogos focam nas áreas de Gestão Comercial, Gestão Hospitalar e Estética e Cosmética.

Por fim, a Faculdade Cearense (FAC) foi fundada em 2002, com cursos de bacharelado nas áreas de Administração, Turismo, Ciências Contábeis, Direito, Jornalismo, Pedagogia, Publicidade e Propaganda e Serviço Social.

O Gráfico 1 apresenta o percentual de participação de cada instituição na pesquisa, considerando-se o número de estudantes que responderam aos questionários. Ressalta-se que foi trabalhada apenas uma turma de cada instituição,

mesmo considerando-se que a UNIFOR, no momento de realização da pesquisa, tinha mais de seis turmas em funcionamento.

Gráfico 1 – Participação das IES no levantamento de dados.



Fonte: Pesquisa de campo (2011).

Observa-se que a Universidade de Fortaleza foi a instituição com maior representatividade, porém, também é a instituição de maior porte, o que justifica esse fato.

#### 6.1 Análise do discurso docente

Foram entrevistados quatro docentes que trabalham com a disciplina nas instituições definidas para a pesquisa. Com relação ao sexo dos respondentes, metade pertencia ao sexo feminino e a outra metade, ao sexo masculino, e eram integrantes da faixa etária compreendida entre 27 e 50 anos.

O Quadro 12 resume a formação dos docentes pesquisados.

Quadro 12 – Resumo da formação dos Docentes participantes da pesquisa de campo.

PROFESSOR INSTITUIÇÃO	GRADUAÇÃO	PÓS-GRADUAÇÃO
UNIFOR	Economia	Mestrado Administração
FAMETRO	Direito	Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente
FGF	Administração	Consultoria Empresarial
FAC	Administração	Mestrado em Administração

Fonte: Elaborado pela autora (2011).

Todos os professores entrevistados atuam profissionalmente além das atividades docentes.

O professor que representou a UNIFOR é consultor na área de meio ambiente, além de ter ocupado diversos cargos no Governo do Estado vinculados a essa área.

Foi o criador do Sindicato das Empresas de Reciclagem de Resíduos Sólidos Domésticos e Industriais do Estado do Ceará (SINDVERDE) e esteve envolvido com projetos relacionados à atividade dos catadores de lixo em Fortaleza.

A professora da FAMETRO era, na época, procuradora jurídica do Instituto de Meio Ambiente de Caucaia. Na FGF a professora também atuava como consultora e o professor da FAC atuava como gerente de uma incubadora de empresas de base tecnológica na Fundação Núcleo de Tecnologia Industrial do Ceará (NUTEC).

A Administração e a Economia são as áreas com predominância na formação dos docentes entrevistados, o que, de certa forma, pode determinar um viés de trabalho na abordagem da disciplina.

Quanto às atividades profissionais, dois atuam em outras atividades relacionadas à gestão de empresas e outros dois possuem vínculos com atividades relacionadas ao meio ambiente.

O roteiro da entrevista abordou três questões consideradas chave para o levantamento, como mencionado: Motivação para o trabalho com Educação (Gestão Ambiental); Percepção sobre Educação (Gestão Ambiental); e Objetivos a alcançar com a disciplina de Educação (Gestão Ambiental).

A primeira delas abordou a motivação para o trabalho com a disciplina de Gestão Ambiental, que aqui representa a Educação Ambiental no ensino superior. O Quadro 13 apresenta um resumo das respostas:

Quadro 13 – Respostas Docentes relativas à motivação para o trabalho com Gestão Ambiental.

RESPOSTAS	PROFESSOR FGF	PROFESSOR FAMETRO	PROFESSOR FAC	PROFESSOR UNIFOR
MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO COM EA/GA.	A abrangência do tema e a necessidade de ser trabalhada por gestores.	Vivência prática e percepção sobre a falta de comprometimento das empresas e passar aos alunos uma noção de consciência ambiental.	Estudo sobre o assunto na graduação e no mestrado.	Experiência própria durante sua vida na reciclagem do lixo.

Fonte: Pesquisa de campo (2009).

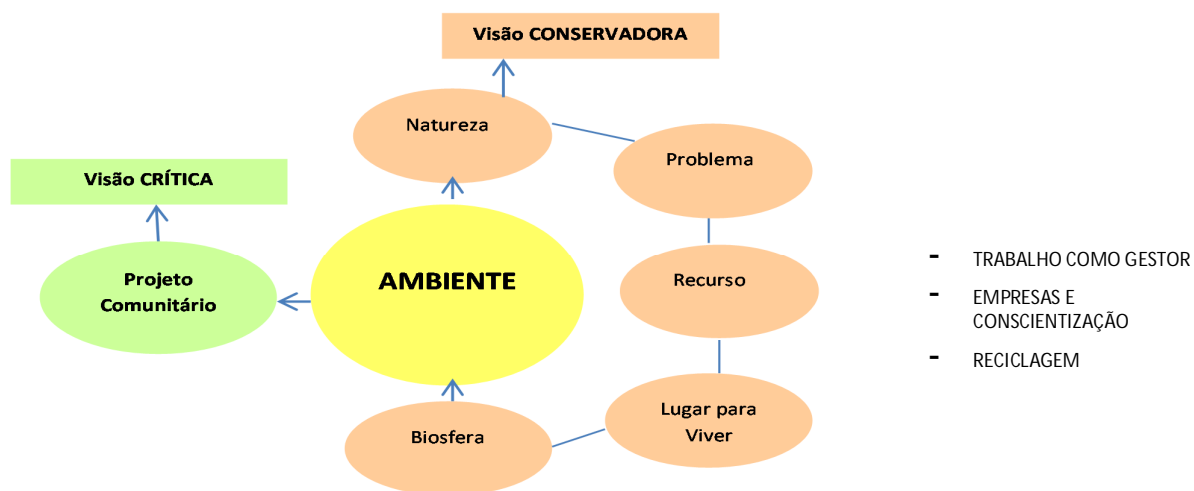
A partir da visualização do Quadro 13, foi possível definir algumas palavras e/ou frases chaves associadas à motivação dos docentes:

- Professor FGF: Trabalho como gestor.

- Professor FAMETRO: Falta de comprometimento das empresas e conscientização.
- Professor FAC: Interesse pessoal.
- Professor UNIFOR: Experiência com reciclagem do lixo.

Recorrendo-se à tipologia de Sauv  (1992,1994), adotada como base para as análises do trabalho,   possível associar-se as respostas com base na figura abaixo:

Figura 1 - Associa o Respostas Tipologia Sauv  (1992,1994).



Fonte: Elaborado pela autora (2011).

Está clara, nesse grupo de respostas, que não contempla apenas a de um professor, a orienta o para uma concep o do ambiente como problema e como recurso. Essas concep es estão intimamente associadas a uma visão mercadológica do ambiente, em que os recursos podem e devem ser utilizados, porém, de forma "racional" ou "sustentável". Os trechos com cita es dos docentes reforçam essa ideia.

Ela   bem abrangente, por exemplo, fundamentos de gestão, um administrador não tem como não trabalhar; gestão de pessoas sempre foi a minha área de atua o, trabalhando claramente na perspectiva de gestão estratégica; As áreas que envolvam desenvolvimento humano, planejamento, gestão de pessoas; A logística   que foge um pouquinho, mas acaba interligada; Sistema de informa o, não tem como você trabalhar se não tem um bom sistema de informa o gerencial. Elas

acabam se interligando para que você tenha uma formação bem mais abrangente (Informação verbal)<sup>3</sup>.

Já a professora da FAMETRO justifica sua motivação considerando o que vivencia no dia a dia do seu trabalho.

Eu já trabalhava com direito ambiental e, como te disse, fui convidada para ministrar essa disciplina. De início achei que fosse ser um desafio, como eu não sou administradora, mas o que me motivou foi que eu vivencio isso na prática, a falta de comprometimento das empresas, a necessidade que ela tem de também fazer pro do que a legislação exige, nada mais, então uma das coisas que me motiva é tentar passar isso pros alunos, essa noção da importância do meio ambiente, mais do que instrumento de gestão ambiental, eu tento passar a conscientização da importância do meio ambiente pra eles e, como a minha área é direito, eu também passo as consequências jurídicas de você não está adequado à legislação (Informação verbal)<sup>4</sup>.

O professor da UNIFOR fala de sua experiência de vida e de seu interesse pela área associada à temática ambiental. No entanto, é importante ressaltar que a sua atuação principal sempre foi como consultor de empresas, o que caracteriza a sua associação ao mercado.

O professor da FAC, considerado exceção, apesar de apresentar uma motivação diferente, demonstra sua aproximação com o mercado quando utiliza o termo responsabilidade socioambiental em sua fala.

Na graduação eu estudava isso, minha monografia na graduação foi responsabilidade socioambiental, aí eu entrei no mestrado, continuei estudando isso. Quando terminou o mestrado eu vim dar aula aqui, aí foi natural que eu assumisse essa disciplina, que me interessa (Informação verbal)<sup>5</sup>.

Numa síntese apertada, tem-se que o viés mercadológico da motivação desses professores pode ser interpretado a partir de suas respostas. Termos como gestão e empresas são continuamente citados e a consciência vem a reboque dos mesmos. Nesse sentido, considerando-se o foco das respostas, é possível identificar-se claramente a percepção conservadora de ambiente que predomina nesses discursos.

Esse cenário é favorecido pelo fato de que nenhum dos docentes recebeu formação específica para trabalhar com a disciplina de Gestão Ambiental, o que, volta-se a salientar, é significativo, já que o intuito da mesma é abordar a educação

---

<sup>3</sup> Informação fornecida pela professora da FGF em entrevista, em Fortaleza, em nov./2009.

<sup>4</sup> Informação fornecida pela professora da FAMETRO em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

<sup>5</sup> Informação fornecida pela professora da FAC em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

ambiental no ensino superior conforme orientação das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de Administração.

As respostas relativas a esse tema apontam essa realidade:

“Não, nunca fiz não” (Informação verbal)<sup>6</sup>.

Não, eu participava muito disso e participo hoje ainda, fui trabalhar na SEMACE, estou trabalhando no IMAC, então, os projetos de educação ambiental, a maioria dos projetos do IMAC passa por mim, mas curso específico de Gestão Ambiental não. Só cursos rápidos de 40 horas, mas formação de professores não, de Educação Ambiental não (Informação verbal)<sup>7</sup>.

O do DETRAN, que é bem específico. Para ser colaborador do DETRAN, para atuar como formadora nessa área ambiental. O próprio DETRAN desenvolve, você faz o curso e, se você alcançar uma determinada média, é que você pode ser um formador nessa área, como é uma área que eu me identifico (Informação verbal)<sup>8</sup>.

“Não” (Informação verbal)<sup>9</sup>.

Concorda-se com Gouvêa (2004), que denomina a realidade do trabalho que vem sendo desenvolvido nos ambientes de ensino de dispedagogia ambiental, significando a carência de um projeto educacional que enfatize a importância dos aspectos político, social, cultural, teórico e prático da educação na construção da complexidade ambiental, deixando o tema ser trabalhado de forma limitada e fragmentada.

Essa dispedagogia ambiental, segundo a autora, faz com que a Educação Ambiental perca suas finalidades e se descaracterize enquanto processo educativo permanente e contínuo, porquanto se torna acrítica e reprodutora, deixando de lado os seus próprios fundamentos para responder aos desafios destes tempos, resultando na deseducação ambiental.

A próxima questão aborda a percepção que os docentes apresentam sobre o que é a Educação Ambiental. A perspectiva será associada aos objetivos da disciplina, o que permite uma melhor análise das respostas.

O Quadro 14 apresenta um resumo:

---

<sup>6</sup> Ibid.

<sup>7</sup> Informação fornecida pela professora da FAMETRO em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

<sup>8</sup> Informação fornecida pela professora da FGV em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

<sup>9</sup> Informação fornecida pela professora da UNIFOR em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

Quadro 14 – Respostas Docentes acerca da percepção sobre Educação Ambiental e objetivos da disciplina.

RESPOSTAS	PROFESSOR FGF	PROFESSOR FAMETRO	PROFESSOR FAC	PROFESSOR UNIFOR
<b>PERCEPÇÃO SOBRE EA/GA</b>	Conscientização de que você faz parte de um todo e possui responsabilidades com o seu Planeta.	Instrumento de modificação de hábito.	Uma questão fundamental e transversal às outras matérias.	Não existe educação ambiental, existe educação.
<b>OBJETIVOS ALCANÇAR</b>	A Criar uma consciência ambiental nos alunos enquanto gestores.	Passar a conscientização da importância do meio ambiente	Conscientização e implementação dessa questão pelos alunos.	Eco business no aspecto micro e Política Ambiental no aspecto macro.

Fonte: Pesquisa de campo (2009).

A professora da FGF aborda a questão da conscientização, no entanto, associada exclusivamente às demandas do ambiente empresarial:

É a conscientização de que você faz parte de um todo, de um Planeta Terra e que você tem responsabilidades - assim como você tem que ter direitos, você tem deveres para com o local e o Planeta que você mora. É assim que eu consigo passar para os meus alunos o semestre inteiro com foco na cidadania e na responsabilidade social, responsabilidade que eles terão enquanto gestores em relação ao meio-ambiente, o tipo de processo produtivo que ele vão escolher, o tipo de matéria-prima que eles vão utilizar, isso é responsabilidade, eles analisarem no processo o impacto daquele produto que ele vai ter para o meio-ambiente, então é nessa perspectiva que a disciplina vai trabalhar, e ela é trabalhada (Informação verbal)<sup>10</sup>.

É interessante destacar que, no discurso da professora, ela fala em criar uma consciência enquanto gestora, e, apesar de falar da cidadania, isso se restringe ao tipo de processo produtivo, à matéria-prima utilizada, ao impacto do produto sobre o meio ambiente. O distanciamento e a relação de exploração sobre o meio podem ser claramente identificados nessa resposta.

Abaixo seguem as respostas dos professores da FAMETRO e da FAC:

Eu acho que seria um instrumento de modificação de hábito, de buscar passar para as pessoas através da sala de aula, a importância dessa modificação de hábito, não só sociais, mas empresariais em relação ao meio ambiente, aos recursos naturais. Eu acredito que a educação ambiental é a base de tudo, sem ela você não consegue modificar nada; por outro lado, tendo a prática que eu tenho, eu vejo que, no meu ponto de vista, a educação ambiental é realmente eficaz em crianças, não que não sirva pra nada em adultos, não é isso que eu quero dizer, nas crianças, ela mantém uma eficiência grande, quando o adulto se depara entre fazer o certo como ele aprendeu e a questão econômica, ele não vai ter dúvidas, ele vai optar pela questão econômica, então eu acho que a educação

<sup>10</sup> Informação fornecida pela professora da FGV em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.



ambiental é a base de tudo, mas acho que é uma dificuldade a mais você tentar passar para uma turma de graduação educação ambiental (Informação verbal)<sup>11</sup>.

Educação ambiental, no início eu entendia como uma questão mais ensino básico, fundamental e que realmente tem que ser trabalhado nesses níveis; na minha disciplina eu trabalho muito a questão da Educação Ambiental enquanto matéria interdisciplinar, transversal às outras matérias, só que, como existe ineficiência desde o início, as crianças não aprendem isso, os adolescentes não aprendem isso, então uma geração ou várias gerações foram formadas sem essa cultura, e a gente acaba trabalhando isso na faculdade. Então eu volto um pouco também na minha disciplina para trabalhar com a conscientização, conceituação da história do meio ambiente. Aqui na FAC a gente tem 3 etapas, a primeira etapa eu trabalho só isso, a história da Gestão Ambiental, do meio ambiente. Os eventos Comissão Brundtland, Nosso Futuro Comum, a questão da concentração ambiental, e, a partir da segunda etapa é que eu vou entrar mais forte em Gestão Ambiental nas Empresas, eu faço primeiro essa introdução, essa questão mais voltada pra concentração, que eu acho que a Educação Ambiental ta focada nisso, pra depois entrar no âmbito da empresa realmente, como é que a gente trabalha essa questão dentro da empresa, na estratégia da empresa (Informação verbal)<sup>12</sup>.

Algumas características permanecem no discurso da professora da FAMETRO e, apesar de demonstrar uma percepção um pouco mais ampla sobre Educação Ambiental, essa percepção se estreita quando a professora a interpreta apenas como instrumento de mudança de hábitos, definindo, ainda, a Educação como base do processo, no entanto, sendo eficaz apenas para o trabalho infantil.

A professora salienta, ainda, que a questão econômica prevalece quando se trata da educação de adultos, o que não é de se estranhar, já que na Administração esse é um enfoque cultural. O professor da FAC admite a importância da Educação Ambiental e afirma trabalhar a conscientização no início da disciplina, mas também reforça a questão da resistência que encontra por parte dos estudantes.

O professor da UNIFOR é categórico em sua resposta e, apesar de anos vinculado a atividades relacionadas ao meio ambiente, afirma:

“Não existe Educação Ambiental, existe apenas a Educação” (Informação verbal)<sup>13</sup>.

Como comentado, a formação dos professores e, mais especificamente, dos que se originam das áreas de Administração e Economia, determina a percepção e o viés que é adotado na disciplina que ministram. Trata-se de formação predominantemente conservadora, pautada em práticas conteudistas e pragmáticas

---

<sup>11</sup> Informação fornecida pela professora da FAMETRO em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

<sup>12</sup> Informação fornecida pela professora da FAC em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

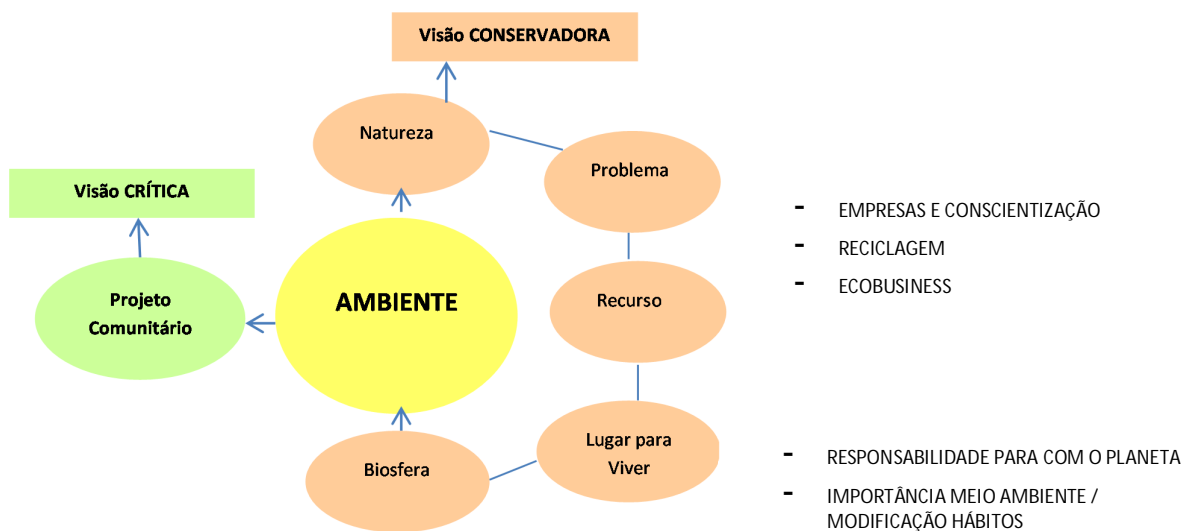
<sup>13</sup> Informação fornecida pela professora da UNIFOR em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

que contribuem para a manutenção do *status quo*, não sendo capazes de criar um novo ambiente de aprendizagem, alicerçado no envolvimento e comprometimento com as questões socioambientais. (LAYRARGUES, 2002).

A resposta do professor da UNIFOR, mais uma vez, representa claramente a orientação mercadológica do seu trabalho, apesar de sua maior aproximação com as questões ambientais. O fato de não reconhecer a Educação Ambiental reforça essa abordagem e é um reflexo das limitações desses professores no que se refere a uma visão crítica e abrangente sobre o meio ambiente e às questões que precisam ser trabalhadas a partir das diretrizes da Educação Ambiental.

Adotando-se os mesmos parâmetros de análise, é possível identificar-se, novamente, uma orientação conservadora na abordagem do tema meio ambiente.

Figura 2 - Associação Respostas Tipologia Sauv  (1992,1994).



Fonte: Elaborado pela autora (2011).

A associa o feita com as respostas e apontada na Figura 2 reforça as afirmativas anteriores no que tange ao modelo e às características da Educa o Ambiental trabalhada por meio das disciplinas de Gestão Ambiental nos cursos de Administra o.

Fica evidente, nos objetivos que apresentam para a disciplina, que, apesar da necessidade de conscientiza o presente em alguns dos discursos, a base do trabalho   fortemente condicionada por questões empresariais e de mercado e a

própria metodologia de ensino, ou a forma como trabalham os conteúdos, demonstra esse fato. Dessa forma, o ambiente continua a ser visto como problema, recurso a ser gerenciado e lugar para se viver, indicando, mais uma vez, a predominância de uma visão conservadora sobre o tema.

Isso aponta para uma visão limitada sobre a Educação Ambiental e de seu potencial como instrumento de transformação da sociedade a partir de elementos que a compõem e a diferenciam da educação de forma geral, num indicativo da adoção de práticas que restringem a amplitude em que EA pode ser trabalhada e apresentam uma abordagem de trabalho conservadora.

Em praticamente todas as respostas a teoria se apresenta dissociada da prática, sendo aplicadas em momentos distintos do curso. A sensação é de que uma não tem relação com a outra e que, nessa área, o que tem valor é a prática, é o dia a dia das empresas, como se o conteúdo ou foco da disciplina estivesse restrito apenas a esse tipo de assunto e, mais ainda, como se não pudesse ser tratado na Educação Ambiental.

Os trechos abaixo retratam essa realidade:

Bom, meu conteúdo é dividido em duas partes: a parte teórica e a parte prática. Na parte teórica são dados todos os conceitos, em relação ao que é gestão ambiental, aquela parte bem conceitual e na parte prática eles fazem dois trabalhos ao longo da disciplina. Eles fazem um trabalho primeiro onde eles vão numa empresa real e fazem um levantamento de como a empresa trabalha seu gerenciamento ambiental, em seguida eles elaboram um projeto, que é o segundo trabalho, de implementação de ações de gestão ambiental para as empresas, as mesmas que eles fizeram. Nesse semestre nós tivemos três empresas em que foram feitos três projetos que, inclusive, estão continuando. Uma delas foi uma confecção que eles continuam com o projeto, foi trabalhado na disciplina, outro foi num restaurante, e o terceiro foi numa bombonière, que é um trabalho em melhor tempo (Informação verbal)<sup>14</sup>.

São aulas expositivas, mas no sentido da prática, o que acontece no dia a dia, não adianta eu trazer textos exaustivos pra gente ler sobre educação ambiental e gestão ambiental. Eu fiz uma apostila, como se fosse um norte pra eles, na verdade não é muito bem uma apostila, são duas mini apostilas que eu fiz dividindo a disciplina em duas partes. A primeira parte, que eles me questionaram muito no início porque não conheciam a legislação ambiental e eles podiam precisar conhecê-la, muitos, 90% da nossa turma já trabalha em empresas e às vezes eles não sabem o básico, a minha atividade precisa de licenciamento, não precisa, então eu pretendo trabalhar a responsabilidade do administrador nesse sentido. A gente entrou há pouco tempo na segunda metade da disciplina, na questão da gestão ambiental empresarial mesmo, então, até aqui, eu falei da questão do meio ambiente, da importância, mais da questão ambiental na legislação e agora, a partir da semana passada e até o final, a gente vai falar da questão da

---

<sup>14</sup> Informação fornecida pela professora da FGV em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

empresa, e as minhas aulas são em Power point, a maioria das aulas, não todas, e eu procuro sempre falar essa questão da prática (Informação verbal)<sup>15</sup>.

Essa disciplina de Gestão Ambiental, Social, Desenvolvimento Sustentável são coisas que estão na moda, então, às vezes, o aluno acha que como é um tema que está na moda, ele acaba tendo que estudar por esse motivo e, muitas vezes, pra ele não é uma coisa palpável. A primeira vez que eu entrei nessa disciplina, eu escutava esse tipo de crítica dos alunos, **“Ah professor, esse é um assunto da moda, está todo mundo falando”, ‘Ah, a gente não consegue ver como isso se aplica no dia a dia da empresa”**, mesmo eu falando muito sobre isso, mas como eles não vivem a experiência nas empresas que eles trabalham, alguns exemplos são palpáveis, porque eu estou falando de empresas reais, mas é difícil de internalizar porque eles não vivem isso. Aí no semestre seguinte eu fiz a seguinte alteração, como é uma questão, eu procuro dar esse embasamento mais prático pra eles notarem que não é um assunto só da moda, apesar de estar lá, é um assunto importante atualmente, que vai estar na pauta durante muitos anos ainda e existe uma aplicabilidade prática dessas questões na administração, se fosse na pedagogia seria diferente. Então eu montei uma apostila onde eu tenha a teoria, por exemplo, “evolução histórica da questão ambiental”, isso aqui não tem a ver com empresa ainda, tem a ver com a questão do meio ambiente, e depois de cada matéria dessa eu tenha uma reportagem de revista, no caso aqui, a maioria é da Exame, que mostra na prática como é que isso acontece. Não, são capítulos de livros e artigos científicos. Então, por exemplo, aqui eu tenho uma reportagem da Exame, que coloca a data, a fonte, quem foi o jornalista, e essa reportagem aqui tem tudo a ver com a matéria que eu acabei de dar, então “pessoal, a teoria é essa, vamos ver na prática como acontece” aí eles leem aqui empresas como a Walmart, o Pão de Açúcar, Nike, o que essas empresas estão fazendo, e como é que isso está relacionado com a teoria que eu acabei de falar, colocar no quadro e eles vão ler depois em casa, no capítulo de livro ou no artigo que está aqui. Então sempre após esses capítulos, esses artigos têm uma questão prática. Uma ou várias (Informação verbal)<sup>16</sup>.

“Exposições teóricas e atividades práticas voltadas para análise e elaboração de projetos” (Informação verbal)<sup>17</sup>. Alguns docentes justificam essa necessidade de dissociação em função da própria resistência dos alunos, que não veem importância na disciplina para a sua formação profissional.

Os docentes têm uma visão diferenciada e acreditam que é uma disciplina de extrema importância, no entanto, em função das demandas do ambiente empresarial.

Como eu digo pra eles, eu acho que hoje a disciplina de Gestão Ambiental deveria ser obrigatória, porque hoje é inconcebível um administrador não ter noção de educação ambiental, hoje, a gestão ambiental faz parte da empresa, cada vez mais vai fazer. Porque se hoje exige que as empresas trabalhem, principalmente com a ISO 9000 da qualidade, daqui a um tempo

<sup>15</sup> Informação fornecida pela professora da FAMETRO em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

<sup>16</sup> Informação fornecida pela professora da FAC em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

<sup>17</sup> Informação fornecida pela professora da UNIFOR em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

a ISO 14001 vai ser básica pra qualquer tipo de empresa, então eu acho que um administrador hoje precisa ter esse conhecimento, ele precisa saber quais são as vantagens realmente, na empresa, da aplicação da gestão ambiental. Saber como se aproveitar disso pra convencer o diretor da empresa a implantar, eu acho que está na função do administrador essa mudança, essa quebra desse paradigma, que investir em gestão ambiental não é perda de tempo, não é recurso jogado fora, acho que pelo contrário, a gente pode exercer em benefício da empresa (Informação verbal)<sup>18</sup>.

“Porque o modelo de gestão atual exige a questão ambiental tanto quanto a informática e a língua estrangeira” (Informação verbal)<sup>19</sup>.

Quando questionados em relação às melhorias possíveis para o trabalho com Educação Ambiental no ensino superior, as respostas foram as seguintes:

Eu acho que hoje ainda não é satisfatória, mas eu acho que já deu um grande passo, tem disciplinas do curso de Administração, por exemplo, que tratam muito bem a responsabilidade social. Eu acho que a disciplina de Gestão Ambiental deveria ser obrigatória, as faculdades, em si, deveriam ter programa efetivo de responsabilidade social, permanente, desenvolvendo os próprios colaboradores, a comunidade ao redor. Pra mim, por exemplo, fazer uma campanha de vacinação uma vez por semestre não é um ato de responsabilidade social, e a maioria faz isso, pra mim é uma obrigação. Falta um pouco essa visão de ter um núcleo só disso. A gente tem aqui, as faculdades têm, a maioria eu acredito que tenha essas ações, mas não existe um núcleo que envolva, que seja algo permanente (Informação verbal)<sup>20</sup>.

“Deveria existir nas universidades não apenas a obrigatoriedade multidisciplinar, mas a capacitação dos professores em relação ao assunto” (Informação verbal)<sup>21</sup>.

Eu acho que sim, eu fiz graduação em administração na UFC, me interessei nessa área porque eu fazia trabalhos no terceiro setor e comecei, inclusive, com trabalhos de responsabilidade social, o ambiental veio depois, mas na UFC eu não tive nenhuma disciplina sobre isso, eu tinha uma professora, professora Mônica, que trabalhava com essa temática e me orientou na monografia porque eu tinha interesse nisso, mas disciplina não tive, e como a UFC, a maioria das outras faculdades também não tem, então, falando de ensino superior, acho que uma melhoria inicial seria implementar a disciplina em diferentes cursos, até porque esse tema é um tema latente, recorrente e importante pro momento que a gente vive hoje. Uma segunda questão é preparar o professor para ministrar essa disciplina, porque se a gente pegar, por exemplo, um professor, falando do ramo de administração, de engenharia que trabalha com meio ambiente, ele vai vir pra administração com a visão dele de engenheiro e não vai reforçar o que os alunos precisam ou esperam, inclusive nessa área de conscientização, porque é uma coisa muito mais da área de educação e de pedagogia do que das outras áreas, da mesma forma que se pegarmos uma pessoa que

---

<sup>18</sup> Informação fornecida pela professora da FAMETRO em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

<sup>19</sup> Informação fornecida pelo professor da UNIFOR em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

<sup>20</sup> Informação fornecida pela professora da FAMETRO em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

<sup>21</sup> Informação fornecida pelo professor da UNIFOR em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

venha da área de educação pra ministrar isso no curso de administração, ela vai focar na conscientização e não no ambiente empresarial, porque faz parte da formação dela. Então se você tem um professor que é administrador e está preparado pra trabalhar tanto a conscientização como essa parte empresarial, teríamos na minha visão um professor preparado pra ministrar essa disciplina no curso de Administração, se for no curso de pedagogia é um perfil diferente, se for no curso de engenharia é um perfil diferente, mas no curso de Administração, na minha visão teria de ser assim, tanto é que é dessa forma que eu trabalho a disciplina. Então o que eu acho que poderia melhorar é preparar professores pra ministrar a disciplina no curso de Administração, focando essas duas variáveis, tanto a questão individual, quanto a questão empresarial. Essa apostila, a cada semestre nós damos uma melhorada nela, tem um tema que eu acho importante discutir na sala da administração, que é economia ambiental, não está nessa apostila, mas eu pretendo colocar na apostila do próximo semestre. Eu já coletei alguns textos sobre isso, porque é difícil entender que o meio ambiente vale alguma coisa, por exemplo, eu tenho uma fábrica de papel, aí eu faço reflorestamento das áreas que eu desmato pra fazer o papel, o custo que eu coloco no papel é o custo de reflorestamento, só por existir um custo aí, que é o custo do meio ambiente, ele não inclui, porque é difícil de calcular, às vezes porque nem entende bem que esse custo existe e se eu passar a incluir esse custo, vai tornar o produto mais caro e vai reduzir a competitividade (Informação verbal)<sup>22</sup>.

Os professores tocam na questão da formação para o trabalho com Educação Ambiental como um limitador e essa é uma realidade. Concorda-se com o professor da FAC quando ele toca na questão das especificidades de formação. É lógico que cada área tem sua característica e precisa ser preservada. No entanto, acredita-se também que é essa fragmentação que fragiliza o trabalho com Educação Ambiental.

É preciso que se estabeleçam conexões com outros ambientes que extrapolam os muros da empresa e que não estão relacionados apenas com custo x benefício ou com o controle das atividades para evitar multas ou perda de mercado. Deve-se, em primeiro lugar, pensar na formação do cidadão e isso não se faz apenas na pedagogia.

Concorda-se com Guimarães (2005) quando afirma que esse modelo de Educação Ambiental, limitada e associada a interesses particulares, acaba desenvolvendo na sociedade uma visão pasteurizada e homogeneizadora sobre as questões ambientais, no entanto, pode ir além desses limites se estiver resolvida a romper com os ideais que estão descolados do mundo das práticas e políticas efetivas que contribuam para a superação desse modelo de sociedade.

Essa proposta é passível de ser realizada em qualquer área do conhecimento, desde que não se a fragmente, não se dissocie a teoria da prática, não sejam focadas questões que dizem respeito a grandes corporações, enquanto a pequena

---

<sup>22</sup> Informação fornecida pelo professor da FAC em entrevista, em Fortaleza, em nov/2009.

fábrica instalada no bairro trabalha com funcionários menores de idade e explora este trabalho, polui o ambiente e elimina gases que estão comprometendo a saúde dos que moram mais perto dela, quando se sabe que foi construída em uma área residencial e que opera irregularmente.

É preciso compreender a amplitude da Educação Ambiental no sentido de reconhecimento, de envolvimento, de participação ativa nos processos, considerando-se a realidade e os problemas que afetam os indivíduos em seu cotidiano, não apenas dentro dos muros de uma empresa, mas em sua casa, na rua, em qualquer lugar.

Realmente houve um avanço em se trazer o tema para o ensino superior, mas sem um direcionamento adequado, esse trabalho não terá grande impacto. As características presentes nos discursos dos professores refletem o conservadorismo e aqueles que até tem a intenção de extrapolar isso, esbarram na resistência dos alunos e não sabem como gerenciar a situação.

Partindo-se desse modelo de Educação Ambiental não se conseguirá avançar rumo às mudanças que necessitam ser realizadas, tampouco formar gestores com um perfil que se aproxime do exigido pelas “novas” necessidades que o mercado, a sociedade e o planeta apresentam em um sentido amplo. Vai-se continuar formando para o *status quo*.

A capacidade crítica, questionadora, precisa ser estimulada nos alunos e isso demanda um trabalho mais complexo, que envolva, nas discussões, não apenas um problema específico a ser gerenciado, mas um conjunto de questões associadas em torno desse problema e que necessitam de um tratamento abrangente para que possam ser solucionadas, pensando-se não apenas no bem-estar ou resultado de uma entidade, mas da sociedade como um todo, do planeta como um todo.

Assim, os resultados apontam uma série de fragilidades no que se refere às percepções e práticas docentes no trabalho com EA no ensino superior.

Dessa forma, não é possível afirmar que as percepções e práticas docentes estão adequadas às diretrizes da Educação Ambiental e às necessidades atuais de conscientização e geração de soluções diante dos problemas ambientais que estão sendo vivenciados pela sociedade, restando clara uma condução conservadora do tema com foco nas necessidades de mercado.

## 6.2 Análises do discurso discente

O perfil discente compreende homens e mulheres, com idade variando ente 21 e 48 anos, a maioria na faixa etária compreendida entre 20 e 24 anos.

Em relação ao sexo, a Tabela 1 demonstra que a maioria dos respondentes é do sexo masculino, apesar de que, no geral, houve um equilíbrio, já que a diferença em percentual foi de menos de 1%.

Tabela 1 – Sexo dos respondentes das IES.

SEXO	QT. CIT	FREQ
FEMININO	65	49,6%
MASCULINO	66	50,4%
<b>TOTAL OBS</b>	<b>131</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pesquisa de campo (2009).

A maioria dos respondentes possui ocupação profissional, conforme aponta a Tabela 2:

Tabela 2 – Inserção no mercado de trabalho.

OCUPAÇÃO PROFISSIONAL	QT. CIT	FREQ
NÃO RESPOSTA	1	0,8%
SIM	114	87,0%
NÃO	16	12,2%
<b>TOTAL OBS</b>	<b>131</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pesquisa de campo (2009).

Esse é um dado relevante, pois demonstra que a maioria desses estudantes já faz parte do quadro de colaboradores de empresas em diversos segmentos, ou atua em seus próprios negócios, revelando o potencial que possuem como agentes de transformação no meio empresarial, podendo fomentar, com suas percepções e práticas, posturas diferenciadas em relação aos aspectos ambientais.

Por outro lado, também reforça a tendência de associação da disciplina às necessidades do mercado, já que vão associar o que aprendem ao dia a dia nas organizações e negócios dos quais fazem parte.

A Tabela 3 aponta as principais áreas em que os estudantes atuam profissionalmente:



Tabela 3 – Inserção no mercado de trabalho.

ATIVIDADE PROFISSIONAL	QT. CIT	FREQ
NÃO RESPOSTA	16	12,2%
MARKETING	20	3,1%
VENDAS	4	15,3%
LOGISTICA	7	5,3%
TRANSPORTES	3	2,3%
PRODUÇÃO	5	3,8%
QUALIDADE	2	1,5%
TI	1	0,8%
ADMINISTRATIVO/OPERACIONAL	22	16,8%
GESTÃO	8	6,1%
FINANCEIRO/CONTÁBIL	13	9,9%
RH	3	2,3%
ADM. PUBLICA	3	2,3%
COOPERATIVAS	1	0,8%
ONG'S	1	0,8%
EDUCAÇÃO	2	1,5%
SERVIÇOS	4	3,1%
CONSTRUÇÃO CIVIL	1	0,8%
OUTROS	15	11,5%
<b>TOTAL OBS</b>	<b>131</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pesquisa de campo (2009).

Percebe-se uma grande variação das atividades desenvolvidas, com predominância daquelas relacionadas à administração, em geral.

A primeira pergunta que trabalha especificamente com o foco da pesquisa levanta se houve mudança na compreensão que detinham sobre o conceito de meio ambiente após cursarem a disciplina de Gestão Ambiental. A Tabela 4 aponta que a maioria revela que houve esta mudança.

Tabela 4 – Mudança na compreensão sobre meio ambiente.

HOUE MUDANÇA NA COMPREENSÃO SOBRE MEIO AMBIENTE	QT. CIT	FREQ
SIM	117	89,3%
NAO	14	10,7%
<b>TOTAL OBS</b>	<b>131</b>	<b>100%</b>

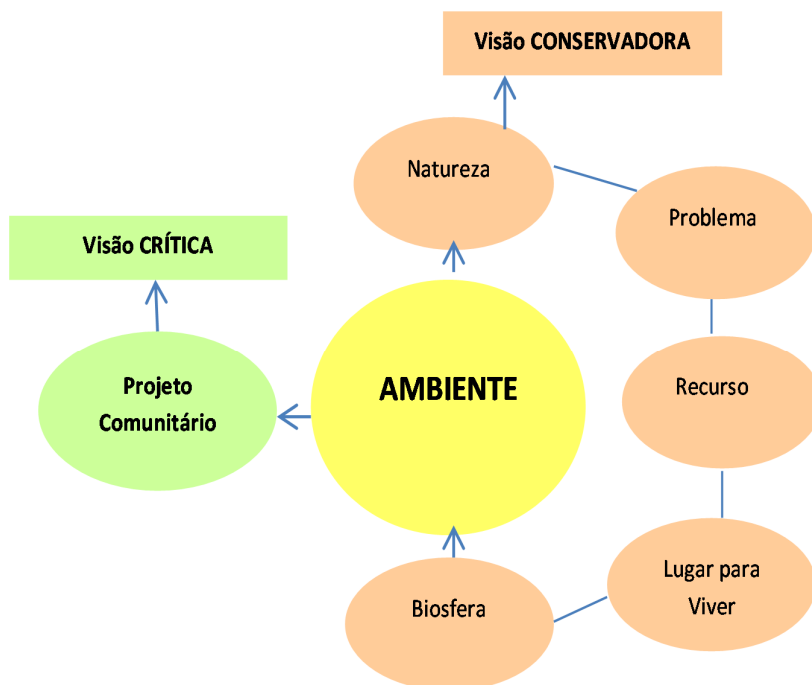
Fonte: Pesquisa de campo (2009).

Para facilitar a análise das respostas, foi feito um agrupamento das mesmas em função de palavras chave identificadas que orientam a interpretação do contexto, associadas à Tipologia das concepções sobre o ambiente na Educação Ambiental elaborada por Sauv  (1992,1994).

Como o número de questionários respondidos foi grande, não foi feita a identificação dos respondentes.

A figura utilizada como base para as análises do discurso discente é a mesma adotada para o discurso docente. Como para os discentes foi aplicado um questionário, as respostas foram agrupadas de acordo com os parâmetros da Tipologia, ou seja, a visão de ambiente como Natureza, Problema, Recurso, Lugar para se viver, Biosfera e Projeto Comunitário, considerando-se que as cinco primeiras estão associadas a uma concepção conservadora de ambiente e a última, a uma concepção crítica de ambiente.

Figura 3 - Associação Respostas Tipologia Sauv  (1992,1994).



Fonte: Elaborado pela autora (2011).

O primeiro grupo de respostas que será comentado é o que apresenta mudanças relacionadas à visão sobre o meio ambiente:

**AMBIENTE COMO NATUREZA  
(Para Ser Apreciado, Respeitado, Preservado)**

“Mudou minha forma de ver o meio ambiente. Essa cadeira abriu meus olhos em relação aos animais e a forma como são tratados e as consequências humanas que fazem”.

“A consciência de que o meio ambiente precisa ser cuidado e preservado não só por prover recursos naturais que fazem a diferença no desenvolvimento social, político e cultural, mas porque precisamos dele para qualidade de vida e da terra como planeta”.

“A conscientização aumentou sobre a importância de conservar o meio ambiente”.

“Fiquei mais consciente em relação ao cuidado que devo ter com a natureza”.

“Hoje vejo o meio ambiente com muito mais consciência e responsabilidade”.

“Houve uma grande conscientização em mim com relação ao que posso fazer para mudar a situação do planeta”.

“Minha consciência ambiental, que não tinha. Passei a ter ações e atitudes mais voltadas para o meio ambiente”.

“Mudou de forma bastante boa, pois agora tenho a consciência do que é prejudicial e a melhor forma de dar destino às coisas poluentes do meio ambiente”.

“A responsabilidade de cuidar e preservar o meio ambiente. Tenho mais consciência e ações educativas na preservação do meio ambiente”.

“Mudou no quanto é importante na concepção de fato como devemos interagir com o meio ambiente no intuito de preservar, cuidar, etc..”

“Com certeza com essa disciplina tive uma visão mais ampla sobre como é importante a preservação do meio ambiente”.

“Conscientização sobre a preservação do meio ambiente”.

“Agora sei coisas básicas que posso fazer e ajudar de alguma maneira o planeta”.

“Percepção sobre como fazer a minha parte pode ajudar a melhorar o meio ambiente”.

**AMBIENTE COMO UM RECURSO  
(Para ser gerenciado)**

“Agora é possível ver o meio ambiente de forma mais ampla, não só a parte da natureza em si, mas a junção do aspecto natural, como também o ambiente em que vivemos e trabalhamos”.

“Mudou a minha percepção de que o meio ambiente não é somente rios, lagos e plantas e sim o geral, pessoas, financeiro”.

“Antes possuía uma ideia muito restrita do que realmente é o meio ambiente. Hoje já sei até onde abrange o assunto e as reais proporções de degradação do mesmo”.

“A consciência para não desperdiçar recursos escassos”.

“A minha consciência ambiental e a visão de que é preciso mudar as nossas atitudes, pois cada ato gera uma consequência”.

“Eu não sabia o que era gestão ambiental e hoje sei que ela cuida do meio

ambiente. Aumentaram os meus conhecimentos e a ter mais responsabilidade com o meio ambiente”.

“Percebi que o mundo necessita de um meio equilibrado”.

“Saber racionalizar recursos e ter mais zelo pelo meio ambiente”.

“Tanto mudou quanto fortaleceu minha percepção em relação a melhor utilização dos recursos naturais pelas organizações e sociedade como um todo”.

### **AMBIENTE COMO UM PROBLEMA (Para ser resolvido)**

“Ampliou meu nível de conhecimento sobre o assunto, dando uma maior amplitude no nível de consciência, áreas de atuação, impactos ao meio ambiente e tratamento dos impactos”.

“Maior preocupação com o meio ambiente, principalmente com as mudanças climáticas”.

“Quando você começa a cursar essa disciplina começa a ter noção do que realmente é meio ambiente e se preocupar mais com questões como poluição e aquecimento global, passando a dar mais importância a elas”.

“Ajudou a ter mais noção dos problemas causados ao meio ambiente”.

“Compreensão mais abrangente dos problemas ambientais na atualidade”.

“No tocante a produção individual de material descartado produzido e em relação ao seu destino.”

### **AMBIENTE COMO UM LUGAR PARA SE VIVER (para conhecer e aprender sobre, para planejar, para cuidar)**

“Percebi que o meio ambiente não era apenas as plantas”

“A concepção que eu tinha sobre meio ambiente não é mais a mesma, visto que, antes eu não conhecia os tipos de meio ambiente cultural, natural, artificial e do trabalho”.

“Antes via o meio ambiente apenas como plantas e animais. Hoje vejo que é um todo, a parte cultural, patrimônio, valores, enfim, engloba todos os ambientes no qual estamos envolvidos”.

“A interdependência de fatores que abrangem uma visão bem mais ampla do que é ensinado nas escolas e na mídia”.

“Até o início da disciplina tinha uma visão de que o meio ambiente era somente água, árvores e ar, no entanto, meio ambiente é tudo”.

“Aumento da compreensão sobre a definição de meio ambiente, que é mais do que fauna e flora, mas aborda as interações do ser humano com todas as espécies vivas”.

“Compreendi que todos nós devemos nos incluir no conceito de meio ambiente e não só levarmos em conta os animais e vegetais”.

“Porque aprendi que o meio ambiente é tudo que esta a nossa volta e não só a mata”.

“Tinha uma visão limitada do assunto e observei a amplitude e as relações

existentes que cercam o meio ambiente e sua importância no contexto atual”.

“Conscientização Ambiental e Social”.

“É um assunto bem mais complexo do que eu imaginava. Envolve vários fatores nos quais grande parte cabe a nós controlarmos para não impactarmos fortemente o meio ambiente. A palavra chave é conscientização para vivermos melhor”.

“A aquisição de um olhar mais crítico ao redor visando a melhoria do ambiente”.

“Aprendi o que realmente é ter responsabilidade social e que nós seres humanos temos a **fazer algo** pelo nosso planeta hoje”.

“Aumentei a visão sobre a responsabilidade que todos devemos ter em cuidar do meio ambiente”.

“Passei a ver a questão do meio ambiente de forma mais responsável, procurando poluir menos”.

“Podemos observar que pequenos atos que cometemos no nosso dia-a-dia afetam o meio ambiente, então a partir daí podemos analisar, melhorar e ter a consciência de um ambiente melhor”.

“Tive realmente a noção de quanto o meio ambiente nos é importante, não só para o nosso bem estar, mas em geral”.

“O modo de ver as coisas referentes a esse assunto surgiu assim uma preocupação espontânea sobre tudo desse tema e conseqüentemente mudanças nos hábitos e a prática de passar adiante o que aprendi, para família, amigos e colaboradores”.

“A minha parcela de contribuição no que se refere a conscientizar pessoas sobre a importância do meio ambiente e o que podemos fazer para melhorar nossa interação com ele”.

“Passei a valorizar mais o meio ambiente e fiquei mais informado sobre os impactos causados por nós.”

“Reconhecimento dos impactos gerados pelos seres humanos sobre o meio ambiente”.

“Pude ver que o meio ambiente esta sendo afetado e tem alguns requisitos para mudar esse quadro”.

### **AMBIENTE COMO A BIOSFERA (onde se deve viver juntos, no futuro)**

“A minha concepção sobre a terra era muito limitada quanto a sua abrangência e influencia assim como as inter-relações que envolvem o mundo e seus impactos. Isso tudo ficou muito mais claro para mim”.

“O meio ambiente é todo o local em que estamos. O respeito aumentou. Quando conhecemos mais a fundo o assunto vemos que é grande a responsabilidade e que as atitudes de agora serão refletidas nas gerações futuras. Hoje a minha consciência é maior”.

“Mudou o meu modo de pensar, ver que é muito importante ter o conhecimento do meio ambiente e que ele faz parte da nossa vida”.

### **AMBIENTE COMO PROJETO COMUNITÁRIO (com o qual se está envolvido)**

“Abriu minha cabeça para outros problemas ambientais e a correlação com os problemas sociais”.

“Eu passei a ter um novo jeito de ver as coisas em relação ao ambiente e perceber que as mudanças começam em mim”.

Nesse grupo de respostas fica clara a visão ingênua e limitada que os alunos tinham sobre o conceito de meio ambiente. Isso retrata o que Carvalho (2006) afirma sobre o tema, salientando que quando se fala em meio ambiente, muito frequentemente se evocam ideias associadas a “natureza”, “vida biológica”, “vida selvagem” ou “flora e fauna”, o que traduz uma visão naturalizada autônoma e independente do mundo cultural humano, que contribui para o distanciamento dos humanos da natureza, fazendo com que a história de degradação se repita.

Um ponto positivo verificado nesse grupo de respostas é que um pouco desse paradigma, pelo menos em teoria, parece ter sido quebrado. Os alunos demonstram que houve uma ampliação do entendimento sobre o que é o meio ambiente, indicando a percepção de interação com o mesmo.

Dessa forma, a partir da vivência na disciplina há uma ampliação do conceito de meio ambiente, que pode estar relacionada com a apresentação das teorias apontadas pelos docentes que marcam o início ou a primeira fase de trabalho com as disciplinas. Nesse sentido, as noções de responsabilidade social, associadas à gestão de empresas, apresentam um impacto positivo nas percepções dos alunos.

Percebe-se, também, nos discursos, a indicação de que houve um aumento do reconhecimento em relação aos problemas ambientais. Além disso, foi identificada uma tendência a assumir reponsabilidades perante as mudanças que precisam ser implementadas e uma preocupação com a preservação para a qualidade de vida comum.

No entanto, considerando-se o foco de análise do trabalho, é possível identificar a predominância das respostas nas categorias associadas a uma abordagem conservadora de meio ambiente, já que apenas duas dentre elas puderam ser associadas à tipologia de do ambiente como um Projeto Comunitário. Talvez essa postura seja reflexo da formação dos docentes, das características predominantes em seus trabalhos já vistas anteriormente e da condução da disciplina. Assim, as limitações conceituais e de abordagem dos docentes acabam

por influenciar na percepção construída pelos alunos a partir da experiência na disciplina.

O próximo item trata de aspectos do ambiente empresarial, em que os benefícios da disciplina são associados às influências das atividades empresariais no comprometimento do equilíbrio ambiental. Da mesma forma, com o intuito de se verificar em que medida está presente nas respostas uma visão conservadora sobre o meio ambiente, as mesmas serão agrupadas conforme a tipologia de referência para análise.

<b>AMBIENTE COMO NATUREZA (Para Ser Apreciado, Respeitado, Preservado)</b>
<p>“Após ter cursado esta disciplina estarei apto a desenvolver e divulgar programas de responsabilidade socioambiental na instituição onde sirvo, bem como atuar de melhor forma na questão da preservação do meio ambiente”.</p> <p>“Sim, minha visão mudou completamente. Mudanças no dia a dia no âmbito pessoal e profissional”.</p>
<b>AMBIENTE COMO UM RECURSO (Para ser gerenciado)</b>
<p>“A disciplina ajudou a melhoria dos meus conhecimentos sobre a responsabilidade socioambiental, fazendo com que a partir desse conhecimento devemos realmente nos preocupar mais com a questão ambiental”.</p> <p>“Aumentou meu conhecimento teórico apesar da empresa em que trabalho já fazer a disseminação da proteção ambiental através de campanhas educativas sobre coleta seletiva e uso racional da água e energia”.</p>
<b>AMBIENTE COMO UM PROBLEMA (Para ser resolvido)</b>
<p>“A forma de entender a geração de resíduos, o descarte e os produtos verdes”.</p> <p>“A necessidade de se preservar o meio ambiente deixou de ser preocupação apenas de movimentos ambientais e ONG’s. O mercado e suas exigências não mais aceitam o descaso com os recursos naturais e os consumidores em parte, tomaram consciência disto”.</p> <p>“A visão sobre como uma empresa pode afetar diretamente a preservação da vida no planeta e como ela mesma pode reduzir os impactos causados por ela própria”.</p> <p>“Através dessa disciplina pude levar para o ambiente de trabalho soluções a respeito desse assunto como licenças ambientais, SEMAM, SEMACE, IBAMA, responsabilidade social e ambiental”.</p> <p>“Com o andamento da disciplina ficou possível dimensionar o que as empresas em geral estão realizando para promover uma melhor integração entre ser humano e meio ambiente”.</p> <p>“Com o estudo da disciplina passei a compreender melhor os aspectos relacionados à gestão das empresas com o meio com a gestão ambiental”.</p>

“Como identificar os problemas vistos na sociedade do que é a responsabilidade social e obrigações”.

“Consegui entender os direitos e obrigações em relação às empresas e o meio ambiente”.

“Da preocupação de algumas empresas em contribuir com a preservação ambiental, seja por força da lei, das exigências do consumidor ou pela responsabilidade socioambiental”.

“Eu não dava muita importância sobre o que acontecia no mundo e no ambiente empresarial”.

“Houve uma conscientização da minha parte em termos do meio ambiente como, por exemplo: trabalho no setor de compras e passei a comprar resmas de papel A 4 "reciclado" entre outros fatores”.

“Melhorou meus conhecimentos no que diz respeito a relação da empresa com o meio ambiente”.

“Muitas situações do meu dia-a-dia, no trabalho, que eu achava que não causavam nenhum impacto negativo no meio ambiente. Esclareceu-me muito para as minhas tomadas de decisão”.

“No que diz respeito a minha compreensão foi mais para o lado das empresas o fato de como elas investem em meio ambiente e podem usar isso e, seu favorecimento e o quanto é importante para tornar-se um diferencial”.

“O curso veio ampliar a abrangência do conceito, principalmente na questão socioambiental das empresas e a importância de suas participações”.

“O meio ambiente é atuação da sociedade, da empresa com as questões socioambientais (responsabilidade social, filantrópica)”.

“Passei a dar mais atenção e observar das empresas que somos clientes e assim utilizar produtos socioambientais corretos”.

“Passei a ver que realmente é uma questão que requer uma mudança de comportamento coletiva e que o profissional que não estiver envolvido nesse sentido está a margem do mercado”.

“Principalmente no que diz respeito a responsabilidade ambiental das organizações, ou seja, quem é responsável por determinada ação”.

“Percebi como o assunto está cada vez mais abrangente no meio social e empresarial”.

“Percebi o que realmente pode influenciar na gestão ambiental nos ambientes interno, micro e macro”.

“Tive uma visão mais ampla das leis ambientais”.

“Descobri que meio ambiente é uma área de estudo bastante ampla com definições simples e propósitos complexos de alcançar”.

**AMBIENTE COMO UM LUGAR PARA SE VIVER  
(para conhecer e aprender sobre, para planejar, para cuidar)**

“A minha percepção antes do curso era que somente as grandes empresas poderiam prejudicar o meio ambiente diretamente. Atualmente percebo que também



sou um agente e devo me preocupar cada vez mais”.
---

<b>AMBIENTE COMO PROJETO COMUNITÁRIO (com o qual se está envolvido)</b>
---

“O nível de abrangência e complexidade do tema e de como é importante a participação de todos”.
---

Para esse item foi excluída a categoria “ambiente como Biosfera”, pois nenhuma resposta se enquadrou em sua definição. Quanto às categorias “ambiente como recurso e como problema”, em alguns casos podem apresentar respostas semelhantes. Todas as respostas que tratam ou que adotam como base a palavra “empresa” foram agrupadas na categoria “ambiente como problema”.

Avaliando-se isoladamente os discursos, percebe-se que a disciplina influenciou positivamente esses alunos. No entanto, se se considerar as bases de um modelo de Educação Ambiental Crítica, percebe-se que prevalece nos discursos uma visão conservadora associada à questão ambiental.

Fala-se muito de consciência, de preservação, de ampliação do entendimento, sem, no entanto, perceber-se questionamentos que envolvam aspectos de ordem política, social, cultural, econômica. Apresentam-se os problemas, reconhecem-se os danos causados pela sociedade ao meio, mas não se questiona em nenhum momento o modelo de sociedade vigente.

Encontra-se apoio em Tachizawa (2004) nesse sentido quando afirma que o ambientalismo superficial, que pode ser identificado nesses discursos, tende a aceitar por omissão a ideologia do crescimento econômico ou a endossá-la abertamente, associando a maior parte das percepções às necessidades do meio empresarial.

A gestão ambiental deveria estar pautada na ecologia profunda, que substitui a ideologia do crescimento econômico puro pela ideia de sustentabilidade ecológica, com a missão de reforçar o reconhecimento de que o crescimento econômico ilimitado, num planeta finito, só pode apresentar um resultado: desastres. O fato de estar associada ao meio empresarial não limita suas possibilidades positivas de influência, desde que seja adotada uma perspectiva crítica de trabalho.

As escalas representadas na Tabela 5 apontam que houve um aumento significativo no que se refere ao sentimento de responsabilidade percebido em relação aos problemas do meio ambiente, porém, considerando-se o contexto em

que estão inseridas, não é possível ainda associar esse sentimento a uma postura real e prática, revertida em mudança de atitudes.

Tabela 5 – Grau de responsabilidade antes e depois de cursar a disciplina.

QUESTÕES	NR	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
<b>GRAU RESPONSABILIDADE ANTES</b>	1	4	4	17	20	34	18	14	14	4	1	131
<b>GRAU RESPONSABILIDADE DEPOIS</b>	0	0	0	2	3	3	6	20	36	44	17	131

Fonte: Pesquisa de campo (2009).

A predominância das respostas na opção que antecedia a disciplina estava concentrada no intervalo de 3 a 6 da escala. Após cursarem a disciplina, essa variação se deslocou para o intervalo de 7 a 10, ou seja, o aumento dessa percepção foi significativo. Se se focar no aspecto responsabilidade, os resultados sugerem, inicialmente, algo positivo. Porém, também podem refletir o distanciamento existente entre o indivíduo e o meio ambiente, que acha importante, agora, fazer algo pelo meio ambiente, sem, no entanto, perceber-se como parte dele.

Seria aqui possível associar-se o resultado desse item às categorias que apontam uma visão de ambiente como recurso ou como problema, tendo em vista que, mesmo quando existe uma indicação de mudanças, elas se dão num contexto simplista de resolução de problemas ambientais, considerando-se apenas atitudes relativas à redução de impactos e de envolvimento individual. Questões mais abrangentes não aparecem nas respostas.

Não aparece, por exemplo, a questão do consumismo. O discurso do Desenvolvimento Sustentável é reproduzido como se fosse suficiente para dar conta das mudanças que precisam ser implementadas. A visão de preservação para o futuro também é significativa, mas não se consegue perceber nas respostas um conjunto de elementos que questionem o modelo de sociedade em que se vive.

Nesse sentido, é notável o predomínio de uma abordagem de controle sobre as questões ambientais, intimamente relacionada a um modelo de educação ambiental trabalhado a partir de uma visão conservadora, associada ao mercado.

Cruzando-se essas respostas com as mudanças práticas indicadas no comportamento em relação ao meio ambiente, a afirmativa de que as mudanças efetivamente ocorreram é maciça. No entanto, é importante avaliar-se o teor dessas mudanças.

A Tabela 6 aponta quantitativamente as afirmações positivas em relação ao item comentado:

Tabela 6 – Mudanças após cursar a disciplina.

<b>HOUVERAM MUDANÇAS PRÁTICAS APÓS CURSAR A DISCIPLINA</b>	<b>QT. CIT</b>	<b>FREQ</b>
NÃO RESPOSTA	1	0,8%
SIM	105	80,2%
NÃO	25	19,1%
<b>TOTAL OBS</b>	<b>131</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pesquisa de campo (2009).

Apesar de ser uma questão aberta, as respostas estiveram concentradas em questões bem específicas demonstradas na Tabela 7:

Tabela 7 – Tipos de mudanças práticas após cursar a disciplina.

<b>TIPOS MUDANÇAS PRÁTICAS APÓS CURSAR A DISCIPLINA</b>	<b>QT. CIT</b>	<b>FREQ</b>
NÃO RESPOSTA	25	19,1%
REDUÇÃO CONSUMO DE ÁGUA	23	17,6%
REDUÇÃO CONSUMO DE ENERGIA	9	6,9%
REUTILIZAÇÃO E RECICLAGEM DE MATERIAIS	22	16,8%
REALIZAÇÃO DE COLETA SELETIVA	29	22,1%
REDUÇÃO USO DESCARTÁVEIS	7	5,3%
REDUÇÃO USO SACOLAS PLÁSTICAS	6	4,6%
CONSUMO CONSCIENTE	5	3,8%
COMPRA DE PRODUTOS ECOLOGICAMENTE CORRETOS	6	4,6%
NÃO JOGAR LIXO NA RUA	29	22,1%
AJUDAR A PROMOVER A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	20	15,3%
ZELO COM A NATUREZA	12	9,2%
OUTROS	28	21,4%
<b>TOTAL OBS</b>	<b>131</b>	<b>100%</b>

Fonte: Pesquisa de campo (2009).

O item outros, apesar de significativo em termos de percentual de citações, apresenta uma semelhança com os demais.

Vale ressaltar, também, que houve uma incidência considerável de não respostas, refletindo exatamente aqueles que apontaram não ter ocorrido mudanças práticas relacionadas à experiência na disciplina.

Como se pode ver, o foco está em ações de controle, o que caracteriza a multiplicação de uma visão ecoambiental conservadora. É quase insignificante o número de respostas que demonstram uma maior profundidade em relação ao tema, abordando questões de ordem cultural social, econômica ou política, ou que toquem na Educação Ambiental como possibilidade para tratamento dos problemas identificados.

A gestão ambiental vem, então, como ferramenta de orientação, para que sejam otimizadas as atividades dentro da empresa e revistos os processos de trabalho, orientando os funcionários a fazer coleta seletiva, economia de água, energia, papel, descartáveis, sem, no entanto, questionar a raiz de muitos problemas e trazer isso para a realidade dos alunos.

Os casos que têm valor são os que apresentam cenários de grandes empresas, as atividades que têm valor são as que envolvem visitas a grandes empresas, a disciplina tem uma orientação básica para a formação do gestor que precisa ter o conhecimento na área, pois segundo o depoimento de alguns professores, se for trabalhada num sentido mais amplo, os alunos perdem mais ainda o interesse.

Até agora, considerando-se o que foi apresentado nos discursos docente e discente, evidencia-se certa incompatibilidade entre as falas, pois, enquanto os docentes discorrem sobre resistência e barreiras relativas ao trabalho, os alunos reforçam que ampliaram sua consciência ambiental. Talvez a própria ideia do que seja consciência ambiental esteja distorcida e se isso representar perdas nos negócios, então, fica mais complicado ainda.

Na verdade, o discurso não corresponde a práticas que representem um entendimento mais amplo das questões que envolvem o meio ambiente. É inegável que se trata de um passo importante, mas insuficiente para que se forme um perfil de cidadãos questionadores e politizados capazes de interferir nos processos que envolvem o tema dentro e fora do ambiente empresarial.

O próximo item é relativo ao grau de importância atribuído à disciplina no contexto da formação profissional (Tabela 8).

Tabela 8 – Grau de importância da disciplina para a formação profissional.

QUESTÃO	NR	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	TOTAL
<b>GRAU IMPORTÂNCIA DISCIPLINA</b>	1	0	0	1	3	5	1	4	22	25	69	131

Fonte: Pesquisa de campo (2009).

Na continuidade, as principais justificativas apresentadas sobre o alto grau de importância atribuído à disciplina para a formação profissional.

**AMBIENTE COMO NATUREZA  
(Para Ser Apreciado, Respeitado, Preservado)**

“Como administrador teremos o poder de opinião e para tanto seremos mais responsáveis ainda. É de suma importância que saibamos preservar o que temos e na empresa isso será ainda mais significativo”.

“É de suma importância para desenvolver nos futuros administradores uma consciência sobre os aspectos sociais e ambientais”.

“Porque aprendemos novas leis e posturas perante a sociedade relativas ao meio ambiente e a importância de sua preservação”.

“A importância sem a menor dúvida e muito grande, porém tenho consciência que preciso melhor trabalhar na prática destas ações, afinal é a nossa vida e a dos nossos filhos e netos que pode estar em jogo”.

“Acredito que é importante para a compreensão da preservação do meio ambiente”.

“É uma disciplina esclarecedora de que devemos agir de forma positiva e rápido para a salvação do nosso planeta”.

“Essa disciplina me deu a oportunidade na prática de como devo fazer para contribuir na conservação do meio ambiente”.

**AMBIENTE COMO UM RECURSO  
(Para ser gerenciado)**

“É importante para aprendermos a cuidar melhor do ambiente e se preocupar com os resíduos gerados pelas empresas”.

“É importante porque contribui na percepção de ajudar o meio ambiente tornando os resíduos algo que gere empregos, ocupações e renda”.

“Hoje não se fala em outra coisa a não ser responsabilidade ambiental. Tenho que tomar conhecimento agora para futuramente aplicar na empresa de forma correta”.

“Infelizmente as empresas ainda não perceberam qual o impacto de se preocupar com o socioambiental, por isso fica difícil de passar para a organização coisas e pensamentos novos que aprendemos com a disciplina”.

“O profissional de administração necessita obrigatoriamente saber do impacto que seu ramo de atuação causa ao meio ambiente e a disciplina serve como um norteador para os futuros administradores”.

“Para as próximas décadas o mercado vai exigir que as empresas se adequem a exigência dos consumidores pelas suas responsabilidades socioambientais e terá a necessidade de profissionais preparados”.

“Porque através da questão ambiental podem ser adotadas varias políticas de redução no descarte de materiais de escritório ou de produção minimizando custos e favorecendo o meio ambiente”.

“Porque é a partir do desenvolvimento ambiental e social se intercalam a importância de um para o outro e que poluir sem desenvolver a prática ambiental é fora do sistema de DS e ambiental”.

“Por causa questão da conscientização ambiental, do respeito ao meio ambiente e da utilização adequada dos recursos naturais”.

“Essa disciplina ensina alternativas que poderão ser bem utilizadas buscando, tanto

economia como responsabilidade”.

“Formação de uma consciência pessoal que deve se estender as atividades desenvolvidas no meio profissional, buscando otimizar as ações e pensar em novas possibilidades que agridam menos o meio ambiente”.

“O aprendizado na fase acadêmica reforçará a responsabilidade que cabe ao meio organizacional e cada vez mais cedo aguçará novas ideias e estratégias que contribuirão para o uso sustentável do meio”.

**AMBIENTE COMO UM PROBLEMA  
(Para ser resolvido)**

“A construção civil é geradora de entulho e toda a sua cadeia produtiva influencia no meio ambiente podendo causar muitos danos ao mesmo”.

“A disciplina possui uma grandiosa importância, pois irá proporcionar mais na frente soluções que me impedirão de realizar algo dentro do ambiente organizacional que poderia me prejudicar”.

“Achei importante pelo mercado verde que vem crescendo muito. Também pelo próprio planeta”.

“Através da disciplina conhecemos as responsabilidades do administrador na área de meio ambiente para que possamos evitar um dano maior para a empresa e para o meio em que vivemos”.

“Com ela buscamos menos poluição. Aprendemos o que é prejudicial ao meio ambiente e responsabilidade social”.

“Com essa disciplina passei a ter uma visão ampla sobre o meio ambiente e quais são as minhas responsabilidades e o quanto posso ajudar na empresa que trabalho se for necessário”.

“Como vou administrar ou dizer que sou um administrador se não tenho responsabilidade social. Se minhas atitudes e decisões podem contribuir para o aumento do aquecimento global”?

“De grande valia, pois com ela o gestor consegue ver o problema outros olhos”.

“Devemos estar cada vez mais ligados nos problemas que se referem ao meio ambiente, pois estamos sofrendo cada vez mais com o agravamento do mesmo e devemos ter em mente que sem o meio ambiente o homem não viverá”.

“É conhecimento principal para um profissional que queira trabalhar em um mercado mais envolvido na resolução das questões ambientais”.

“É importante para a formação não apenas por ser uma tendência do século XXI, mas também por ser uma nova ideologia fundamental para a sobrevivência de qualquer organização”.

“É importante, pois o meu objetivo é administrar uma empresa que seja marco em responsabilidade social”.

“É praticamente essencial de uma empresa, porque o nosso mundo está indo de mal a pior devido as irresponsabilidades das empresas”.

“É uma grande melhoria para o futuro Administrador, pois o meu trabalho de gestão ambiental e fundamental para o bom resultado da empresa”.

“Em relação ao local, as proximidades e a responsabilidades social para com a empresa instalada é fundamental e necessária a importância dessa disciplina”.

“Em varias áreas que a administração atua essa disciplina representa diferenciais de competitividade”.

“Essa disciplina proporciona ao profissional o conhecimento acerca dos impactos decorrentes das atividades desenvolvidas por empresas e a ação do homem e busca apresentar ferramentas para que elas trabalhem do forma limpa”.

“Estou cursando administração e irei administrar uma empresa onde terei que ser responsável pela legalização da mesma, assim irei fazer o possível para trabalhar corretamente”.

“Eu trabalho na administração de incineração de resíduos e essa disciplina me ensinou a ver coisas que não percebia e tudo está ligado a empresa onde exerço minha profissão”.

“O administrador tem que saber sobre o meio ambiente, licenças e o que a lei permite”.

“Para ficar um passo a frente em relação a concorrência com o conhecimento adequado. Para orientar novos administradores mais conscientes de seu papel com o meio ambiente tanto em casa como no trabalho”.

“Podemos analisar como futuros administradores a importância do meio ambiente. Como as futuras empresas em que trabalharemos, gerenciaremos, poderão se manter regularmente na lei e seguindo as normas do lado ambiental”.

“Pois é com essa disciplina que estou aprendendo a valorizar a responsabilidade social e o meio ambiente para poder desempenhar minha formação”.

“Pois é necessário eu saber que estou agindo certo diante do obstáculo que me aparecer, até porque eu tenho um comércio e agora já sei como agir para não afetar o meio ambiente”.

“Pois tenho sempre que tomar decisões que podem influenciar de forma positiva ou negativa o meio ambiente”.

“Por causa da legislação que é bastante clara quando se trata de meio ambiente”.

“Porque a cada dia que passa a parte ambiental vem se destacando mais pelo fator econômico”.

“Porque acho fundamental praticar o desenvolvimento sustentável”.

“Tem suma importância porque se as empresas não tomarem essa atitude de serem responsáveis tanto socialmente quanto ambientalmente não continuarão no mercado”.

“Temos que preservar o futuro e nos adequar as mudanças. Os clientes estão mais exigentes e preocupados com a questão ambiental procurando produtos ecologicamente corretos”.

“Todo administrador deve conhecer o básico das leis ambientais, pois se um dia o chefe quiser saber se poluiu a ponto de ser multado ou não o administrador deverá saber”.

“Vou ter mais cuidado e analisar se estou cometendo crime ambiental antes de abrir

minha empresa”.

“Essa disciplina mostra como o meio ambiente está sendo danificado e como poderemos fazer no futuro quando formos grandes empresários o melhor caminho quando falar de meio ambiente”.

“Um administrador conscientizado ambientalmente tem um melhor desempenho”.

“Um bom administrador deve ter em mente o progresso sem destruição mais somando o já existente”.

**AMBIENTE COMO UM LUGAR PARA SE VIVER  
(para conhecer e aprender sobre, para planejar, para cuidar)**

“É importante conhecer nossas responsabilidades para com o meio ambiente”.

“É um fato que no futuro essa questão irá monopolizar a sociedade, portanto a importância de nosso entendimento sobre o assunto”.

“É uma tamanha responsabilidade para o ser humano contribuir com as necessidades do meio ambiente e para isso é preciso estudar mais detalhadamente sobre o assunto”.

“Ela é muito importante para o meio ambiente e nos termos de consciência de cuidar da natureza”.

“Ela mostra algo que nos esquecemos de praticar desde cedo devido aos hábitos da sociedade e traz a tona a responsabilidade de cuidar do ambiente e do outro”.

“Hoje temos que cuidar do meio ambiente se não sofreremos graves consequências, portanto a disciplina é importante para sabermos que temos que salvar o planeta”.

“Pois atualmente há uma busca em geral de diminuir a agressão ao meio ambiente”.

“Porque interfere na qualidade de vida e promove mudanças na forma de agir e pensar”.

**AMBIENTE COMO A BIOSFERA  
(onde se deve viver juntos, no futuro)**

“Acredito que todos devem ser orientados sobre a questão ambiental para a manutenção da vida na terra”.

“Antes da disciplina pensava e agia de maneira diferente. Após a disciplina percebi que posso contribuir para um futuro melhor com pequenas atitudes em casa ou em qualquer outro lugar”.

“Creio que a continuidade da espécie humana irá depender das ações que nos tomaremos ao longo do tempo”.

“É importante porque sem o meio ambiente não há vida na terra”.

“Pois o meio ambiente é muito importante para a vida de todos nós”.

“Pois as atitudes de hoje vão influenciar o amanhã”.

“Porque é preciso manter um ambiente saudável para todos viverem bem”.

“Tem a ver com a nossa sobrevivência”.

“Pelo fato de que tudo se relaciona com o meio ambiente e os recursos são



limitados e de que a terra é um bem de todos”.

**AMBIENTE COMO PROJETO COMUNITÁRIO  
(com o qual se está envolvido)**

“É importante ter uma consciência ambiental para cobrar das autoridades o que nos é de direito”.

“É importante visto que as empresas hoje também estão preocupadas com as questões ambientais. Há um envolvimento entre empresa, ambiente e sociedade”.

“É muito importante sabermos porque quando formos administrar uma organização sabermos que somos os responsáveis por tudo e por todos.

“Acredito que todos os cursos deveriam ter essa cadeira em caráter obrigatório”.

“Vai contribuir bastante não só no benefício que eu estarei fazendo para o meio ambiente em tentar ao máximo não poluir e etc, como também trabalhar isso na minha empresa, na minha família, no meu bairro”.

“Essa disciplina deveria ser ensinada desde as primeiras series, desde o ensino básico, para se construir uma base social responsável”.

“Isso é uma filosofia de vida. Precisamos transformar o capitalismo selvagem e egoísta em sustentabilidade que vise o bem universal e o desenvolvimento”.

“A importância é para que possamos nos educar. Meio ambiente engloba muita coisa, como: política, florestas (ambiente), empresa, família, cultura, enfim, é importante para aprendermos a mudar, a ter atitude”.

Nesse item apareceram, de forma mais clara, as percepções acerca da disciplina e do que está sendo trabalhado e o impacto disso na vida de cada aluno. O grupo de respostas com maior número é o que representa as motivações associadas às demandas profissionais e de mercado.

O segundo maior apresenta a necessidade de preservação (ingênua) do meio, associando a qualidade de vida e o futuro do planeta.

Considerando-se os textos do primeiro grupo, percebe-se que a ideia de que se pode controlar o meio ambiente é bem presente. “Vou desenvolver as minhas atividades de forma sustentável”; “Vou reciclar papel”. Esse tipo de resposta aponta a visão de gestão associada ao controle que ainda predomina e que faz com que a sociedade permaneça no mesmo lugar.

O modelo de economia ou sociedade não é questionado em momento nenhum. Quanto ao consumo, fala-se em produtos verdes, mas em nenhum momento o consumismo é referenciado.

As respostas refletem a superficialidade de conhecimento em torno das questões ambientais e do cenário atual associado à ação profissional e à preservação ecológica.

O que se observa, em diversos momentos, é uma mera reprodução do discurso docente.

As bases para o trabalho estão pautadas nas demandas externas e não em uma necessidade interna e individual de realização de mudanças a partir de um conhecimento amplo sobre o cenário ambiental atual e as reais necessidades de envolvimento e participação da sociedade.

A preocupação com o futuro do planeta é ineficaz quando não gera mudanças que direcionem a sociedade para outro caminho, ecológica e socialmente adequado.

Dessa forma, a partir dos resultados, reafirma-se a percepção de que nos cursos de Administração, o modelo de Educação Ambiental trabalhado é fortemente condicionado por um viés ambiental conservador, que contribui para a perpetuação do modelo de sociedade vigente.

## 7 CONCLUSÃO

O modelo de Educação Ambiental Crítica trabalhado por meio de metodologias ativas é a chave para que se consiga implementar as mudanças de percepção necessárias nos cursos de Administração, não apenas com relação ao meio ambiente, mas a uma ampliação da posição que os estudantes devem assumir como cidadãos diante dos desafios que se apresentam atualmente nas mais variadas instâncias.

Assim, no que se refere ao objetivo a que se propôs, acredita-se que a pesquisa aponta claramente a orientação do trabalho com Educação Ambiental nos cursos de Administração na cidade de Fortaleza. As características presentes nas respostas refletem uma série de limitações no que se refere ao cenário ambiental atual, tanto no que tange ao discurso docente quanto ao discente. No que tange aos discursos docente e discente é notável uma influência direta do primeiro em relação ao segundo.

O trabalho em disciplinas relacionadas ao tema ambiental deve ser proposto a partir de um contexto diferenciado, que traga a realidade de cada indivíduo para a sala de aula, focando em questões associadas ao cotidiano dos educandos, numa pretensão de problematizar e contribuir com a compreensão crítica da realidade.

Aulas expositivas que apresentam apenas uma “teoria” solta e depois focam em aspectos de gerenciamento dos problemas ambientais considerando as necessidades das organizações não apresentam potencial para formar profissionais com perfil diferenciado e capacidade de questionar suas ações dentro e fora do contexto organizacional, pensando não apenas nas necessidades do negócio em si ou do mercado, nas exigências dos clientes, na competitividade, mas avaliando suas decisões como cidadão consciente de suas atitudes e das consequências delas para o bem da sociedade, incorporando a justiça social e o equilíbrio ambiental como elementos básicos.

Expondo, agora, um pouco da experiência desta pesquisadora como docente, tem-se tentado trabalhar a mesma disciplina no curso de Administração de uma instituição educacional em Fortaleza a partir da aplicação de metodologias ativas, levando os alunos a determinarem seus focos de interesse e, a partir deles, elaborarem e implementarem projetos voltados para o tema.

Nesse percurso, eles deparam com uma série de questões que extrapola o objetivo traçado para o projeto e se dão conta da abrangência do tema meio ambiente, passando a assumir uma postura proativa e questionadora no ambiente em que estão inseridos.

Compreender criticamente, como afirma Paulo Freire (ano), é ir às raízes na busca da razão de ser. Isto implica a adoção de uma postura politicamente democrática e comprometida com a sociedade unânime e solidária, única capaz de manter a condição essencial para a continuação da vida humana na terra.

Essa experiência tem gerados frutos que extrapulam as orientações voltadas para o mercado ou para a empresa, fazendo com que os alunos se percebam, antes de mais nada, cidadãos.

Nessa perspectiva, a visão que se consolida a partir das experiências no macroambiente os direciona de forma diferenciada no microambiente. Problemas que antes conheciam apenas de ouvir falar passam a ser vivenciados por eles, que desenvolvem uma sensibilidade maior e uma postura mais questionadora e crítica.

A Figura 4 demonstra de forma clara essa proposta pedagógica, que não é novidade, mas assume essa condição quando associada a essa área de formação profissional.

Figura 4 – Proposta de trabalho de EA em Administração.



Fonte: Elaborada pela autora (2011).

Acredita-se nesse como um caminho possível para orientar o trabalho com educação ambiental não apenas nos cursos de Administração, mas em tantas outras áreas que continuam trabalhando o tema a partir de uma visão fragmentada e desconectada da realidade dos alunos.

Vale salientar que a Educação Ambiental Crítica está muito além de se constituir em um tema transversal a mais, emergindo da comunidade educativa. É um forte elemento para a construção e exercício da cidadania, representando uma ponte pela qual toda a sociedade precisa passar a fim de rever conceitos e redefinir prioridades, criando, assim, caminhos diferentes e novas opções, mais positivas, para o futuro.

A participação da sociedade civil possibilitará uma interferência positiva na gestão pública, se constituindo como fator determinante na escolha de prioridades e tomada de decisões. Essa participação, que é um direito social, deve ter um caráter processual, coletivo e ser transformadora a partir de uma intervenção consciente feita por cidadãos críticos sobre situações que lhes dizem respeito e à comunidade da qual participam.

É essa participação inclusiva que constitui uma necessidade humana básica e universal, de certa forma deixada de lado, indicando que indivíduos e grupos, no exercício de sua cidadania, são capazes de se mobilizar para obter objetivos sociais por meio da criação de mecanismos legais de representatividade tais como comitês, conselhos e associações de classe, dentre outros, atuando na construção de políticas públicas compatíveis com os interesses da maioria.

A Educação Ambiental é educação, e, portanto, se configura como um processo. Representa uma resposta ao complexo quadro de degradação ambiental, sendo um dos alicerces que sustentam a possibilidade de sua reversão. Para que isso aconteça, no entanto, deve ser desenvolvida de forma continuada a partir de encaminhamentos integrados, dentre os quais figuram a definição de objetivos claros, a elaboração de uma metodologia coerente com o referencial teórico e a superação das dificuldades reveladas pelos educadores e educadoras. Não é uma tarefa fácil, no entanto, é uma das chances de que se dispõe, como coletividade, de garantir a existência de um futuro, o futuro deste planeta.

Talvez ainda não se perceba, apesar da pequena evolução havida das discussões sobre o tema e da inserção da própria Educação Ambiental em instituições que atingem os vários segmentos da sociedade, a predominância de

atitudes que indiquem uma percepção crítica diferenciada que leve a ações também críticas e reflexivas.

Mas como a educação é um processo gradativo, acredita-se que as mudanças nos indivíduos, que envolvem questões de ordem, poderão ocorrer da mesma forma. O importante é se continuar firme, como educadores, desenvolvendo e estimulando a construção e o exercício da cidadania para o bem comum.

Há que se estar preparado para romper com um modelo de educação ambiental baseado no paradigma cartesiano-mecanicista, extremamente limitado para promover qualquer tipo de mudanças no cenário atual. A crise ambiental não é uma crise meramente ecológica; o meio ambiente não se resume a natureza.

Na medida em que cada indivíduo estiver preparado para assumir um papel ativo e atuar como interlocutor, defendendo ideias e ações socialmente favoráveis, passa a se constituir uma nova relação entre Estado e sociedade. A Educação Ambiental Crítica é a ferramenta que, incorporada à vida de cada um, possibilitará o crescente envolvimento da participação da sociedade na construção de uma nova história, não só para uma região específica, mas com repercussão planetária.

## REFERÊNCIAS

PETAMELLA, L. AMORIM, M.L. A tensão modernidade/pós-modernidade como força propulsora das simbioses contemporâneas e o cotidiano escolar. **Conjectura**, v. 15, n. 2, p. 165-174, 2010.

BARBIERI, J. Educação Ambiental e a Gestão Ambiental nos cursos de graduação em Administração: objetivos, desafios e propostas. **Revista de Administração Pública**, v. 38, n. 6, p. 919-946, 2004.

BRASIL. Casa Civil da Presidência da República. **Lei nº 4.769, de 9 de setembro de 1965**. Dispõe sobre o exercício da profissão de Técnico de Administração, e dá outras providências. 1965. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L4769.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4769.htm)>. Acesso em: 22 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente. Departamento de Educação Ambiental. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. **Carta de Belgrado**. 1975. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=20&idConteudo=962>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Casa Civil da Presidência da República. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. 1999. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm)>. Acesso em: 25 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente. **A Educação Ambiental**: informe geral. Brasília: Diretoria de Educação Ambiental, 2000.

CARVALHO, L. **A temática ambiental e a escola de 1º grau**. 1989. 286 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 1989.

COVRE, M. **A formação e a ideologia do administrador de empresa**. Petrópolis: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. **Educação Ambiental**: princípios e práticas. 8. ed. São Paulo: Gaia, 2003.

DOWBOR, L. Educação, tecnologia e desenvolvimento. In: BRUNO, L. **Educação e trabalho no capitalismo**. São Paulo: Atlas, 1996.

FACULDADE CEARENSE. **Matriz curricular do curso de Administração**. 2011. Disponível em: <[http://www.faculdadescearenses.edu.br/graduacao/curso\\_Matriz.aspx?idCurso=82](http://www.faculdadescearenses.edu.br/graduacao/curso_Matriz.aspx?idCurso=82)>. Acesso em: 20 jul. 2011.

FACULDADE INTEGRADA DA GRANDE FORTALEZA. **Estrutura curricular – Administração**. 2011. Disponível em: <<http://www.fgf.edu.br/default.asp>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

FACULDADE METROPOLITANA DA GRANDE FORTALEZA. **Matriz curricular 2011.1. Administração**. 2011. Disponível em: <<http://www.faculdefametro.com.br/administracao/matriz-curricular>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

FERNANDES NETO, J. **Das concepções às práticas: educação ambiental, meio ambiente e qualidade de vida no ensino fundamental**. 2005. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.

FIGUEIREDO, J. B. A. **Educação ambiental dialógica e representações sociais da água em cultura sertaneja nordestina: uma contribuição à consciência ambiental em Irauçuba – CE (Brasil)**. 2003. 347 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Educação Ambiental Dialógica: as contribuições de Paulo Freire e da cultura sertaneja nordestina**. Fortaleza, CE: Ed. UFC, 2007. (Coleção Diálogos Intempestivos, 43)

GIDDENS, A. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

GOUVÊA, G. R. R. **Dispedagogia e deseducação ambiental: reflexões sobre as práticas usualmente utilizadas em Educação Ambiental**. IV Encontro Sul Brasileiro de Educação Ambiental. Goiânia. 2004.

GUERRA, E. O Ensino Superior de Administração no Brasil: desafios do novo milênio. In: ENANGRAD, 12, 2001. São Paulo. **Anais...** 2001. Disponível em: <[http://www.angrad.com/artigos\\_xii\\_enangrad.asp](http://www.angrad.com/artigos_xii_enangrad.asp)>. Acesso em: 19 nov. 2002.

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental: no consenso um embate?** Campinas: Papyrus, 2000.

KIOURANIS, N. **Educação e percepção ambiental: estudo com alunos de Ensino Médio**. 2001. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências-Ensino de Química) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

KRUGLIANSKAS, Isak, **Ensino da Gestão Ambiental em Escolas de administração de empresas: a experiência da FEA/USP**. ENCONTRO NACIONAL DE GESTÃO EMPRESARIAL E MEIO AMBIENTE. In: Anais... São Paulo: FEA/USP, EAESP/FGV, 1993.

\_\_\_\_\_. **Educação para a Gestão Ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais**. In: LOUREIRO, C.; LAYRARGUES, P.; CASTRO, R. de (Orgs.). **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. São Paulo: Cortez, 2002.



\_\_\_\_\_. Educação Ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania. In: LOUREIRO, C.; LAYRARGUES, P.; CASTRO, R. de. **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **O movimento ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Cidadania e meio ambiente**. Salvador: Centro de Recursos Ambientais da Bahia, 2003b.

MAANEM, J. Reclaiming Qualitative Methods for Organizational Research: a Preface. **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n. 4, p. 520-526, Dec. 1979.

ROBOTOM, I.; HART, P. **Research in Environmental Education**. Geelong, Australia: Deakin University Press, 1993.

SALGADO, 2002.

SAUVÉ, L. **Éléments d'une théorie du design pédagogique en éducation relative à l'environnement**, Thèse de doctoral, Université du Québec à Montréal, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pour une éducation relative à l'environnement**. Montréal: Guérin/Eska, 1994.

TACHIZAWA, T. Gestão ambiental e responsabilidade social corporativa: estratégias de negócios focadas na realidade brasileira. São Paulo: Atlas, 2004.

THE MATRIX Revolutions. Direção: Andy Wachowisk, Larry Wachowski. Produção: Grant Hill e Joel Silver. Atores: Keanu Reeves, Laurence Fishburne. Carrie-Anne Moss, Hugo Weaving. Roteiro: Andy Wachowski e Larry Wachowski, baseado nos personagens criados por Andy Wachowski e Larry Wachowski. Estúdio: Warner Bros. / NPV Entertainment / Silver Pictures / Village Roadshow Pictures. Distribuidora: Warner Bros. Lançamento: 2003 (EUA) (129 min.).

THOMAZ, C. **Educação Ambiental na formação inicial de professores**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2006.

UNIVERSIDADE DE FORTALEZA. **Matriz curricular do curso de Administração**. 2011. Disponível em: <[http://uol02.unifor.br/oul/pages/academico/graduacao/novoSite/detalheCursoPL.jsp?p\\_cd\\_curso=41&p\\_tipo\\_pagina=grad](http://uol02.unifor.br/oul/pages/academico/graduacao/novoSite/detalheCursoPL.jsp?p_cd_curso=41&p_tipo_pagina=grad)>. Acesso em: 20 jul. 2011.

**WCED**. Our common Future. Oxford: Oxford University Press, 1987.

**APÊNDICE A – Pesquisa: educação e gestão ambiental no ensino superior -  
Questionário (Discentes)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



**PESQUISA: EDUCAÇÃO E GESTÃO AMBIENTAL NO ENSINO SUPERIOR**

Semestre: 20\_\_ Professor: \_\_\_\_\_  
 Instituição de Ensino: \_\_\_\_\_  
 Data Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Sexo: F ( ) M ( )  
 Trabalha? ( ) SIM NÃO ( )  
 Área de Atuação \_\_\_\_\_

1. Houve alguma mudança na sua compreensão sobre o que é o Meio Ambiente após cursar esta disciplina?

SIM	
NÃO	

1.1 Se a resposta for SIM, relate de forma breve o que você acha que mudou.

2. Em relação ao SEU GRAU DE RESPONSABILIDADE em relação a problemas ambientais atuais, marque nas escalas abaixo o número que mais se aproxima de o quanto você se achava responsável e/ou envolvido no agravamento dos mesmos ANTES de cursar esta disciplina e o quanto você se acha responsável agora, DEPOIS de cursar essa disciplina:

ANTES

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

DEPOIS

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

Justifique em poucas palavras o PORQUÊ da mudança:

3. Em termos de comportamentos e atitudes práticas, coisas que você PENSA E FAZ no seu dia-a-dia, alguma coisa mudou em relação ao meio ambiente após cursar essa disciplina?

SIM	
NÃO	

3.1 Se a resposta foi SIM, relate de forma breve o que mudou.

4. Na escala abaixo que vai de 0 a 10, marque qual a sua percepção sobre a importância dessa disciplina para a sua formação profissional e abaixo faça uma pequena justificativa relacionada à sua escolha.

	0		1		2		3		4		5		6		7		8		9		10
--	---	--	---	--	---	--	---	--	---	--	---	--	---	--	---	--	---	--	---	--	----

**4.1 Justificativa**

**5. A disciplina foi trabalhada de maneira satisfatória durante o semestre?**

<b>SIM</b>	
<b>NÃO</b>	

**5.1 Se a resposta anterior foi NÃO, o que você acha que poderia melhorar?**

**APÊNDICE B – Pesquisa: educação e gestão ambiental no ensino superior -  
instrumento Entrevista (Docentes)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO




---

**PESQUISA: EDUCAÇÃO E GESTÃO AMBIENTAL NO ENSINO SUPERIOR**

Nome: \_\_\_\_\_

Instituição de Ensino: \_\_\_\_\_

Data Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Sexo: F ( ) M ( )

Área (s) de Formação:

Nível de Formação: ( ) Graduado ( ) Especialista ( ) Mestre  
( ) Doutor ( ) PhD

IES: \_\_\_\_\_

Área (s) de Atuação / Atividades Profissionais

---

1. Como e quando começou a trabalhar com a disciplina?
2. Qual a motivação para esse trabalho?
3. Já recebeu alguma formação específica para o trabalho com Educação Ambiental? Se SIM, quando e onde?
4. Qual a sua percepção ou visão sobre o que é Educação Ambiental?
5. Que elementos fundamentam o seu trabalho com essa disciplina e Qual o objetivo (seu como docente) a alcançar com ela?
6. Que direcionamento procura dar ao conteúdo?
7. Qual a metodologia utilizada em sala?
8. Que tipo de recursos didáticos utiliza?
9. Na sua visão por que é importante para o aluno do curso de administração ofertar esta disciplina?
10. Você percebe alguma limitação no trabalho com educação ambiental no ensino superior? Se sim, qual?
11. No que você acha que poderíamos melhorar o trabalho com Educação Ambiental no ensino superior?

**ANEXAR PROGRAMA DA DISCIPLINA E PLANO DE ENSINO**